



# BIBLIOTECA E COMUNIDADE

## Entre vozes e saberes

*Lidia Eugenia Cavalcante  
Fátima Maria Alencar Araripe  
(Organizadoras)*

*Alain Souto Rémy  
Ana Maria Sá de Carvalho  
Juliana Buse de Oliveira Rémy  
Luís Tadeu Feitosa  
Maria Eugenia Bentemuller Tigre  
Virginia Bentes Pinto*



A vibrant yellow paint splatter graphic is positioned on the left side of the page, partially overlapping the text. It features a central, dense yellow mass with numerous thin, radiating lines and smaller splatters extending outwards, creating a dynamic and energetic feel.

# BIBLIOTECA E COMUNIDADE

Entre vozes e saberes



# BIBLIOTECA E COMUNIDADE

## Entre vozes e saberes

*Lidia Eugenia Cavalcante  
Fátima Maria Alencar Araripe  
(Organizadoras)*

*Alain Souto Rémy  
Ana Maria Sá de Carvalho  
Juliana Buse de Oliveira Rémy  
Luís Tadeu Feitosa  
Maria Eugenia Bentemuller Tigre  
Virginia Bentes Pinto*

**Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes**© 2014 Copyright by Lidia Eugênia Cavalcante e Fátima Maria Alencar Araripe (Organizadores)  
Impresso no Brasil/Printed in Brazil  
Efetuado Depósito Legal na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimental - CE

**Todos os Direitos Reservados**

**Produção Editorial**

**Revisão de Texto**

**Vianney Mesquita**

Amanda Alboino

Hortência Siebra

**Programação Visual e Diagramação**

Amanda Alboino

**Colaboração projeto gráfico**

Hortência Siebra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Catalogação na fonte

*Bibliotecária Mirislene Vasconcelos*

B581                      Biblioteca e Comunidade: entre vozes e saberes / Lidia Eugenia Cavalcante; Fatima Maria Alencar Araripe [orgs]; Alain Souto Rémy; Ana Maria Sá de Carvalho; Juliana Buse de Oliveira Rémy; Luís Tadeu Feitosa; Maria Eugenia Bentemuller Tigre; Virgínia Bentes Pinto – Fortaleza, CE: ed., 2014  
160p.

ISBN: 978-65-00-08286-9

1. Biblioteca comunitária. 2. Organização de biblioteca 3. Informação e comunidade. I. Título.

CDD 023.2

# SUMÁRIO

**13** Metodologias para implantação de Bibliotecas Comunitárias

*Lidia Eugenia Cavalcante*

**25** Bibliotecas autogeridas e participação comunitária

*Lidia Eugenia Cavalcante*

**33** Bibliotecas Comunitárias: Questões jurídicas

*Alain Souto Rémy*

**53** Elaboração de projetos de leitura para Bibliotecas Comunitárias

*Ana Maria Sá de Carvalho*

**69** Perfil de usuários, fontes de informação e constituição de acervos  
Juliana Buse de Oliveira Rémy

*Juliana Buse de Oliveira Rémy*

**87** Leitura e Dinamização de Acervos: Um Banquete de Luzes,  
Cores, Fantasias, Realidades...

*Fátima Maria Alencar Araripe*

**103** Comunicação e Cultura: As faces e os sotaques da Biblioteca  
Comunitária

*Luís Tadeu Feitosa*

**117** Biblioteca comunitária e Educação Ambiental: Construindo  
comunidades sustentáveis

*Maria Eugênia Bentemuller Tigre*

**131** Ideias de como elaborar projetos sociais para Bibliotecas  
Comunitárias

*Virgínia Bentes Pinto*



A todas(os) as(os)  
moradoras(es)  
das comunidades que  
nos ajudam nessa tarefa  
de ler o mundo e as suas  
histórias



# PREFÁCIO

Convidada para escrever o prefácio desta obra, vejo-me na condição de orientar o leitor na jornada que se inicia. Uma condição muito especial, pois nos últimos anos tenho viajado pelo País, pesquisando e conhecendo experiências e lideranças envolvidas na constituição de bibliotecas comunitárias e, nesses encontros, tenho me deparado com questões recorrentes que este livro propõe a responder.

*Biblioteca e Comunidade:* entre vozes e saberes é um exemplo de produção coletiva resultante de uma experiência pedagógica vivenciada e de reflexões geradas em um ambiente acadêmico, com origem no projeto de extensão universitária “Ler para Crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios cearenses”, coordenado pela Profa. Lídia Eugenia Cavalcante, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Sob o ponto de vista acadêmico, é um referencial para a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois é a construção de uma rica aproximação entre a teoria, a prática e a produção de conhecimento no ambiente acadêmico aplicado à realidade social. Sob o ponto de vista social, é uma grande contribuição para aqueles que atuam como militantes culturais, enfrentando os desafios que envolvem a criação e manutenção de espaços de leitura e informação em suas localidades com vistas a minimizar a carência de bibliotecas públicas e escolares no País.

Organizado em nove módulos, apresenta, de forma clara e objetiva, conceitos, orientações práticas, modelos e propostas de atividades para pessoas, grupos e/ou instituições envolvidos nesse tipo de iniciativa.

Cavalcante inicia a obra com dois textos. O primeiro é reservado à apresentação de metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias. Ao descrever as ações desenvolvidas no projeto, pensado e implementado com o objetivo de envolver os integrantes num processo educativo, social e cultural, a autora dá ao leitor importante instrumental para que esta metodologia possa ser multiplicada. Descreve o objetivo do projeto, as etapas percorridas, o cuidado com as comunidades, com a formação das equipes que atuaram no projeto e com as escolhas conceituais e metodológicas para envolver e desencadear um processo participativo de construção de bibliotecas comunitárias.

No segundo texto, de maneira conceitual, Cavalcante discute a importância da autogestão e da participação da comunidade na criação e manutenção desses espaços e serviços, ressaltando o papel dessas bibliotecas para a valorização da diversidade cultural, da geração de autonomia social e do fortalecimento da educação transformadora.

As questões jurídicas relativas à constituição deste tipo de iniciativa são abordadas por Alain Rémy. Com uma linguagem fácil e de cunho didático, o autor esclarece os papéis e as responsabilidades que envolvem as pessoas envolvidas nesse tipo de projeto. Apresenta o passo a passo para a constituição de pessoa jurídica, demonstrando a importância com o cuidado em estabelecer condições legais e favoráveis para que o projeto se configure como uma ação contínua e que possa se firmar na comunidade.

Outro tema fundamental para quem atua em bibliotecas comunitárias se refere a projetos de leitura. Carvalho traz orientações para a elaboração de projetos de leitura vistos como um instrumento para a viabilização de uma ideia, e acrescenta dicas sobre atividades de leitura para distintos grupos - crianças, jovens e adultos.

Juliana Rémy discute a necessidade da biblioteca comunitária, assim como de qualquer outra biblioteca, destinar seu foco ao usuário/leitor. Identificar as necessidades de informação e de leitura dos usuários de uma biblioteca é prerrogativa para a constituição e organização de

suas coleções e do seu acervo como um todo, assim como para a proposição de serviços e ações de estímulo à leitura.

De maneira complementar, Araripe oferece ao leitor um texto encantador e envolvente sobre a leitura e a necessidade da dinamização das coleções. Nesse momento, é possível perceber que não basta uma estante cheia de livros, não é suficiente que estes livros sejam de qualidade e estejam muito bem organizados, mas é preciso que a leitura, nas suas diferentes formas e sentidos, esteja presente em todas as ações da biblioteca comunitária.

Feitosa dá o contorno necessário para contextualizar a biblioteca comunitária no espaço social abordando aspectos que envolvem a cultura, a identidade, a memória e a comunidade. Recomenda “ouvir as pessoas, chamar as pessoas para mostrarem o que são o que gostam e o que podem fazer para construir a biblioteca comunitária”, estabelecendo assim a cultura do diálogo.

O cuidado com o Planeta é tratado por Tigre, por meio da proposta da formação de comunidades sustentáveis. A autora enfatiza a importante contribuição da biblioteca na mudança de hábitos e comportamentos da sociedade, com vistas à melhoria das relações entre as pessoas e o meio ambiente.

Por fim, Pinto elabora um guia para a feitura de um projeto social voltado para a constituição de uma biblioteca comunitária. A autora oferece àqueles que estão iniciando seu trabalho um modelo detalhado de projeto de captação de recursos para a implantação de uma biblioteca.

Bibliotecas são instituições carregadas de significados. Especialmente aquelas criadas e mantidas pelas próprias comunidades, caracterizadas no País como bibliotecas comunitárias, se transformaram em um tema emergente, tal a força com que essas iniciativas se posicionam no universo de organizações sociais voltadas para a democratização do acesso à leitura e à informação. Criar e manter uma biblioteca comunitária, no entanto, não é uma tarefa simples e aqueles que se propõem enfrentar esse desafio precisam de instrumentos para desvendar seus caminhos e qualificar suas ações. Esta obra, elaborada por especialistas da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, vem cumprir esse papel, pois se mostra como um instrumento de apoio e propicia a percepção dos conceitos, práticas e normas balizadoras que envolvem essa atividade.

Elisa Machado

# APRESENTAÇÃO

O quintal, cuidadosamente zelado pela avó e pela mãe, tinha nas muitas fruteiras o refúgio do menino. De tão frondosos, todos os “pés-de-pau” – era assim que ele os chamava – pareciam exibirem-se uns aos outros, com suas folhagens densas, farfalhando aos ventos e seus caules, em cujos entroncamentos o menino construía suas cabanas de palha de coco. Para a visão daquela criança, aquele paraíso verde era composto de gente. Não gente como ele, mas a extensão de seus sonhos e fantasias. As árvores não apenas tinham seus nomes, mas dialogavam com o imaginário daquele infante sob o signo de outras nomeações.

A mangueira era a vovó, corpulenta e acolhedora. O cajueiro era o vovô: alto, esbelto e de gosto azedo, quando não se tinha a paciência de esperar pela doçura de seus frutos. Contrastando com o verde das folhagens, o azul do céu parecia dar as mãos com a brancura das areias daquele bairro distante. O branco fofo das areias debaixo do paraíso era a mãe. O coqueiro maior era o pai. Os pés de limão, de graviola, de sapoti, de laranja, de cajarana formavam a outra família do menino sonhador. Ali ele passou toda a sua primeira infância, sonhando, criando, conversando, imaginando. E dali só se ausentava nas manhãs frias para as primeiras descobertas da sala de aula.

Até os dezesseis anos, o menino viveu com intensidade a magia do seu quintal, que se lhe apresentava como um laboratório perceptivo. Do diálogo solitário que travou com as árvores, com o céu que as cobria e com a areia branca que as acolhia, nosso personagem passou a mediar as falas do paraíso verde, com as vozes que ouvia na escola. Somente aos doze anos foi que o menino soube que aquele paraíso tinha um nome, entre tantos outros que se poderia dar àquele conjunto de fruteiras. Assim, o quintal acolhedor, que ele um dia descobriu, se chamava pomar. Iniciado pelo laboratório perceptivo natural, que o fazia um leitor do mundo, o menino descobriu-se leitor de livros. Foi num deles que descobriu que o seu paraíso se constituía num pomar.

Chovia muito quando o menino, então com doze anos, entrou pela primeira vez na biblioteca escolar de uma escola pública, da mesma periferia onde nascera e ainda morava. A disposição de estantes formava outra modalidade de labirinto; diferente na composição das cores de seu paraíso natural, mas nada distante das infinitas possibilidades de exercício perceptivo, criador, imaginativo. Se o espaço e o formato daquele lugar se lhe pareciam novos, não seria diferente a magia da descoberta. Ao folhear o primeiro livro, o menino percebeu outros labirintos: os das disposições das vozes deitadas na escrita, a lhe contar coisas; a lhe descrever mundos; a lhe dirigir ao fantástico.

Em Reinações de Narizinho, um livro sem nenhuma gravura ou cor, o agora leitor de letras viu saltar daquelas páginas a voz doce e forte de uma avó a contar histórias e causos. Seria a voz, metaforizada em letras, dos relatos que o menino ouvira das duas avós a lhe contarem a história do Pavão Misterioso, rimada em cordel, ou de João e Maria, frutos das memórias das avós. Sentado no chão, de onde percebia a extensão das estantes, o menino aprendiz de leitor sentia-se como entre as árvores de seu quintal; quintal que agora se estendia para o mágico e encantado Sítio do Picapau Amarelo. Era a biblioteca

proporcionando ao pequeno leitor a imortalidade das coisas; a permanência dos sonhos; a atualização dos mitos; o afago das vozes sábias; o mundo em eterno movimento.

Aquele menino sorveu daquele espaço todas as leituras que pôde fazer. Aprendeu com José Lins do Rego a esperteza do espiar. Colheu de Alencar o romantismo e a esperteza sertanejas. Viajou com Jorge Amado pelo mágico mundo das baianidades. Sentiu com Rachel o calor do sertão e prolongou este ser tão com os primeiros cordéis de Patativa. O menino cresceu, vivenciou muitas outras leituras, e hoje, homem feito, apresenta um livro sobre modos de criar e dar vida às bibliotecas. Apenas de uma coisa o menino não gostava: a biblioteca estar trancada na sua escola. Por que aquele mundo tão mágico não existia perto de seu quintal?

Este livro que ora apresento tenta fazer esse sonho virar verdade. A biblioteca de que este livro falará tem cheiro de gente e se oferece aos leitores como espaço de mediação de leituras; não nos moldes da escola, mas como fomentadora de uma leitura mais dinâmica, mais plural, mais inclusiva, dotada de liberdade plena; uma biblioteca que traduza para o seu público a linguagem dos livros, mas que se abra para as vozes da comunidade. Em síntese, que ela leve a leitura e as práticas leitoras para o chão das comunidades. Lugar de fantasia, criatividade e magia, mas também de informação e formação, a biblioteca comunitária precisa ter as cores, os cheiros e sabores daquele quintal mágico que embalou minha meninice. Como nos recônditos do sítio de Dona Benta, a criatividade e o sonho, o fantástico e o imaginário devem ser estimulados pela biblioteca comunitária.

Dos seus livros devem brotar os conhecimentos, as informações e as possibilidades de formação humana. Porém uma formação dialógica, inteirada dos cotidianos de seus usuários; ensejada pelas expectativas destes e orientada pela democratização da leitura. Uma leitura que seja plural, democrática e não apenas pautada pelos ditames da cultura hegemônica.

As metodologias aqui apresentadas encarnam a esperteza informacional de um Visconde de Sabugosa, mas, também, a anarquia santa de uma Emília, Marquesa de Rabicó. Nesse livro, vemos encarnada a ideia de uma biblioteca que não só deve conhecer os livros, mas também a vida. Uma biblioteca que pode até lidar com o conhecimento erudito de uma Dona Benta, mas que deve também se entregar aos conhecimentos de vida e os imaginários de um Tio Barnabé. Do labirinto formado pelas estantes devem brotar as magias e os encantamentos de um Sítio do Picapau Amarelo, maravilhosa criação de Monteiro Lobato.

Boa aventura!  
Tadeu Feitosa

# Módulo 1

Metodologias para implantação de  
Bibliotecas Comunitárias

# Lidia Eugenia Cavalcante

é professora da Universidade Federal do Ceará. Tem pós-doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Montreal/ Canadá, doutorado em Educação pela UFC e mestrado em História Social pela UFRJ. Coordena os projetos de extensão Ler para Crer: metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias e o Grupo Convite de Contadores de História. Desenvolve pesquisa sobre mediação da informação e desenvolvimento local. Atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília.

# Metodologias para implantação de Bibliotecas Comunitárias

## Contando uma história ...

Era uma vez, não muito distante, no ano de 2009, nascia um projeto chamado “**Ler para Crer: oficinas itinerantes para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios cearenses**”, desenvolvido como ação extensionista do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e apoiado com recursos do Proext 2008, do Ministério da Educação (MEC) e Ministério da Cultura (MinC). O **Ler para Crer** nasceu com os objetivos de:

- desenvolver metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias em municípios do Ceará, mediante movimento colaborativo e da gestão participativa das pessoas em suas comunidades, com o apoio da UFC e do poder público municipal;
- dar subsídio para a formação profissional dos estudantes do curso de Biblioteconomia, de modo a fortalecer o papel sociocultural do futuro bibliotecário junto à sociedade, ampliando as relações entre ensino, pesquisa e extensão;
- capacitar os moradores de cada município atendido para se tornarem mediadores de leitura, compreendendo o papel que a biblioteca comunitária deve exercer em relação à democratização do conhecimento e à formação cidadã do indivíduo e do grupo no qual está inserido e
- contribuir para a sustentabilidade das comunidades onde estão inseridas as bibliotecas, apoiando iniciativas voltadas para o desenvolvimento local, mediante o acesso à informação.

As ações do **Ler para Crer** começaram a se efetivar no ano de 2009, por meio de contato inicial com três municípios - **Aquiraz, Itaitinga e Redenção** - que atenderam prontamente a nossa solicitação e embarcaram junto conosco nessa agradável aventura.

Todo o trabalho desenvolvido no projeto parte de ações metodológicas geradoras de dinâmica para a realização das ações, mediante competências que vão se constituindo de modo reflexivo, articulado, político e técnico para o desenvolvimento local, em âmbito sociocultural.

O **Ler para Crer** foi se desenvolvendo em etapas, de modo que tudo fosse bem planejado e participativo:

- seleção dos municípios a serem atendidos;
- contato com as secretarias de cultura e educação dos municípios;
- reunião na UFC para explicar a metodologia e os objetivos do projeto;
- constituição da equipe de trabalho;
- elaboração do calendário dos encontros e oficinas;
- implantação, inauguração e acompanhamento das bibliotecas; e
- realização de encontros colaborativos entre os municípios envolvidos para a elaboração de planejamento estratégico.

Para a realização dessas atividades, foram constituídas equipes de trabalho que, durante os anos de 2009 e 2010, desenvolveram metodologias para a implantação das bibliotecas comunitárias, tendo como ação inicial a realização de encontros de sensibilização nos municípios. As equipes foram constituídas por professores e estudantes do curso de Biblioteconomia da UFC e com representantes dos três municípios envolvidos.

Os encontros do **Ler para Crer** tinham como objetivo sensibilizar os moradores dos municípios para a importância da implantação de uma biblioteca em suas comunidades, deixando claro para eles o significado desta e da necessidade do envolvimento de todos na efetivação de um projeto que visava a ensinar a eles o acesso e a democratização da informação, bem como a formação de leitores. Cada encontro teria a duração de dois dias, iniciando com um grande cortejo pela cidade, convocando todos os moradores a se juntarem a nós.

*Cortejo Ler para Crer (Encontro em Itaitinga/Ceará)*



Datas de realização do I Encontro de Sensibilização do Projeto **Ler para Crer** nos municípios e número de pessoas atendidas diretamente:

MUNICÍPIO	DATA DOS ENCONTROS	N. DE PARTICIPANTES
AQUIRAZ	14 e 15 março 2009	185
MACIÇO DE BATURITÉ	18 e 19 março 2009	255
ITAITINGA	28 e 29 março 2009	224

Os Encontros tiveram uma formatação básica, mediante a qual foram elaboradas metodologias que tivessem a imagem da cultura local, de sua memória, histórias de vida e necessidades de cada comunidade, bem como a elaboração do perfil dos moradores de cada município. Esse estudo da comunidade foi produzido mediante preenchimento de formulários pelos participantes dos encontros, levando-se em consideração: idade, instrução, gênero, formação profissional, entre outros dados. Seria, podemos dizer, um encontro amoroso, como aquele do qual Paulo Freire fala: “[...] o encontro amoroso dos homens [e mulheres] que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.” (2010, p. 43).

Nossa ideia de transformação pelo direito à informação está ancorada na inquietação e na vitalidade que todos os participantes do **Ler para Crer** demonstram, o que leva à feitura de uma ação amorosamente planejada, que busca ver cada pessoa como um ser importante e pleno no estabelecimento da autonomia daquilo que pensamos ser uma biblioteca comunitária e da sua inserção na comunidade.

## Formatação Básica dos Encontros

### Primeiro dia - atividades

**8h** – Cortejo saindo da principal Praça do Município, com a participação das autoridades locais, equipe UFC, comunidade e grupos de cultura: bandas de música, grupos folclóricos, teatro, coral, crianças, idosos, entre outros. Objetivo: dar visibilidade para a comunidade local evidenciar o potencial cultural do município e a sua relação com um projeto de biblioteca comunitária, de informação e de leitura.

**9h** – Abertura: apresentação artístico-cultural, palavras dos parceiros e dos colaboradores (UFC e Município).

**9h30min** – Conferência: LEITURA, BIBLIOTECA E COMUNIDADE (Apresentando o projeto **Ler para crer**).

**10h** – Mesa Redonda: A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PARA O MOVIMENTO CULTURAL DO MUNICÍPIO

**11h** – Extensão em Movimento: atividade cultural.

**12h** - Almoço (realizado coletivamente no próprio local do Encontro para desenvolver o sentimento de partilha e de afetividade).

**13h30min – 17h30min** - OFICINAS (turmas formadas pelos participantes previamente inscritos, levando-se em consideração a diversidade das localidades, para que depois houvesse troca de experiências e saberes). Cada oficina, realizada por um membro da equipe UFC, tinha as características e objetivos, conforme delineado na sequência.

**1) LEITURA E DINAMIZAÇÃO DE ACERVOS:** trabalhar com os participantes o conceito de “acervo” pessoal e coletivo, com o intuito de gerar a compreensão dos tipos de coleções a serem constituídas, com base na riqueza documental de cada comunidade: fotografias, imagens diversas, histórias de vida, músicas etc.

**2) LEITURA, COMUNICAÇÃO E CULTURA:** identificar juntamente com os participantes, a riqueza cultural de suas localidades, observando nas suas falas as identidades culturais, sotaques e dicções culturais, além de traçar metodologias para a realização de uma dinâmica de comunicação dos valores e potenciais existentes nas pessoas que lá habitam.

**3) LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA:** trabalhar a oralidade – potencial identificado em todas as comunidades participantes – com o intuito de constituir coletivamente as histórias de vida, aspectos da memória, poesias, canções e outros valores despertados durante a oficina.

**4) LEITURA E PESQUISA:** identificar, juntamente com os participantes, o perfil dos usuários das comunidades, para conhecer o interesse de informação e de leitura a ser desenvolvido na biblioteca comunitária. Conceituar fonte de informação, apresentando ao grupo as diversas fontes que podem constituir um acervo.

**5) ELABORAÇÃO DE PROJETOS:** elaborar projetos de leitura, a partir das concepções de objetivos, justificativas, metodologias e identificação de necessidades, com o intuito de colaborar com a formatação de iniciativas, planejamento e busca de recursos de financiamentos.

**6) LEITURA, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE:** levando-se em consideração o fato de que cada município trabalhado possui rico potencial ambiental, essa oficina busca identificar as riquezas e as belezas dos lugares: praias, serras, rios, lagos, pessoas etc. Tem como propósito discutir a temática preservação e respeito ao ambiente, por meio da educação e da informação.

**7) LEITURA, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E BRINQUEDOTECA:** essa oficina direciona-se para o público infantojuvenil, tendo como objetivo incentivá-los para colaborar com o projeto de biblioteca comunitária de suas localidades. Também visou à formação de leitores por meio das histórias contadas e lidas e da produção de brinquedos com material reciclável e reutilizável.

## Segundo dia

**8 h – 12 h** – OFICINAS (continuação)

**12 h** – Almoço afetivo

**13h30min** – Grupos de Trabalho (organizados por distritos/comunidades)

Cada grupo traçaria estratégias, ações e encaminhamentos para a implantação de bibliotecas comunitárias em seus distritos ou bairros. Os resumos dos grupos foram apresentados em plenária ao final do Encontro. Esses resultados foram importantes para os encaminhamentos da segunda parte do projeto **Ler para Crer**, ou seja, a implantação das bibliotecas.

Durante o Encontro, cada município se mobilizou como cidade que lê e de riqueza cultural própria. Várias atividades foram desenvolvidas nas praças e em outros lugares públicos: Rodas de Leitura, Contação de História, Cantorias, Brincadeiras, Teatro, Capoeira etc.

## A Implantação das Bibliotecas Comunitárias

Após a realização dos encontros, as comunidades, participativamente, se manifestavam sobre o interesse em implantar bibliotecas em suas localidades, discutindo possibilidades de espaços, formação dos acervos, reuniões entre os moradores e constituição de grupos de trabalho.

A organização do acervo e a realização de atividades, para a efetiva implantação das bibliotecas, ocorreram por meio de mutirões. Semanalmente, agendava-se uma visita da equipe da UFC, constituída por docentes e alunos do curso de Biblioteconomia, com aproximadamente quinze colaboradores, para cada uma das bibliotecas. O comitê local, responsável pela biblioteca na comunidade, com o apoio das secretarias de cultura e educação, responsabilizava-se pela infraestrutura e logística, como almoço, lanche, transporte etc. para o grupo de trabalho.

A equipe da UFC organizava-se em duplas para o desenvolvimento das atividades: contação de história com as crianças e realização de oficina de brinquedos, separação dos livros, por assunto, carimbos dos livros, registro no livro de tombo, prega de bolsos, classificação por assuntos e colagem de etiquetas, preenchimento de fichas, inscrição de usuários etc. Todas essas atividades desenvolveram-se devidamente acompanhadas pelas pessoas que dariam continuidade ao trabalho, visando a capacitá-las para a gestão participativa na própria comunidade. Ao final de cada dia, contabilizaram-se cerca de 300 livros prontos para o empréstimo e a formação dos colaboradores da biblioteca.

Uma das iniciativas mais significativas do projeto foi criar interação entre os moradores, para que eles percebessem a importância da biblioteca na comunidade e a conscientização de que a biblioteca pertence a todos. Com esse pensamento, os moradores se organizam para a pintura da biblioteca, limpeza, horário de funcionamento, realização de atividades culturais etc.

Para a constituição dos acervos das bibliotecas, realizam-se campanhas de doação de livros, contando também com a participação da Secretaria de Cultura do Estado do

Ceará, que doou um mil e quinhentos livros a serem distribuídos entre as bibliotecas. A doação feita pelos colaboradores é, em sua maioria, constituída por enciclopédias, livros didáticos e literatura clássica. Por conseguinte, mediante recursos do ProExt 2008, destinados à compra de acervo, foram adquiridas obras solicitadas pelo público jovem, ou seja, livros considerados *best sellers*, à venda em livrarias, que não constituem, em geral, material de doação. Essa iniciativa possibilitou maior interesse da juventude pela biblioteca comunitária, haja vista que nem mesmo as bibliotecas públicas ou escolares dos municípios possuem recursos para a compra desses livros.



*Trabalho em mutirão: UFC e comunidade de Patacas, em Aquiraz/CE.*

O ponto culminante deste trabalho comunitário é a inauguração festiva das bibliotecas. Nos três municípios onde o **Ler para Crer** se iniciou, foram inauguradas nove bibliotecas, criadas por iniciativas locais, contando com grande presença da comunidade e ricas apresentações culturais dos artistas locais.

A Biblioteca Comunitária Laura Barros, em Carapió (Itaitinga) foi inaugurada no dia 13 de novembro de 2009. Foi uma bonita festa, ocorrida em frente à biblioteca, com a participação de cerca de 200 moradores, entre crianças, jovens, adultos e idosos. Contou com a presença de professores, bolsistas e alunos da UFC, representantes da Associação de Moradores e da Prefeitura e Secretaria de Cultura de Itaitinga.

Os resultados iniciais do **Ler para Crer**, com a implantação de nove bibliotecas inauguradas e funcionando ativamente em três municípios cearenses, significam a conquista e realização de um sonho - sonhado junto pela coordenação do projeto, curso de Biblioteconomia da UFC e moradores das comunidades atendidas. Significa ainda a compreensão de que é possível realizar muito, mesmo com poucos recursos, desde que haja união, parceria e vontade.

Vale salientar, ainda, que a ação extensionista, especificamente neste caso, cumpriu perfeitamente o seu papel, de aproximar os conhecimentos produzidos nos bancos da

Universidade daqueles que dela esperam colher os frutos, ou seja, a sociedade. É possível aliar ensino, pesquisa e extensão, pela participação dos estudantes universitários, levando às comunidades os conhecimentos teóricos apreendidos em sala de aula de forma efetiva e afetiva.



*Inauguração da Biblioteca Laura Barros, em Carapió (Itaitinga/CE)*

## Acompanhamento das Ações Desenvolvidas pelas Bibliotecas Comunitárias

Já sabemos do que as comunidades são capazes quando se unem em busca de um objetivo coletivamente planejado e desejado. A intervenção da UFC, por meio da equipe composta por professores e alunos do curso de Biblioteconomia no **Ler para Crer**, foi o ponta-pé inicial para que os próprios moradores de cada localidade seguissem com os seus projetos de bibliotecas comunitárias, não como meros espectadores, mas como construtores de um espaço informacional que é deles.

Um dos saberes necessários com o qual trabalhamos é aquele defendido por Paulo Freire (2010), ao advogar a ideia de que nenhuma prática educativa, a autonomia se faz necessária. Sob esse ponto de vista, a continuação do trabalho se dá pelo respeito ao direito das comunidades de pensarem os próximos passos a seguir. A equipe **Ler para Crer** acompanha as ações e oferece colaboração sempre que solicitada, mediante visitas periódicas e realização de reuniões e oficinas nas bibliotecas implantadas.

### Metas Alcançadas

- Fortalecimento do vínculo entre as comunidades e a biblioteca, por meio da realização de práticas leitoras e processos interativos.
- Formação e dinamização de acervos nas comunidades.
- Capacitação dos membros das comunidades, por meio dos bolsistas, professores e voluntários, para dar continuidade aos projetos das bibliotecas comunitárias iniciados.
- Constituição de parcerias entre as comunidades e instituições, favorecendo a busca

de apoio nas ações comunitárias da biblioteca.

- Realização de três encontros Ler para Crer em Aquiraz, Itaitinga e Redenção.
  - Formação de acervo inicial - obras gerais, literárias, de pesquisa, de interesse de crianças, jovens e adultos - para o incentivo à formação de leitores em cada uma das bibliotecas comunitárias.
  - Realização mensal de oficinas de capacitação para a comunidade, objetivando dar continuidade às ações da biblioteca comunitária.
  - Realização mensal de encontros literários, oficinas de contação de história e rodas de leitura com os jovens da comunidade.
  - Inauguração das bibliotecas comunitárias - ao todo, foram inicialmente implantadas nove bibliotecas.

Outra ação importante foi a realização dos encontros estaduais de bibliotecas comunitárias, do Departamento de Ciências da Informação da UFC, vislumbrando as trocas sociais e culturais das atividades desenvolvidas pelas bibliotecas comunitárias durante cada ano, nos municípios cearenses, sob a perspectiva da cidadania e do desenvolvimento local. Trata-se de evento de grande relevância, tanto para os moradores das comunidades, usuários e voluntários, como para os alunos do curso de Biblioteconomia e a comunidade em geral, pela possibilidade de avaliar o trabalho desenvolvido e para planejar os passos seguintes de atuação para cada ano. A ideia de continuidade dos encontros é que ele seja anual, de modo a promover o compartilhamento de todos os projetos de bibliotecas comunitárias desenvolvidos no Ceará, para a troca de experiências e saberes.

O I Encontro de Bibliotecas Comunitárias fundamentou-se como ação baseada em conceitos de inovação social, inclusão e mediação da informação para o desenvolvimento local com suporte na autogestão de bibliotecas comunitárias, acompanhadas pelos docentes do curso de Biblioteconomia da UFC.

Para a sua realização, contou-se com a ação colaborativa de professores e alunos do Curso de Biblioteconomia, em parceria com as comunidades envolvidas, alimentada por pesquisa de caráter multidisciplinar no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. Isso demonstra que a presença da Universidade, em suas vertentes técnica, sociocultural e pedagógica, contribui no que tange ao desenvolvimento de metodologias ativas para o aprimoramento das ações, principalmente no que concerne à elaboração e implementação de projetos de cidadania e movimentos sociais mediados pela informação, a médio e longo prazo, a serem executados pelas comunidades.

## Prêmio VIVALEITURA 2010

Norteados e movidos por ver a biblioteca, a informação e a leitura não só como direito de todos, mas como uma realidade, o **Ler para Crer** foi agraciado em 2010 com o prêmio VIVALEITURA. O referido prêmio é uma ação de mobilização para a educação e a cultura no Brasil e integra o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), em parceria com a Câmara Brasileira do Livro, a Academia Brasileira de Letras e os Ministérios da Educação (MEC) e da

Cultura (MinC). Foi instituído em 2006 pelo MEC, pelo MinC e pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI). É patrocinado e executado pela Fundação Santillana.

Pode-se afirmar que a conquista e o reconhecimento nacional pelo prêmio VAVALEITURA foram o resultado de amplo trabalho coletivo, participativo e dinâmico, razão por que se tem muito a comemorar. A trajetória desse “fazer humano” se aprimora a cada dia e as experiências são portas e janelas para que outros municípios se integrem ao exercício da transformação pela leitura, pelo direito de acesso à informação e pelo reconhecimento de que as bibliotecas são os espaços por excelência desse encontro entre a humanidade e o conhecimento.

Nélida Piñon (2006), em entrevista, assinala que “o estímulo à leitura, de certo modo, deve estar associado ao estímulo da vida”. Ao concordar com a escritora, compreende-se que a vida acontece nas ações cotidianas da família, da escola, das comunidades, dos grupos sociais, entre amigos e nas bibliotecas. Por conseguinte, a leitura deve ser apresentada de modo prazeroso e encantador, para que possa estar também associada ao lado boa de ser e estar vivendo em comunidade, de fazer parte do movimento da história construída diariamente. E é isso que nos move e nos faz seguir adiante com esse sonho.



# Módulo 2

Bibliotecas autogeridas e  
participação comunitária



# Bibliotecas autogeridas e participação comunitária

Ter acesso à informação e ao desenvolvimento de competências para o uso dessa informação constituem fatores determinantes para o desenvolvimento local e crescimento de comunidades. Portanto, a reconfiguração do pensamento social, na perspectiva da condição humana, pela educação, para a sustentabilidade, se dá mediante os usos sociais e econômicos da **informação**. Nesse sentido, o entendimento da informação como fator determinante para o desenvolvimento social deve ter como foco a realidade de uma determinada comunidade e os seus interesses e necessidades.

## Como o acesso à informação pode contribuir no dia a dia da comunidade?

- Para a tomada de decisões relativa à solução de problemas específicos do cotidiano.
- Para auxiliar pequenos comerciantes e artesãos a melhorarem seu negócio.
- Para apoiar na implantação de pequenas empresas comunitárias.
- Para auxiliar no combate à situação de pobreza existente na comunidade, ajudando a criar atividades produtivas.
- Para que as donas de casa ajudem seus maridos a melhorarem a renda da família;
- Para que os pais auxiliem na educação dos filhos.
- Para o fortalecimento de suas associações, sindicatos, cooperativas etc.
- Para conseguirem financiamentos bancários.
- Para encontrar soluções para os problemas de saúde.
- Para ajudar a resolver problemas jurídicos.
- Para estimular a prática do desenvolvimento local.
- Para se unir contra qualquer tipo de dominação, reconhecendo seus direitos e deveres.

Essas são algumas sugestões, além de muitas outras possibilidades de usos da informação que a própria comunidade elencará no seu dia a dia. Isto significa que os moradores do local onde a biblioteca comunitária está inserida já terão consciência da importância do conhecimento para o desenvolvimento local e a participação social. A informação necessita estar contextualizada com o universo global, sem perder de vista as questões locais, de modo a se tornar legítima para comunicar e interagir com as instâncias que estabelecem as práticas que as consolidam.

**A geração de informação ocorre pela consciência coletiva do valor gregário e associativo. Essa ação comunitária relativa ao valor da informação se materializa pela criação de bibliotecas comunitárias geridas pelas próprias comunidades.**

Em todo o Brasil, ações individuais e coletivas vão se constituindo, visando ao enfrentamento das dificuldades surgidas no cotidiano, pela falta de acesso à informação e à leitura. De certa forma, é no compartilhamento das dificuldades enfrentadas que moradores de comunidades, carentes de políticas informacionais, se unem para potencializar recursos, talentos, criatividade e força política para o empoderamento comunitário.

A criação de bibliotecas comunitárias é, portanto, movimento de colaboração, partilha e convivência entre seres plurais, de rica competência cultural e humana para o combate à exclusão informacional, pois país sem pobreza é país rico em informação e com amplo acesso a ela.

### O que são bibliotecas comunitárias?

São espaços informacionais, fruto da ação coletiva ou individual, legitimados pelos moradores a partir do diálogo, da partilha, observações, necessidades e negociações entre os envolvidos. A gestão ocorre de modo dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa. Seus acervos são constituídos, na maioria das vezes, de doações, assim como o mobiliário, o prédio e os recursos para a realização das atividades. Como são espaços criados pela ação comunitária voltam-se principalmente para o compartilhamento das ações culturais, o empréstimo de livros e a mediação da leitura de modo criativo e autônomo.

Elisa Machado (2009, p. 6) assim se refere às bibliotecas comunitárias:

Objetivamente, essas bibliotecas devem criar mecanismos para colaborar no desenvolvimento da sua comunidade, potencializando os próprios talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva. Nessa linha de pensamento, pudemos identificar algumas particularidades que as distinguem da biblioteca pública: a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural; a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o processo de articulação local e o forte vínculo com a comunidade; a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas; e, o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

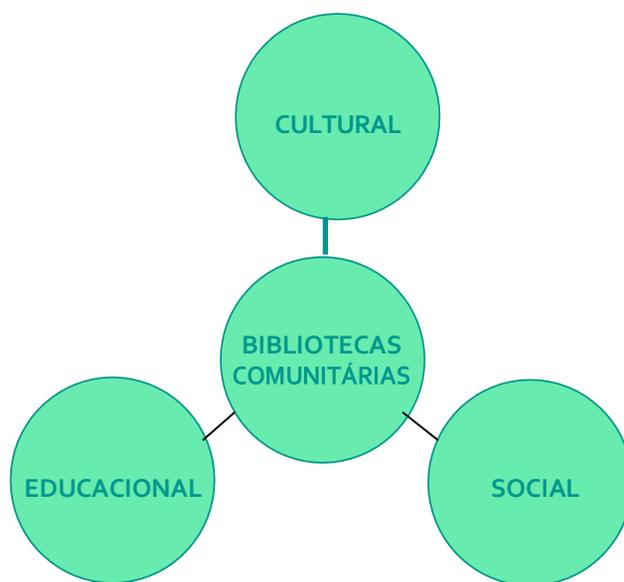
A biblioteca comunitária, dinâmica e sustentável, deve prover a comunidade com:

- acervos atualizados constituídos por livros, revistas, folhetos, jornais, CDs, DVDs, filmes, músicas etc. Deve ser o mais variado possível para ensinar o interesse de crianças, jovens e adultos;
- acervo contendo a memória da comunidade com fotos e objetos pessoais de seus moradores, das atividades produtivas, da cultura local etc.;

- lugar agradável e amplo para a realização de encontros, cursos, reuniões e assembléias para os moradores;
- realização de atividades culturais como cursos, oficinas de leitura, contação de história, rodas de poesia, exibição de filmes, gincanas etc.;
- realização de cursos de capacitação profissional, palestras e outras possibilidades para estimular a economia solidária e a agricultura familiar. Por exemplo: computadores com acesso à internet para pesquisa, realização de trabalhos escolares, busca de informações para solucionar problemas cotidianos etc.

São muitas as ações que contribuem para a formação de um leitor crítico, para despertar o prazer de ler e prover as comunidades de acesso à informação necessária para o desenvolvimento local. Para tanto, a junção de esforços familiares, escolares, sociais, comunitários e políticos torna-se condição indispensável à promoção da cidadania pelo conhecimento com origem na biblioteca.

A pessoa que lê, além do desenvolvimento da capacidade da escrita, também assume papel social mais atuante e transformador da sua realidade e do grupo em que está inserida. Alguns dos principais papéis da **Biblioteca Comunitária**:



A biblioteca comunitária é, portanto, veículo de valorização da diversidade cultural, caminho para a geração da autonomia social e fortalecimento da educação transformadora.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a comunidade deve refletir sobre o papel da biblioteca comunitária de modo participativo e dinâmico, permitindo a contribuição de todos. Isso ajudará a promover a autonomia, bem como a troca de saberes, a partilha de ideias e o planejamento das atividades que serão desenvolvidas para a valorização da cultura local, da autonomia social e da educação e de sua prática cotidiana.

## Quem é o responsável pela mediação da biblioteca na comunidade?

A própria comunidade deve decidir sobre o que ela espera e quer que a biblioteca proporcione para o desenvolvimento local e para seus habitantes. Dessa forma, a promoção de encontros com a presença dos moradores é fundamental para essa tomada de decisão, mediante a troca de ideias e discussão em grupo.

Para os encontros, devem ser convidados os representantes dos vários segmentos que compõem a localidade - comerciantes, educadores, grupos artísticos, presidentes de associações, donas de casa, trabalhadores rurais, prestadores de serviço, representantes dos setores público e privado, estudantes e crianças entre outros cidadãos e cidadãs capazes de decidir, sugerir, intervir e agir de modo responsável em prol do coletivo. O tema a ser amplamente debatido deve abordar os seguintes pontos:

- Qual a ideia de biblioteca comunitária?
- Qual o valor da informação para a comunidade?
- Como a biblioteca poderá ajudar no desenvolvimento local?
- Quais os benefícios que a biblioteca comunitária pode trazer?
- Quais os investimentos que a comunidade está disposta a fazer?
- Quem se responsabilizará pelos encaminhamentos a serem tomados?

Após esse importante momento, muitos serão os caminhos a serem trilhados e, para ajudar, os capítulos que se seguem poderão contribuir para tornar a biblioteca uma realidade.

Decisões importantes sobre o local da biblioteca, a composição do acervo, a formação de equipes de voluntários e a indicação do nome da pessoa ou grupo de pessoas responsáveis pelas ações devem ser tomadas em conjunto e, de preferência, decididas em assembleia.

A formação de parcerias com as universidades, especialmente com os cursos de Biblioteconomia e de Pedagogia, mediante suas ações extensionistas, é essencial para o acompanhamento das práticas a serem desenvolvidas. Projetos com essas instituições podem contribuir para solucionar problemas referentes à falta de recursos para a manutenção das atividades e, especialmente, para a assessoria técnica e pedagógica, no que tange à gestão desse ambiente informacional.

## Implantando a biblioteca comunitária

A organização do acervo e a realização de atividades nas bibliotecas, para a sua efetiva implantação, podem ocorrer por meio de mutirões. No caso das bibliotecas implantadas pelo projeto Ler para Crer, docentes e estudantes do curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Ceará (UFC), realizam atividades de capacitação do comitê comunitário local, constituído pelos voluntários que assumirão as atividades.

É importante sublinhar a noção de que todo esse processo é um exercício de autonomia e de cidadania que se dá principalmente pelo interesse da comunidade em garantir o efeito transformador que o acesso à informação pode trazer.

## Referências

FADEL, Bárbara (org.). **Desenvolvimento regional**: debates interdisciplinares. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Elisa Campos. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009.

MORIN, Edgar (org.). **A religação de saberes**: o desafio do século XXI. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VARELA, Aida. **Informação e construção da cidadania**. Brasília: Thesaurus, 2007.



# Módulo 3

Bibliotecas comunitárias:  
Questões jurídicas

## Alain Souto Rémy

é advogado, mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com ênfase em argumentação jurídica. Professor da Unilab e consultor jurídico do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e do Programa Interlegis do Senado Federal, em projeto com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Atua como colaborador do projeto de extensão “Ler para Crer: metodologias para a implantação de bibliotecas comunitárias”.

# Bibliotecas comunitárias: Questões jurídicas

*“Quando estou trabalhando em um problema, nunca penso sobre beleza. Mas, quando terminei, se a solução não é bela, eu sei que está errada.”*

*Richard Buckminster Fuller*

É importante tratar de algumas questões jurídicas relativas às iniciativas comunitárias de implantação e manutenção de bibliotecas autogeridas. A primeira e a principal delas é conferir personalidade jurídica a essas bibliotecas.

## **Noções gerais de Direito e motivos para constituição de uma pessoa jurídica**

O mundo do Direito funciona mediante relações mantidas pelos vários detentores de direitos e deveres entre si. Esses titulares de direitos e deveres podem ser de dois tipos: pessoas naturais ou físicas, de um lado, e pessoas jurídicas, de outro.

Pessoa física é aquela que tem um corpo físico, ou seja, todo ser humano. Portanto, basta nascer para ter personalidade jurídica e assim ser titular de direitos e deveres. Pessoa jurídica, por outro lado, é um grupo de pessoas que se reúne com algum propósito específico, permitido pela legislação, e que por isso consegue receber uma personalidade jurídica autônoma à dos seus membros, tendo tanto direitos próprios quanto deveres próprios.

Todas as pessoas que participam do grupo que está montando uma biblioteca já têm, portanto, cada uma, a sua personalidade jurídica. O nosso objetivo, porém, é fazer com que o grupo possa contar com uma personalidade jurídica própria, que seja distinta e separada das personalidades jurídicas de cada um dos membros do grupo. Isto é importante por diversos motivos.

O primeiro deles é por ser desejável que os direitos que pertençam à biblioteca permaneçam efetivamente com ela. Desta maneira, será possível que sua existência se mantenha com o passar do tempo, independentemente da passagem dos colaboradores internos e externos.

De fato, o grupo que hoje faz a biblioteca funcionar pode não ser o mesmo de amanhã. Por isso, se a biblioteca funcionar num local que seja alugado, por exemplo, é interessante que seja a própria biblioteca a locatária desse espaço, em vez de um dos integrantes do grupo (chamado aqui de colaborador interno) desempenhar esse papel. Desta forma, se essa pessoa, inicialmente comprometida, vier a deixar de participar, a biblioteca (como

entidade autônoma que é) terá resguardado o direito de ali permanecer. Caso contrário, será aquele indivíduo quem terá esse direito (ou seus herdeiros, caso a razão de ter deixado de participar for o seu falecimento, por exemplo) e será a biblioteca que deverá suportar todo o ônus de procurar outro local para funcionar – ou o de permanecer no mesmo local, mas agora com ainda menos segurança quanto ao uso daquele espaço ao longo do tempo.

O mesmo pode ocorrer com colaboradores externos que apoiem a biblioteca num momento e que podem deixar de apoiá-la num futuro (às vezes muito próximo). Isto costuma acontecer especialmente quando o parceiro for uma instituição administrada por gestores temporários. É o caso, por exemplo, da Administração Pública: governos, sejam eles municipais (os prefeitos e seus secretários), estaduais (os governadores e seus secretários) ou federal(is) (o presidente e seus ministros), são temporários. Pode ser também, no entanto, o caso de entidades como associações de moradores e sindicatos, cujas diretorias também estão sujeitas a eleição periódica.

É preciso lembrar que esses parceiros (colaboradores externos) podem, de fato, prover significativo apoio para a instalação e funcionamento contínuo da biblioteca comunitária. Portanto, essa parceria pode e deve ser estabelecida e fortalecida, pois dela podem surgir recursos úteis e necessários. Ao mesmo tempo, porém, o grupo que se dedica à biblioteca comunitária faz doação do seu tempo, de energia e de recursos, itens importantes demais para sermos ingênuos ou imprudentes quanto às relações com os colaboradores. Isto porque, como se sabe, tanto os colaboradores internos como os externos podem colaborar num momento e deixar de fazê-lo em outro.

Tudo na vida é transitório, é temporário, e aqui não é diferente. Pessoas interessadas se desinteressam, pessoas vivas morrem, mandatos de governantes terminam, entidades ricas empobrecem e assim em diante. Sendo assim, é preciso que a biblioteca, como o esforço comunitário autônomo que é, seja protegido dos riscos ligados à incerteza que sempre caracteriza os benefícios proporcionados pelos parceiros.

Aliás, os próprios colaboradores, caso possuam interesse real de colaborar, desejarão proporcionar à biblioteca um benefício sólido, confiável, não uma vantagem incerta e insegura. É como num jogo de futebol: se o dono da bola deseja *realmente* ajudar ao campeonato do bairro, ele emprestará a bola para o campeonato inteiro, *independentemente* de seu time ganhar e permanecer no campeonato ou perder e ser desclassificado. Se, ao contrário, ele só quer colaborar enquanto puder jogar, então sua intenção de ajudar não é tão sincera ou desinteressada como parecia, não é mesmo?

O problema aqui é só descobrir essa “condição implícita” *depois* que o seu time saiu do campeonato – pois sem a bola pode simplesmente não haver mais campeonato. O mesmo acontece na biblioteca: aqueles que se declaram parceiros, se forem sinceros nessa declaração, terão todo o interesse em garantir a *segurança* da biblioteca.

Vamos aproveitar para continuar a explicação, tratando de um assunto muito importante para a biblioteca: o local em que ela funcionará. Afinal, toda biblioteca tem um acervo, que precisa não só ser armazenado como usado. A biblioteca necessita, portanto, de um espaço para funcionar. Como não existem espaços que não sejam “de ninguém”, todos os terrenos, prédios, salas, casas e outros espaços que a biblioteca poderá usar são “de alguém”. Esse alguém pode ter a propriedade do local ou pode ter apenas a posse, mas

isso não importa aqui (deixemos o estudo dos “direitos reais”, como eles são chamados, para outra oportunidade). Importa apenas é que essa pessoa tenha o direito de usá-lo, pois somente quem tem um direito sobre uma coisa pode dar esse mesmo direito para outra pessoa. Chamaremos esse proprietário/posseiro/usufrutuário/etc. de “dono”, ainda que ele não seja de fato proprietário do imóvel.

Assim, o dono de um espaço que queira ser parceiro da biblioteca, fornecendo-lhe esse espaço, poderia fazê-lo de muitas maneiras. Num extremo, está a possibilidade de *doar* o imóvel (ou parte dele) para a biblioteca (que precisa ter personalidade jurídica para receber a doação). Ocorre que, nessa hipótese, o doador estaria entregando parte do patrimônio sem receber nada em troca e sem possibilidade de recuperá-lo. Portanto, é uma forma muito gravosa de colaborar com a iniciativa comunitária. No outro extremo, está a possibilidade de o dono autorizar verbalmente (“de boca”) o uso do espaço. Se, contudo, na primeira hipótese, o dono era prejudicado, nesta segunda é a biblioteca que fica descoberta. Isso porque dizer “*Pode usar*” não deixa de ser um contrato. Como na doação, é um contrato gratuito (não há contrapartida), mas, diferentemente da doação, o direito sobre o imóvel não se transfere *em definitivo* para a biblioteca. Ao contrário, essa mera autorização verbal é considerada precária, já que não há prazo definido: não há o direito de “usar por cinco anos”, por exemplo. E quando não há prazo definido, a regra é que aquele que cede o espaço possa retomá-lo para si a qualquer momento. (Além disso, se não há nenhum contrato escrito, como pode a biblioteca mostrar para outros que ela tem o direito de estar ali?)

Portanto, a maneira ideal de fazê-lo está no ponto médio entre esses extremos: um contrato escrito contendo um prazo determinado dentro do qual resta garantido o uso do espaço. Ao fazer um contrato desse tipo, a biblioteca fica resguardada contra todo tipo de riscos.

“Sobre quais riscos estamos falando?” Imaginemos neste momento que o dono do local seja uma pessoa física e, além disso, que ele faça parte do próprio grupo que está implantando a biblioteca. Não é porque ele mantém uma boa relação com o restante do grupo no primeiro momento que isso não possa mudar, como no caso de uma desavença entre esse parceiro e outro(s) participante(s); pode também surgir a necessidade ou desejo repentino de dinheiro pelo proprietário; pode ser ainda que ocorram o seu falecimento e o desinteresse de seus herdeiros em manterem a cessão do espaço para a biblioteca e assim em diante.

Em qualquer desses casos, se a biblioteca for beneficiada não “de boca”, mas por escrito, ela não será surpreendida com a necessidade de abandonar o local de uma hora para outra. Ela poderá, sim, ter que deixar o local ao término de algum dos períodos de cinco anos (ou de dois anos, ou de vinte anos etc.), mas será avisada com alguma antecedência (que deverá estar escrita no contrato) para ter tempo para providenciar uma nova sede; ou seja, o dono do local não precisa avisar para que o contrato seja renovado por outro período de cinco anos; ele precisa avisar apenas quando não quiser que o contrato seja renovado. E, se essa antecedência não for respeitada (por exemplo, se a antecedência for de seis meses antes do período de cinco anos terminar e esse dia tiver passado sem que a biblioteca tenha sido avisada de que o dono pretende retomar o espaço), então a biblioteca terá o direito de permanecer ali por mais cinco anos. Essa é a sua segurança.

Como vimos, porém, não é só a biblioteca que sai beneficiada pela formalização do contrato. O parceiro pode sinceramente desejar ajudar a entidade a funcionar, mas não precisa renunciar ao seu imóvel para fazê-lo. Autorizando o seu uso por período determinado, o parceiro protege a biblioteca de seu próprio futuro, mas não condena a si mesmo à perda definitiva do seu patrimônio. Afinal, não é apenas por má vontade que o dono pode querer retomar seu espaço. Como qualquer pessoa (física ou jurídica), esse parceiro pode vir a precisar de recursos financeiros, ou usar o imóvel para nele residir ou para a residência de familiar. Assim, a cada período, ele poderá avaliar se pode manter essa destinação por igual período.

O parceiro pode, porém, não ser uma pessoa física. Nesse caso, o parceiro será uma pessoa jurídica privada ou pública, como a Prefeitura local. Vale lembrar que mesmo a Administração Pública pode ceder espaços com a segurança de um prazo determinado para permanência de entidades sem fins lucrativos. Imagine-se que um prefeito ou secretário municipal se empenha no apoio à biblioteca. Se esse apoio é real (e se diz respeito ao tema da cessão de um espaço, pois pode consistir em apoio de outra natureza), terá todo interesse em realizar a cessão do espaço com a segurança de um prazo determinado, por exemplo, justamente em razão de isto permitir a garantia do seu uso pela biblioteca, mesmo em face de eventuais mudanças na gestão política: o secretário pode ser exonerado por conflitos com o prefeito; o prefeito pode falecer ou renunciar e ser substituído pelo vice-prefeito; o mandato pode terminar e não ocorrer uma possível reeleição; e assim em diante.

Contratos existem justamente para que cada parte contratante tenha a segurança e a certeza de como a outra parte irá se comportar sobre o assunto do contrato. Dessa forma, ambas as partes se previnem contra riscos indesejados como todos esses exemplificados. Além disso, um contrato pressupõe direitos e deveres para ambas as partes, portanto a própria biblioteca, ao final de um desses períodos, pode manifestar o seu desinteresse na renovação do contrato, seja por ter encontrado espaço mais adequado para funcionar ou qualquer outro motivo; e, portanto, ainda, a biblioteca não tem apenas o direito de usar o espaço, mas também obrigações: o dono pode definir condições às quais a biblioteca deve se submeter. A primeira é óbvia, mas vale lembrar: a biblioteca (pessoa jurídica) deve usar o espaço para criar e manter uma biblioteca (atividade). Isso porque, se o parceiro quer ceder o espaço para incentivar essa atividade, ele tem o direito de ter isso garantido contratualmente. Dessa forma, se o grupo fizer outra coisa com o espaço que não uma biblioteca (usá-lo para fazer um bar, ou até não usá-lo para nada), então o espaço poderá ser retomado pelo parceiro, mesmo antes de terminado o prazo.

Essa questão do espaço é muito importante, mas é apenas um dos exemplos de proteção jurídica de que precisa uma biblioteca comunitária. Essa proteção, como um todo, é feita mediante a constituição cuidadosa de um conjunto de direitos para a biblioteca. Esses direitos podem vir de contratos ou podem decorrer diretamente de alguma norma: da Constituição Federal ou Estadual, de leis federais, estaduais ou municipais, e de normas administrativas, como portarias e outras. Para a biblioteca poder possuir direitos (ser *titular* de direitos), deve antes, no entanto, adquirir sua *própria* personalidade jurídica – diz-se “própria” porque a instituição passa a ter personalidade jurídica distinta das de seus membros. Já veremos como isso é feito. Além da proteção dos *direitos* da biblioteca, porém, o um segundo grande motivo é que a biblioteca também tem *deveres*, e esses deveres não devem ser suportados indevidamente pelas pessoas engajadas, de modo a não onerá-las

mais do que o necessário.

Se a biblioteca não tiver personalidade jurídica própria, ela não poderá fazer contratos, tanto para adquirir direitos (como o direito de usar um espaço), como para adquirir deveres. O melhor exemplo são os contratos de fornecimento de serviços básicos, como água, luz, gás: a biblioteca precisará que esses serviços lhe sejam fornecidos pelas respectivas empresas. Assim, se a biblioteca não tiver personalidade jurídica, a fatura da energia elétrica do local onde a biblioteca funcionar não poderá estar em seu nome e estará, portanto, em nome de alguma outra pessoa, física ou jurídica. O problema está na possibilidade dessa pessoa não receber a conta de luz, perdê-la, não ter dinheiro para pagá-la, não querer pagá-la ou por qualquer outro motivo falhar no cumprimento das obrigações relativas ao fornecimento de energia elétrica. Isto provocaria prejuízo para a biblioteca – que pode ter a energia cortada, em última instância – mas também para essa pessoa, que pode ter seu nome inscrito em algum cadastro negativo de crédito (SPC, SERASA) por não ter pago uma conta que se refere a um consumo que não é seu.

Aliás, em qualquer dessas hipóteses, ficará abalada a própria confiança do grupo nessa pessoa (caso seja ele o responsável pelo pagamento periódico dessa conta) ou da pessoa no grupo (caso o grupo seja o responsável por pagar a conta em nome do terceiro), seja ele um colaborador interno ou externo. E isso deve ser sempre evitado, porque, ainda que pequeno, isso seria um desgaste nas relações entre as pessoas envolvidas no esforço comunitário. Com o passar do tempo, sucessivos desgastes dessa natureza podem enfraquecer a coesão do grupo, o que não é desejável por colocar em risco a base da iniciativa comunitária: o grupo engajado. Portanto, devem ser tomadas todas as medidas para que esse grupo permaneça unido e empenhado no empreendimento comum. A sua harmonia é a melhor providência para que a biblioteca exerça a maior influência positiva possível na comunidade em que está inserida. Separar os direitos e deveres da biblioteca dos direitos e deveres dos seus membros é, como se vê, uma das medidas básicas para fazer com que isso aconteça.

Em resumo, vimos que a biblioteca deve ter a própria personalidade jurídica, para que tanto os seus direitos como os seus deveres não se confundam com os de outras pessoas (físicas ou jurídicas). Vejamos agora como isso pode ser feito.

## Primeiro passo: estatuto social e ata(s)

Para que a biblioteca tenha personalidade jurídica, é preciso saber qual será a sua forma, pois pessoas jurídicas podem ter várias *formas*.

O grupo que cria uma pessoa jurídica, seja ela qual for, deve decidir qual forma adotar. Por exemplo, se três sócios resolverem abrir um negócio (uma loja, um restaurante etc.), a forma mais indicada provavelmente será a de “companhia limitada”, que permite que os sócios recebam o lucro do negócio, dentre outras vantagens. Cada forma, no entanto, só pode ser considerada *vantajosa* quando é empregada para um *propósito específico*, pois o que é vantagem para uma empresa pode não o ser para uma ONG. Como a constituição de uma biblioteca comunitária não é um empreendimento comercial, em que o objetivo dos envolvidos é obter lucro, é indicada a forma de *associação civil de direito privado sem fins lucrativos* ou simplesmente “associação”.

O que vem a ser, então, uma *associação*? É um grupo de pessoas trabalhando por um objetivo coletivo, sem finalidade lucrativa, de forma organizada do ponto de vista jurídico. Vejamos o que isso significa e como acontece.

Como nasce uma associação? Ela começa pela reunião das pessoas engajadas na intenção de fazer a biblioteca. Nessa reunião, as pessoas decidem criar a associação e tomam algumas decisões fundamentais sobre a associação a ser instituída.

Essas decisões constituirão, no fim das contas, o *estatuto social*, documento onde consta o que é a biblioteca que está sendo criada, não no sentido de explicar *o que é* uma biblioteca, mas de dizer *que biblioteca é essa*, como esta se diferencia de todas as outras. Além disso, prevê como se dará a organização interna da associação.

Esse ato de fundar uma pessoa jurídica é registrado por escrito e assinado. Esse registro é a *ata* dessa reunião.

Nessa reunião, serão tomadas algumas decisões fundamentais. Primeiro, quais são os fins que esse grupo deseja alcançar? Podemos falar de dois tipos de fins: mediatos e imediatos. Os fins mediatos são valores ou princípios que o grupo quer desenvolver, como a integração da comunidade local, o apoio à aprendizagem escolar e/ou a participação democrática, por exemplo. Esses fins mediatos, no entanto, são alcançados de alguma maneira concreta, prática. No caso, serão alcançados pela criação e manutenção de uma biblioteca comunitária. Este será, portanto, o principal fim imediato; mas o grupo pode decidir que haverá outros fins imediatos e agregá-los ao empreendimento da biblioteca.

A segunda decisão fundamental é o nome da biblioteca, o nome da associação. Pode-se adotar o nome do local em que está sendo criada (ex.: Biblioteca Comunitária de São Miguel), o nome de alguém que o grupo quer homenagear (ex.: Biblioteca Paulo Freire) ou outro nome que o grupo escolha.

Além disso, convém incluir desde o início alguns elementos no estatuto social. São elementos que serão exigidos se a biblioteca tensiona se qualificar como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Essa qualificação é obtida junto ao Ministério da Justiça, e atesta que a associação (no caso, a biblioteca) é uma entidade privada que presta serviços de importância para toda a sociedade. Com isso, ela passa a obter mais legitimidade e respeito, o que proporciona facilidades, inclusive jurídicas, para estabelecer parcerias com entidades públicas e privadas.

Para facilitar, fornecemos um modelo de estatuto social (Anexo 1), que pode ser usado como base para elaboração do estatuto de qualquer biblioteca comunitária. Ressaltamos apenas que as observações entre colchetes devem ser retiradas. Elas servem apenas para indicar como deve ser preenchido o documento (sem os colchetes).

Como expressado há pouco, a associação tem seu funcionamento interno organizado pelo estatuto. Esse funcionamento se dá por meio de órgãos, cada um com atribuições específicas. Os órgãos são pequenos grupos dentro do grupo total que têm funções específicas.

O primeiro órgão é a Assembleia Geral, composto por todos os membros da associação (mais adiante falaremos sobre quem são esses membros) e tem a responsabilidade sobre as maiores decisões na associação. Costuma se reunir uma vez ao ano; mas não é possível

que todos os membros participem de todas as decisões, sobre todos os assuntos. Seria impraticável. Por esse motivo, existe uma Diretoria, que é um grupo pequeno, composto pelas pessoas que se encarregarão da administração cotidiana. Para se tornar uma OSCIP, exige-se que tenha também um Conselho Fiscal, que é outro órgão da associação, destinado apenas a garantir que tudo está em ordem no seu funcionamento e nas suas contas.

Voltando à reunião de fundação da biblioteca, nessa mesma reunião, além da constituição propriamente dita, é bom já haver a eleição das pessoas para ocuparem os cargos desses órgãos administrativos (Diretoria e Conselho Fiscal). Com isso, na mesma ata, haverá a fundação e a primeira eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal. (Se não, haveria necessidade de duas assembleias, com duas atas.)

Ao final do mandato da Diretoria e do Conselho Fiscal, deverá haver outra eleição para esses órgãos, o que é feito na Assembleia Geral. No estatuto em anexo, por exemplo, esse mandato é de 1 (um) ano, mas esse período pode ser aumentado.

Depois de estar fundada a Associação e de serem eleitos os seus cargos administrativos, e tudo isso estar escrito na ata, ela será idealmente assinada por todos os presentes, ao lado do respectivo nome completo, número de identidade, número de CPF, estado civil e profissão. Se não tiver sido possível, os cartórios costumam aceitar a ata com apenas as assinaturas do presidente da assembleia, do secretário e do presidente eleito (nada impede o presidente da Assembleia ser eleito o presidente da Associação e, se ocorrer, basta ele assinar somente uma vez a ata).

A ata da reunião de fundação deve conter, como no exemplo do Anexo 2, os itens a seguir.

- a) Data da fundação.
- b) Local da reunião.
- c) Finalidade da reunião (que é a de fundar uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos).
- d) Aprovação do nome da biblioteca, do endereço da sede social e do estatuto social.
- e) Eleição e posse da Diretoria e do Conselho Fiscal, com relação contendo os nomes e qualificação do eleitos, podendo também ser feita em relação separada (os eleitos devem estar entre os fundadores, sendo imprescindível sua assinatura na lista de presença).
- f) Fixar os mandatos, ou seja, quando começam e terminam os mandatos da Diretoria e do Conselho Fiscal.
- g) Assinaturas do presidente da Assembleia, do secretário e do presidente eleito (nada impede o presidente da Assembleia ser eleito o presidente da associação e, se ocorrer, basta ele assinar somente uma vez a ata).

A ata de fundação será a primeira de muitas a ser escrita em um livro-ata, que pode ser comprado em qualquer papelaria. Esse livro é preenchido em todas as suas páginas (frente e verso de todas as folhas). Cada ata é feita sem parágrafos ou outro tipo

de interrupções no texto, de modo que não existam espaços em branco em nenhuma linha da ata. Todas as atas da associação podem ser registradas num mesmo livro-ata, tanto as da Diretoria como as da Assembleia Geral e as do Conselho Fiscal.

Redigida a ata, cada pessoa presente indicará seu nome completo, sua nacionalidade, seu estado civil, sua profissão, os números da sua cédula de identidade e do seu CPF, o seu endereço de residência (rua, número, bairro, cidade, CEP e Unidade Federativa) e assinará.

Essa mesma ata deverá ser digitada e impressa (ou datilografada) e ser assinada (e rubricada, caso tenha mais de uma página) pelo presidente, pelo secretário e por um advogado. Ainda que ela seja assinada apenas por essas três pessoas, contudo, é necessário listar os nomes de todos os que estavam presentes.

O estatuto, que não precisa constar do livro-ata (pode ser apenas impresso ou datilografado), será rubricado em todas as suas páginas e assinado na sua última página, pelo presidente da Associação e por um advogado.

Devem ser levados esses dois documentos – ata e estatuto – em duas vias, ao cartório responsável pela localidade da biblioteca, juntamente com um pedido de registro, assinado pelo presidente, conforme o Anexo 3. É cobrada uma taxa pelo registro, que custa aproximadamente R\$82,00 (oitenta e reais) por documento aqui no Ceará, o que dá um valor total aproximado de R\$164,00 (cento e sessenta e quatro reais) pelo registro da ata e do estatuto.

Com isso, sua associação já deve estar registrada; no entanto, para que isso aconteça da forma menos problemática possível, aqui vai um forte conselho: antes de fazer a reunião e de fundação-eleição, compareça ao cartório onde será registrada a biblioteca e pergunte expressamente quais são as exigências desse cartório para registrar uma associação. Assim será possível fazer a ata, o estatuto e eventuais outros documentos nos moldes exigidos pelo cartório local e, portanto, prontos para serem registrados. Infelizmente, os cartórios variam as exigências e costuma ser mais rápido e prático atendê-las do que entrar em conflito. Pode ser, por exemplo, que o cartório esteja em processo de digitalização e queira também uma versão digital (em CD) da ata e do estatuto, ou exija reconhecimento de uma ou mais assinaturas, ou até dispense alguma das formalidades acima mencionadas. Outro conselho é que todos os documentos da associação sejam sempre registrados no *mesmo* cartório. Há inclusive bancos que negam a abertura de conta para uma associação quando os documentos estão registrados em distintos cartórios.

## **Segundo passo: Obtenção do CNPJ**

Assim como as pessoas físicas devem tomar providências periódicas, como declarar anualmente o seu imposto de renda, renovar a habilitação de dirigir etc., também a associação, como qualquer pessoa jurídica, tem obrigações iniciais e periódicas. A cada ano deverá haver eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal da associação, o que deverá ser registrado em ata, e essa ata deverá ser novamente registrada, no mesmo cartório em que foram registrados a ata de fundação e o estatuto, para que o novo representante legal

possa atuar (assinar) regularmente em nome da associação.

Existem ainda outros registros que toda pessoa jurídica deve fazer, como no Ministério do Trabalho, e declarações periódicas, como a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e a Guia do Fundo de Garantia e Informações à Previdência (GFIP) ao Ministério do Trabalho; a declaração de Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ) e a Declaração de Informações da Pessoa Jurídica (DIPJ) à Receita Federal. Não é possível tratar de todos aqui; contudo, o registro junto ao Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas, do Ministério da Fazenda, é indispensável, sendo visto como uma espécie de ‘carteira de identidade’ da pessoa jurídica.

Para obtê-lo, é preciso ir ao órgão mais próximo da Receita Federal, com a ata de fundação e o estatuto, registrados em cartório, e preencher os formulários adequados (documento básico de entrada e ficha cadastral da pessoa jurídica), assinados pelo representante legal da associação (o presidente, que é quem assina em nome da entidade).

Feitos esses dois primeiros passos, pode-se dizer que a associação “existe”, do ponto de vista jurídico.

### **Terceiro passo: regularização da sede**

É preciso regularizar a permanência da biblioteca na sua sede, já que ela terá sido criada (terá se tornado uma entidade com personalidade jurídica independentemente das personalidades dos seus fundadores) e estará funcionando em algum espaço. Isso já foi visto.

Pode ser que esse lugar já esteja sendo usado pela biblioteca, mas até a propriedade ou posse ser transferida, com toda a burocracia que isso envolve, juridicamente, ele não é ‘da biblioteca’ e ainda é da pessoa em cujo nome está a escritura.

Pode também ser que o lugar seja de propriedade do Estado ou que, por outra razão qualquer, quem esteja fornecendo aquele espaço não tenha a propriedade. Nesse caso, a associação receberá o que a pessoa tem para lhe dar: a posse do espaço. Aqui no Ceará, o IDACE costuma cuidar desse tipo de registro (de transferência de posse).

E pode ser, como vimos na primeira seção, que o proprietário ou posseiro do local faça um contrato cedendo o uso do espaço por prazo determinado renovável.

Em qualquer caso, é recomendável contar com a participação de um advogado, já que há termos técnicos e detalhes a serem observados. As bibliotecas comunitárias podem encontrar auxílio jurídico junto aos defensores públicos estaduais e junto aos escritórios-modelo das faculdades de Direito.

Antes de passar ao próximo assunto, é preciso esclarecer que, se o imóvel objeto de contrato desse tipo for do Poder Público, haverá necessidade de autorização legislativa. Isto significa que o Poder Legislativo (Câmara Municipal, Assembleia Legislativa Estadual ou Congresso Nacional) terá que fazer uma lei autorizando o Poder Executivo (Governo Municipal, Estadual ou Federal, respectivamente) a ceder o imóvel de forma não precária, ou seja, de forma que aquele que receba o uso do imóvel tenha a segurança de contar com ele por prazo determinado. Assim, se não houver essa lei, o Governo pode retomá-lo a

qualquer momento, o que tiraria toda a segurança de que se falou mais acima.

A necessidade de uma lei para isso pode parecer absurda, mas é a maneira que se encontrou para que os políticos (do Executivo) não beneficiem imoralmente pessoas quaisquer cujas atividades nada têm de interesse público. Infelizmente, não há uma instância de controle dos outros políticos (do Legislativo) que controlam aqueles primeiros. Aliás, essa pergunta – “quem controla o controlador?” – é uma pergunta frequente no Direito, mas nunca pode ser satisfatoriamente respondida, pois sempre haverá uma ‘ponta solta’, o que leva à conclusão já estabelecida na sabedoria popular: não adianta serem boas as instituições, se não forem bons também os homens.

### **Quarto passo: Alvará municipal de funcionamento**

Além de a biblioteca ter a segurança de poder investir tempo, trabalho, dedicação e recursos no seu imóvel e poder contar com seu uso por longo prazo, pode ser necessário que a Prefeitura autorize o uso do imóvel, para as atividades da biblioteca.

O presidente da associação deve comparecer à Prefeitura com a ata e estatuto registrados e com o documento referente ao IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) do imóvel, pedindo o alvará (uma autorização) de funcionamento. Pode ser que no município não se exija alvará para o funcionamento de uma biblioteca, ou que não se exija alvará para a região específica onde ela está instalada, mas é prudente comparecer à Administração Municipal já com a documentação para se informar sobre esse procedimento e, se for necessário, realizá-lo assim que possível.

Estas noções não esgotam as questões jurídicas que afetam a atividade de uma biblioteca comunitária, mas permitem que o grupo nela engajado possa encontrar no Direito um respaldo mínimo para que o seu empreendimento seja bem-sucedido.

### **Referências**

BRASIL. Lei Federal n.º 6.015/1973. Dispõe sobre os registros PÚBLICOS, e dá outras providências. **Código Civil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6015COMPILADA.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015COMPILADA.HTM)>. Acesso em: 16 jul. 2011.

BRASIL. Lei Federal n.º 9.790/1999. Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse PÚBLICO, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências. **Código Civil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9790.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9790.htm)>. Acesso em: 16 jul. 2011.

BRASIL. Lei Federal n.º 10.406/2002. **Institui o Código Civil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10406.HTM](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.HTM)>. Acesso em: 16 jul. 2011.

## ANEXO 1

### MODELO DE ESTATUTO

#### CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO, SEDE E FINS

Art. 1º. A Biblioteca Comunitária \_\_\_\_\_ [nome da entidade], doravante denominada Biblioteca, constituída em \_\_\_\_\_ [dia, por extenso] de \_\_\_\_\_ [mês, por extenso] de dois mil e [ano, por extenso] sob a forma de associação, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, e duração por tempo indeterminado, com sede à Rua \_\_, n.º \_\_, no Município de \_\_\_\_\_, Ceará.

Art. 2º. A Biblioteca tem por finalidades:

I – promover o acesso ao conhecimento, à educação, à cultura;

II – manter sala de leitura permanente, serviços de pesquisa escolar e empréstimos domiciliares de livros e revistas;

III – incentivar e promover as manifestações culturais e artísticas locais, bem como o acesso local à cultura e à arte;

IV – promover palestras, oficinais, cursos, exposições, espetáculos e demonstrações de música, dança, teatro, etc.;

V – promover a inclusão digital, através de cursos de informática, acesso à internet e outras medidas;

VI – congregar moradores da região no ideal comum do bem estar social, proporcionando o atingimento de qualidade e legitimidade representativa, mantendo sua independência político-partidária;

VII – promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e a democracia;

VIII – prover assistência nas áreas de educação saúde, cultura, meio ambiente, esporte e lazer;

IX – favorecer a efetividade dos direitos da criança, do adolescente, do idoso e do deficiente.

Parágrafo único. A Biblioteca não distribui entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores eventuais excedentes operacionais, brutos ou líquidos, dividendos, bonificações, participação ou parcelas do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e os aplica integralmente na consecução do seu objetivo social.

Art. 3º. No desenvolvimento de suas atividades, a Biblioteca observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência e não fará qualquer discriminação de raça, cor, gênero ou religião.

Parágrafo único. A Biblioteca se dedica às suas atividades por meio da execução direta de projetos, programas ou planos de ações e parcerias com outras entidades afins ao seu objetivo social.

Art. 4º. A Biblioteca poderá ter um Regimento Interno, aprovado pela Assembleia Geral, que disciplinará seu funcionamento.

Art. 5º. A fim de cumprir suas finalidades, a Biblioteca poderá se organizar em tantas unidades de prestação de serviços, quantas se fizerem necessárias, as quais se regerão pelas disposições estatutárias.

Parágrafo único. Os serviços de educação ou de saúde a que a entidade eventualmente se dedique serão promovidos gratuitamente e com recursos próprios, observando-se a forma complementar

de participação das organizações de que trata a Lei nº 9.790/99, sendo vedado o condicionamento da prestação de serviço ao recebimento de doação, contrapartida ou equivalente.

## **CAPÍTULO II DOS SÓCIOS**

Art. 6º. A Biblioteca é constituída por número ilimitado de sócios, distribuídos nas seguintes categorias:

- I – efetivos;
- II – leitores.

§ 1º. São sócios efetivos os fundadores e os que adquirirem essa condição por decisão da Diretoria.

§ 2º. São sócios leitores todos os que assim requererem.

Art. 7º. Os sócios efetivos em dia com suas obrigações têm direito a:

- I – votar e ser votado para os cargos eletivos;
- II – tomar parte nas Assembleias Gerais.

Art. 8º. Os sócios leitores em dia com suas obrigações têm direito a:

- I – usar o serviço de empréstimo da Biblioteca;
- II – requerer à Diretoria a mudança de categoria para sócio efetivo.

Art. 9º. Os sócios têm a obrigação de:

- I – cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
- II – acatar as decisões da Diretoria e da Assembleia Geral;
- III – cumprir com pontualidade todas as obrigações assumidas com a biblioteca;
- IV – comparecer às reuniões ordinárias e extraordinárias dos órgãos de que participem.

Parágrafo único. O sócio que deixar de cumprir suas obrigações poderá ser excluído por decisão da Assembleia Geral, dada oportunidade de defesa.

Art. 10. Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelos encargos da Biblioteca.

## **CAPÍTULO III DA ADMINISTRAÇÃO**

Art. 11. A Biblioteca será formada por:

- I - Assembleia Geral;
- II - Diretoria;
- III - Conselho Fiscal.

Parágrafo único - A Biblioteca não remunera, sob qualquer forma, os cargos de sua Diretoria e do Conselho Fiscal, bem como as atividades de seus sócios, cujas atuações são inteiramente gratuitas.

Art. 12. A Assembleia Geral, órgão soberano da Biblioteca, se constituirá dos sócios efetivos em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 13. Compete à Assembleia Geral:

- I - eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- II - decidir sobre reformas do Estatuto, na forma do art. 33;

- III - decidir sobre a extinção da Biblioteca, nos termos do artigo 32;
- IV - decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais;
- V - aprovar Regimento Interno.

Art. 14. A Assembleia Geral se realizará, ordinariamente, uma vez por ano para:

- I - aprovar a proposta de programação anual da Biblioteca, submetida pela Diretoria;
- II - apreciar o relatório anual da Diretoria;
- III - discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo Conselho Fiscal.

Art. 15. A Assembleia Geral se realizará, extraordinariamente, quando convocada:

- I - pela Diretoria;
- II - pelo Conselho Fiscal;
- III - por requerimento de 10% (dez por cento) dos sócios efetivos.

Art. 16. A convocação da Assembleia Geral será feita por meio de edital afixado na sede e/ou publicado na imprensa local, por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínima de 5 (cinco) dias.

Art. 17. A Biblioteca adotará práticas de gestão administrativa, necessárias e suficiente, a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios e vantagens pessoais, em decorrência da participação nos processos decisórios.

Art. 18. A Diretoria, órgão encarregado da administração da Biblioteca, será constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, Secretário-Geral e Tesoureiro.

§1º. O mandato da Diretoria será de 1 (um) ano.

§2º. Não poderão ser eleitos para os cargos de diretoria da entidade os sócios que exerçam cargos, empregos ou funções públicas junto aos órgãos do Poder Público.

Art. 19. Compete à Diretoria:

- I – elaborar e submeter à Assembleia Geral a proposta de programação anual da Biblioteca;
- II – executar a programação anual de atividades da Biblioteca;
- III – elaborar e apresentar à Assembleia Geral o relatório anual;
- IV – reunir-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração, em atividades de interesse comum;
- V – contratar e demitir funcionários.

Art. 20. A Diretoria se reunirá no mínimo uma vez por mês.

Art. 21. Compete ao Presidente:

- I - representar a Biblioteca judicial e extrajudicialmente;
- II - cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- III - presidir a Assembleia Geral;
- IV - convocar e presidir as reuniões da Diretoria.

Art. 22. Compete ao Vice-Presidente:

- I - substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- II - assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu término;
- III - prestar, de modo geral, sua colaboração aos demais membros da Diretoria.

Art. 23. Compete ao Secretário:

- I - secretariar as reuniões da Diretoria e da Assembleia Geral e redigir as atas;
- II - publicar todas as notícias das atividades da entidade.

Art. 24. Compete ao Tesoureiro:

- I - arrecadar e contabilizar as contribuições dos associados, rendas, auxílios e donativos, mantendo em dia a escrituração da Biblioteca;
- II - pagar as contas autorizadas pelo Presidente;
- III - apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que forem solicitados;
- IV - apresentar ao Conselho Fiscal a escrituração da Biblioteca, incluindo os relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas;
- V - conservar, sobre sua guarda e responsabilidade, os documentos relativos à tesouraria;
- VI - manter todo o numerário em estabelecimento bancário.

Art. 25. O Conselho Fiscal será constituído por 3 (três) membros e 1 (um) suplente, eleitos pela Assembleia Geral.

§ 1º O mandato do Conselho Fiscal será coincidente com o mandato da Diretoria.

§ 2º Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até seu término.

Art. 26. Compete ao Conselho Fiscal:

- I - examinar os livros de escrituração;
- II - opinar sobre os balanços e relatórios de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para a Assembleia Geral;
- III - requisitar ao Tesoureiro, a qualquer tempo, documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizadas pela Biblioteca;
- IV - acompanhar o trabalho de eventuais auditores externos independentes;
- V - convocar extraordinariamente a Assembleia Geral.

Parágrafo único. O Conselho Fiscal se reunirá ordinariamente a cada 6 (seis) meses e extraordinariamente sempre que necessário.

#### **CAPÍTULO IV DO PATRIMÔNIO**

Art. 28. O patrimônio da Biblioteca será constituído de bens móveis, imóveis, veículos, semoventes, ações e títulos da dívida pública.

Art. 29. No caso de dissolução da Biblioteca, o respectivo patrimônio líquido será transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da Lei 9.790/99, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social.

Art. 30. Na hipótese da Biblioteca obter e, posteriormente, perder a qualificação instituída pela Lei 9.790/99, o acervo patrimonial disponível, adquirido com recursos públicos durante o período em que perdurou aquela qualificação, será contabilmente apurado e transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos da mesma Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social.

## **CAPÍTULO V DA PRESTAÇÃO DE CONTAS**

Art. 31. A prestação de contas da Biblioteca observará as seguintes normas:

- I - os princípios fundamentais de contabilidade e as normas brasileiras de contabilidade;
- II - a publicidade, por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo as certidões negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para o exame de qualquer cidadão;
- III - a realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for o caso, da aplicação dos eventuais recursos objeto de Termo de Parceria, conforme previsto em regulamento;
- IV - a prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública recebidos será feita conforme determina o parágrafo único do art. 70 da Constituição Federal.

## **CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

Art. 32. A Biblioteca será dissolvida(o) por decisão da maioria absoluta dos sócios, em reunião extraordinária da Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, especialmente convocada para esse fim, quando se tornar impossível a continuação de suas atividades.

Art. 33. O presente Estatuto poderá ser reformado, a qualquer tempo, por decisão da maioria absoluta dos sócios, em reunião extraordinária da Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, e entrará em vigor na data de seu registro em Cartório.

Art. 34. Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembleia Geral.

## ANEXO 2

## MODELO DE ATA DE FUNDAÇÃO DE ASSOCIAÇÃO

Às dezoito horas do dia dez de outubro de dois mil e quatro, na rua Sete de Setembro n.º 100, na cidade de Fortaleza, Ceará, estando presentes João Silva Oliveira, Maria Ferreira Alves, Antônio Alves Serra, Aparecida Fonseca Guimarães, Débora Abreu Lima, Cláudia Oliveira Souto, Antônio Pereira Alves, Luiz Rodrigues Vieira, Pedro Augusto Ribeiro, Roberta Sá de Freitas, Alexandre dos Reis Marques, Isabel Ribeiro Silva e Célia de Jesus Diogo, iniciaram-se os atos necessários para a fundação da Biblioteca Comunitária \_\_\_\_\_ [nome da biblioteca], associação civil de direito privado sem fins lucrativos. Foram indicados pelos presentes para assumir a presidência e a secretaria da assembleia de fundação da entidade João Silva Oliveira e Maria Ferreira Alves, respectivamente. Aprovados os nomes por unanimidade, deram por aberta a Assembleia, iniciando pela leitura da pauta para os presentes, constando a discussão e aprovação do estatuto, e a eleição e posse da Diretoria e do Conselho Fiscal. Logo, o presidente encaminhou o processo de leitura, discussão e aprovação do estatuto social. A leitura foi feita artigo por artigo, sendo cada um debatido e em seguida aprovado. Ao final, o estatuto foi aprovado unanimemente. O estatuto aprovado é o seguinte: [aqui são transcritos, integralmente, os estatutos sociais aprovados; no entanto, na cópia da ata que é enviada ao cartório, esta parte é retirada porque os estatutos são apresentados em separado]. Com o estatuto aprovado, o presidente abriu os debates a respeito da eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal da Associação. Por unanimidade foram eleitos: Antônio Alves Serra, presidente; Aparecida Fonseca Guimarães, vice-presidente; Débora Abreu Lima, secretária; Cláudia Oliveira Souto, tesoureira; Antônio Pereira Alves, membro do conselho fiscal; Luiz Rodrigues Vieira, membro do Conselho Fiscal; Pedro Augusto Ribeiro, membro do Conselho Fiscal; Roberta Sá de Freitas, suplente do Conselho Fiscal. Após a eleição, o presidente da Assembleia os declarou empossados. Nada mais havendo de que tratar, o coordenador da Associação declarou, às 21 horas, encerrados os trabalhos da Assembleia, da qual eu, Maria Ferreira Alves, que a secretariei, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim, pelo presidente da Assembleia, pelo presidente da Associação e pelos demais associados presentes.

Secretária da Assembleia: Maria Ferreira Alves [assinatura]

Coordenadora da Assembleia: João Silva Oliveira [assinatura]

Coordenador da Associação: Antônio Alves Serra [assinatura]

**ANEXO 3****MODELO DE REQUERIMENTO PARA CONSTITUIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO**

ILMO. SR. OFICIAL DO \_\_º REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICA DE \_\_\_\_\_[cidade]/CE  
\_\_\_\_\_[nome do presidente], residente e domiciliado(a) nesta capital à \_\_\_\_  
\_\_\_\_\_[endereço], representante da Biblioteca Comunitária  
\_\_\_\_\_[nome da biblioteca], com sede à \_\_\_\_\_[endereço],  
vem pelo presente requerer o registro dos documentos anexos (ata de fundação e estatuto social)  
da referida associação civil de direito privado sem fins lucrativos no Registro Civil de Pessoas  
Jurídicas a seu cargo.

\_\_\_\_\_[cidade], \_\_[dia] de \_\_\_\_\_[mês] de \_\_\_\_[ano].

\_\_\_\_\_  
[assinatura do presidente]



# Módulo 4

Elaboração de projetos de leitura para  
bibliotecas comunitárias

# Ana Maria Sá de Carvalho

é doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, mestra em Ciência da Informação - Universidade Federal da Paraíba, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem - convênio Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal do Rio de Janeiro, e graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Ceará. Professora associada aposentada da UFC, mantendo vínculo com a mesma universidade como orientadora de monografias e coordenadora dos projetos de extensão: Biblioteca Comunitária do Conjunto Ceará, Práticas Leitoras nas Escolas Públicas do Conjunto Ceará e Divulgação da BCC: Abrindo Caminhos para Interagir com a Comunidade. Presidente da Sociedade de Amigos da Biblioteca Comunitária do Conjunto Ceará. Possui textos publicados em periódicos das áreas de Ciência da Informação/ Biblioteconomia, Educação e na Revista Leitura: Teoria e Prática. Atua principalmente em administração e dinamização de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias, educação, formação do leitor, teoria e prática da leitura - ensino e pesquisa - e políticas de leitura.

# Elaboração de projetos de leitura para bibliotecas comunitárias

## Apresentação do tema

Neste módulo, o tema abordado é a elaboração de projetos de leitura para bibliotecas comunitárias. Antes dessa abordagem faz-se necessária, entretanto, uma rápida reflexão sobre o termo “projeto” e a essência de seu significado, visando a desvendar a relação existente na elaboração de projetos de leitura e a implantação de metodologias voltadas à criação e dinamização de bibliotecas comunitárias, considerando que a relevância de uma biblioteca está intrinsecamente ligada ao projeto social de leitura que ela oferece. Portanto, quando falamos em dinamização de bibliotecas, estamos falando de acesso à informação e de promoção de leitura, nos seus mais diversos suportes, compreendidos como “base física (qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) destinados a receber a informação”. (HOUAISS; VILLAR; MELO FRANCO, 2001, p. 2643).

Essas informações evidenciam a diversidade dos suportes informacionais que integram o acervo de uma biblioteca, ou seja, numa biblioteca comunitária deverão estar acessíveis ao leitor os mais diversos suportes de leitura, como revistas, livros, CDs, DVDs, mapas, atlas e jornais, não podendo faltar os vários programas acessíveis via internet. Computadores, TVs, *datas-show* etc. são modernos equipamentos tecnológicos de valor incontestável para a dinamização de uma biblioteca. Nesse sentido, projetos de leitura voltados para a qualificação do acervo, assim como para sua atualização, deverão ser uma preocupação constante da equipe responsável pela biblioteca comunitária. Um projeto como esse, contudo, deve estar sempre em consonância com os seus leitores, não esquecendo que diferentes contextos exigem leituras distintas.

A ideia de projeto remete sempre ao futuro, ou seja, é um desejo de realização. No presente caso, pode ser a necessidade de resolver um ou vários problemas, como despertar a comunidade para o valor da leitura na vida cotidiana; contribuir para elevar o nível de informação dos jovens; divulgar o acervo da biblioteca; envolver pais e professores na articulação de ações direcionadas a despertar nas crianças o interesse pela leitura; dinamizar a biblioteca, utilizando o acervo; preparar mediadores de leitura, dentre outros.

Projeto é uma busca de proximidade com a qualificação e/ou melhoria de algo já existente, por meio de atividades inovadoras capazes de suprir as necessidades detectadas.

Assim sendo, projeto de leitura pode ser definido como tentativa de contribuir para que a melhoria do ensino, como um todo, por via da leitura, ou mesmo a vontade de suprir a inexistência de uma biblioteca escolar, assim como corrigir a má atuação da

biblioteca no seu contexto.

De maneira geral, a ideia de projeto está endereçada, também, para a necessidade de organização, buscando alcançar o previsto ou o desejado. Projeto configura, também, uma ideia de previsibilidade, que deve ser exposta num registro bibliográfico, bem explicitada, percorrendo as diversas etapas essenciais, para que essa ideia seja assumida por todos aqueles envolvidos na execução do projeto, inclusive os que irão contribuir financeiramente para a sua realização. Com esse enfoque, a palavra projeto carrega consigo sentidos diversos. Segundo o Dicionário Houaiss, há pouco citado, pode abranger “ideia, desejo, intenção de fazer ou realizar (algo), futuro; descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado; esboço ou desenho de trabalho a se realizar; plano.” (HOUISS; VILLAR; MELO FRANCO, 2001, p.2308).

É essa, portanto, a conotação de projeto de leitura que será apresentada neste texto, na expectativa de fornecer contribuições oportunas e factíveis para pessoas interessadas em desenvolver projetos nas bibliotecas comunitárias, igualmente que gostariam de alocar verbas conjuntas, em parcerias e /ou adesões.

Compreendida a ideia de “projeto” como uma maneira de se organizar, antevendo o caminho a ser percorrido, este poderá constituir um apoio expressivo para os responsáveis pela organização de uma biblioteca comunitária. Esse apoio será maior quando a comunidade se mostrar interessada e participar efetivamente da elaboração do projeto, comprometendo-se com a boa atuação dessa nova instituição cultural.

A participação da comunidade nos projetos de uma biblioteca comunitária implica a premência de selecionar um referencial teórico que seja compatível com a atuação comunitária, e com os objetivos propostos para a biblioteca na elaboração de seus projetos de atuação. Nessa ordem, escolher um referencial básico de atuação se reveste de uma ferramenta de trabalho valiosa, e não de complicador. Daí se fazer necessário desmistificar a palavra teoria como um fator complexo para a utilização cotidiana. Nesse sentido, pode-se considerar teoria como concepções informacional e de leitura, sistematicamente organizadas, provenientes de práticas bem-sucedidas e que podem embasar o projeto desde sua elaboração até a execução. São pensamentos fundamentados, embora susceptíveis de reformulações eventuais.

Partindo do princípio de que biblioteca comunitária é aquela criada no seio da comunidade, ou seja, pelas pessoas que habitam um determinado local, a adoção de um pensamento sociointeracionista seria bastante coerente com a situação. A interação social deverá ser uma prática constante exposta nessa instituição, voltada para o desenvolvimento social, cultural e educacional do seu povo. A seleção do diálogo, a valorização do desenvolvimento das potencialidades alheias e o respeito ao semelhante são enfoques estratégicos do cumprimento dos objetivos pretendidos.

A comunidade intencionada a buscar melhor qualidade de vida e transformar o seu contexto, na qual a biblioteca comunitária está inserida, alia-se a essa fundamentação que embasará os projetos de leitura nos quatro princípios educacionais propostos pela UNESCO para o século XXI (DELORS, 2000), que complementam o pensamento sociointeracionista proposto acima.

- a) Aprender a conhecer
- b) Aprender a fazer
- c) Aprender a conviver
- d) Aprender a ser

Esses pilares estão em consonância com as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, exigindo novas maneiras de pensar, na aquisição do saber e do saber-fazer. Essas aprendizagens são, segundo a UNESCO, essenciais para serem vivenciadas no cotidiano da atualidade.

**Aprender a conhecer** e **aprender a aprender** são sinônimos de construção de conhecimentos que se processam no diálogo e na interação social, pois ninguém ensina ninguém, mas se aprende na coletividade, tendo como base o conhecimento já processado, criando e transformando, assim, conceitos preelaborados.

**Aprender a fazer** vai muito além das habilidades práticas, pois no seu âmago está a subjetividade de cada indivíduo, suas qualidades humanas e o potencial inerente a cada ser, mas, ao mesmo tempo, investe nas relações interpessoais. Importante é relembrar a diversidade aplicativa desses conteúdos que estão diretamente ligados à compreensão de mundo do sujeito envolvido. São, portanto, habilidades que devem ser desenvolvidas em prol da comunidade.

**Aprender a conviver ou a viver juntos** é a aceitação do Outro, com suas diferenças e semelhanças, é o respeito do Outro, conotando esse pilar a relevância do trabalho em grupo, para facilitar a resolução de conflitos e a concretização dos objetivos comuns. É nesse momento que o capital social se edifica, fazendo-se relevante e presente para as reivindicações comunitárias.

**Aprender a ser** remete ao indivíduo preparando-se para sua caminhada no mundo, para saber quem é, e o que quer ser, possibilitando assim seu desenvolvimento integrado e global, como ser, como sujeito inserido numa determinada sociedade, posicionando-se assim, com autonomia, como um ser integrado socialmente, sendo responsável por Si e pelo Outro.

É com esse referencial teórico que se almeja alcançar os objetivos delineados, acreditando-se que uma comunidade que se baseia no diálogo, na compreensão do Outro, na interação social, no desenvolvimento da potencialidade de cada um, no desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem, possibilita dessa maneira a superação dos desafios. Daí por que, Heloisa Matos (2009, p.46), no livro *Capital Social e Comunicação*, citando Ponthieux, acentua que

O capital social é parte integrante da ação coletiva. Segundo a autora, estar socialmente inserido no grupo corresponde, para o indivíduo, à busca de proveitos materiais e simbólicos e, entre os membros, corresponde à transformação das relações de vizinhança, trabalho e parentesco, implicando obrigações duráveis acompanhadas de sentimento de reconhecimento, respeito e amizade, garantidos institucionalmente.

Acrescentamos a esses pensamentos a premência hodierna de incluir a competência informacional, que consiste em investir nos leitores, no sentido de que sejam eles capazes de interagir com a informação e habilitados a encontrar a informação desejada, seja bibliográfica ou virtual, utilizando-se de unidades informacionais, no caso, a própria biblioteca comunitária. No tempo atual um referencial é indispensável em qualquer biblioteca.

Então, com um referencial que utilizaremos para estabelecer um espaço que contribua para a formação de uma comunidade solidária, interativa, capaz de construir coletivamente um mundo melhor, qualificando seus espaços e investindo na leitura significativa, transformando as informações acessadas em conhecimento, e facilitando a interação social, por visar a uma melhor qualidade de vida da comunidade na qual a biblioteca comunitária está inserida.

Como vimos há pouco, um projeto antevê o futuro, quando tenta excluir os problemas detectados no presente. Nesse sentido, listaremos algumas sugestões que poderão ser transformadas em futuros projetos, desde que coincidam com as necessidades de cada biblioteca.

Para facilitar nossa explanação, dividiremos os projetos de leitura em dois tipos.

- a) Projetos básicos para o bom funcionamento de uma unidade informacional, no caso de uma biblioteca comunitária, e que **exigem um investimento financeiro maior**. Com efeito, são projetos que precisam ser apoiados por órgãos financiadores de ações sociais.
- b) Projetos mais intrinsecamente ligados a ações que visam ao desenvolvimento da leitura e da escrita e que, por sua natureza, podem ser realizados pelos funcionários da biblioteca comunitária, logicamente, quando se trata de pessoas qualificadas para exercerem a função de auxiliares de biblioteca, ou mesmo de bibliotecários. **Dessa maneira, de modo geral, podem ser realizados sem grande necessidade de investimentos financeiros**. Esses projetos contam com os que estão disponíveis na biblioteca, ou até na própria comunidade.

Para simplificar, a divisão dos projetos em dois tipos foi resumida em

- a) projetos que precisam de financiamentos e
- b) projetos que podem ser realizados sem financiamentos específicos.

Quando nos reportamos a financiamento, torna-se importante conhecer quais os órgãos públicos que lidam com essas questões. Banco do Nordeste, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Petrobrás Cultural, BNDES, Biblioteca Nacional, Secretarias de Cultura do Estado e da Prefeitura, entre outras, são instituições que disponibilizam verbas para a realização de projetos sociais nas áreas de leitura, literatura, acervo etc.

Visitar sistematicamente os “sites” dessas instituições deve ser umas das prioridades dos responsáveis pelas bibliotecas comunitárias, visando a familiarizar-se com as exigências para aceitação de projetos, datas e lançamentos de editais para projetos sociais que acontecem, naturalmente, por ano. Como, em geral, o prazo para o recebimento de projetos sociais, com base nos editais, é de um mês, a atenção deve ser redobrada para que haja mais tempo disponível para sua elaboração.

Veremos, agora, algumas ideias de projetos para o desenvolvimento da leitura que, de uma maneira ou de outra, necessitam de um financiamento maior.

O Projeto Automação do Acervo e do Serviço de Empréstimo da Biblioteca Comunitária inclui a aquisição de computadores, impressoras, apoio técnico a fim de implantar o *software* para automatizar o acervo e o serviço de empréstimo. Faz-se necessário o treinamento com todos os funcionários da biblioteca comunitária, para que eles aprendam a utilizar os novos serviços implantados. Esse é um projeto que exige um investimento financeiro elevado, no caso da biblioteca não possuir computador, nem recursos humanos habilitados ao uso do *software* selecionado.

Projetos visando à obtenção de verbas para aquisição de equipamentos, desde mobiliário – mesa, cadeiras, poltronas, expositores, estante – até máquinas – computadores, impressoras etc., material bibliográfico serão de grande valia para a formação do acervo e para implantação ou expansão de bibliotecas comunitárias.

Uma biblioteca bem assessorada é fundamental. Então, por que não vários projetos voltados à realização de cursos ou oficinas, para qualificar o auxiliar de biblioteca, o mediador de leitura e o contador de histórias? Uma ideia excelente seria que esses cursos fossem planejados para oferecer 20 vagas em cada um deles, extensivos a todos da comunidade, inclusive aos professores.

A realização de eventos – feiras literárias e festivais de leitura – que envolvam a comunidade e seu entorno são atividades que implicam recursos humanos, não pertencentes à equipe da biblioteca e, muitas vezes, requer em uma mão de obra especializada impondo necessidade de se recorrer à entidade de fomento cultural, em razão da necessidade de verbas mais elevadas. Mesmo assim, a Biblioteca Comunitária do Conjunto Ceará já realizou um Festival de Leitura e a I Feira Literária da Biblioteca do Conjunto Ceará, somente com recursos que dispunha na comunidade e utilizando-se de sua conexão de amizade com escritores, palestrantes e professores do bairro, que se prontificaram a fazer um trabalho voluntário. O retorno foi muito bom, mas é um investimento que requer esforço e persistência daqueles que estão à frente do projeto. Citamos esse feito para mostrar que, muitas vezes, há condições propícias para a realização de projetos, enquanto noutras esse binômio – esforço e persistência – é acrescido do financiamento externo.

Como os projetos citados exigem verbas que, na maioria das vezes, são conseguidas por meio de órgãos financiadores de projetos sociais, deixaremos esse tipo de projeto para serem desenvolvidos, com detalhe, no módulo de Projetos Sociais apresentado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virginia Bentes Pinto, considerando que esses projetos apresentam especificidades e atendem as exigências de cada instituição de fomento que, muitas vezes, não coincidem entre si.

Entendemos que a noção geral do que seja um projeto social para ser desenvolvido por uma biblioteca comunitária foi explanado, e ficou esclarecido. Daí por que, desde agora, desenvolveremos um texto sobre projetos de leitura comunitária.

## Projetos de leitura em uma biblioteca comunitária

Abordaremos, agora, os projetos de leitura que podem ser desenvolvidos pela equipe da biblioteca comunitária, pessoas da comunidade que dominam o tema proposto e queiram contribuir com esse tipo de voluntariado. São projetos para os quais, na maioria das vezes, a biblioteca comunitária tem disponível os materiais necessários, ou conta com parceiros, como uma igreja, uma escola, uma associação, ou mesmo um leitor. Podemos dizer que são projetos parte do cotidiano de qualquer biblioteca comunitária, pública ou mesmo escolar. Isso não quer dizer que não poderemos conseguir financiamento, convênio, ou mesmo patrocínio, para esse tipo de projeto de leitura. Os apoios financeiros serão sempre bem aceitos, entretanto, não nos podemos esquecer das nossas prioridades que, agora, são os projetos realizáveis sem o aporte financeiro externo.

Tentaremos, neste sentido, indicar sugestões para possíveis projetos de leitura que deverão constar, de forma permanente, das atividades oferecidas pela biblioteca comunitárias das quais somos responsáveis. Em seguida, indicaremos os passos que deverão ser dados para o desempenho do projeto em foco.

Nortearemos, agora, os procedimentos necessários para elaboração de um projeto de leitura. A título de facilitação, apresentaremos um projeto-modelo de leitura, no final do trabalho.

Antes de pensar na elaboração de um projeto, devemos refletir sobre nossos leitores - usuários da biblioteca: quem são, quais são as suas necessidades, de que gostam, quais são as suas leituras, seus anseios, qual a faixa etária, a posição que ocupam na comunidade, os trabalhos que desenvolvem, ou seja, devemos conhecer nosso público. Para isso, utilizaremos as seguintes perguntas:

- Quais as dificuldades relativas a esse público?
- O que gostam de ler?
- O que procuram na biblioteca?
- Como se comportam diante da biblioteca ou de uma necessidade informacional?
- Quais as dificuldades que a equipe da biblioteca sente no tocante ao atendimento de seus usuários?
- O que a equipe poderá fazer para melhorar o atendimento aos leitores? E para uma maior dinamização da biblioteca?

Supomos que uma biblioteca comunitária tenha um público bastante eclético. Sendo assim, a primeira providência dos responsáveis pela sua dinamização será dividi-la em segmentos para pensar os projetos de leitura para seus variados leitores. Neste

sentido, visando a um melhor atendimento ao nosso usuário, propomos segmentá-los em quatro públicos - infantil, juvenil, adulto e idoso - considerando que as problemáticas são bem diversas. Desse modo, torna-se mais fácil responder às perguntas acima e ao mesmo tempo pensar em projetos de leitura para atuar com cada segmento. Logicamente, o atendimento de uma criança difere bastante daquele voltado ao público adulto, daí por que essa segmentação se revestirá de facilitadora nas ações de dinamização.

Uma atividade que, de antemão, não poderá faltar para o público infantil é a contação de histórias; e entretanto, a equipe da biblioteca necessitará saber para qual faixa etária as histórias estarão voltadas; a quantidade de crianças a que se destinam as histórias; quais os objetivos de uma contação de histórias e qual a metodologia empregada: somente para ouvir histórias, ou levar as crianças a interagir com elas? Será como uma teatralização ou a leitura oral do texto em que se reconhece seu fio sonoro? O que se vai precisar para a contação de histórias: o espaço, os livros, as cadeiras, almofadas etc.? Importante: conhecer as crianças facilitará na seleção das histórias e no detalhamento do projeto.

Com relação aos jovens, poderá ser criado um momento para eles participarem de recitação de poesias românticas, ou de um grupo que conte histórias, com temas que interessem aos adolescentes. Existem contos interessantíssimos de escritores brasileiros que poderiam ser narrados para jovens, transformando esse momento em oportunidade de propagar nossos escritores e de trabalhar com a formação não só intelectual, mas a sentimental também, da juventude. Lembramos-nos de uma oficina que fizemos para jovens e, por causa deles, nos obrigamos a selecionar contos e poesias que falassem de amor. O resultado não poderia ter sido melhor, pois eles compreenderam como eram egoístas nas suas relações afetivas e mudaram suas atitudes. Foi muito emocionante o depoimento do grupo no último dia do nosso encontro, pois eles narraram sobre quem eram antes da oficina acontecer, e depois destacaram a transformação de suas atitudes. (CARVALHO; SAMPAIO, 2007).

O projeto de um clube de leitura com jovens e adolescentes é uma ideia que se mostra muito receptiva no meio deles. Os critérios para elaboração desse projeto, assim como todos os demais, são os mesmos a que nos remetemos quando abordamos o projeto de contação de histórias para crianças cujas etapas referenciaremos mais adiante. Não nos podemos esquecer, no entanto de que um clube de leitura poderá satisfazer, também, aos adultos, assim como a contação de histórias, sobretudo se esses adultos estão na escola frequentando a Educação para Jovens e Adultos - EJA.

Um projeto que deverá ser oferecido numa biblioteca comunitária, sempre, é a apresentação da biblioteca à comunidade, sobretudo aos seus usuários. Logicamente o horário e a disponibilidade deles exigem um levantamento prévio feito pela pessoa que está elaborando o projeto. Uma palestra sobre história de criação da biblioteca, sua missão, sua filosofia de ação, seus objetivos, sua metodologia de trabalho, os processos técnicos utilizados, como a arrumação dos livros nas estantes, o significado dessa organização, as normas da biblioteca onde se apresentam ao leitor o seu horário de funcionamento, as exigências para os empréstimos locais e domiciliares de livros, CDs, revistas etc. Por quantos dias o usuário pode reter o livro, falar da multa por atraso, se houver, que documentos são necessários apresentar para que se cadastrem como leitores

etc. O projeto de apresentação da biblioteca aproxima os leitores da biblioteca, e entre si, esses poderão despertar com relação à responsabilidade cidadã, comprometendo-se com o êxito da biblioteca, tornando-a, assim, uma biblioteca verdadeiramente comunitária.

Outro projeto bem interessante seria trabalhar com seus leitores para o desenvolvimento de habilidades informacionais. Essa modalidade poderá ser oferecida após o projeto de apresentação da biblioteca, considerando que saber tramitar na biblioteca é apossar-se de ferramentas valiosas para acessar as informações disponíveis. Nesse projeto, estaria incluída uma orientação sobre como fazer uma pesquisa bibliográfica, tanto impressa como virtual.

Como são inúmeros os projetos de leitura que podem ser desenvolvidos numa biblioteca comunitária, deixamos aos seus dirigentes o desenvolvimento de suas capacidades criativas para que incluam os pilares educacionais propostos pela UNESCO para o século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

## **Passos para elaboração de um projeto de leitura**

Apresentaremos a seguir um percurso seguro, detalhado, passo a passo, visando a facilitar o nosso propósito de qualificar a biblioteca comunitária. Cabe lembrar, sempre, a relevância de cada passo deste projeto para o desenvolvimento sociocultural e educacional da comunidade.

### **Título do Projeto**

O título do projeto contribuirá muito para a imagem que a comunidade conceberá sobre as ações que estamos propondo. O título funcionará como marketing do projeto, ou seja, será o seu cartão de apresentação.

### **Responsável pelo Projeto**

O responsável pelo projeto é aquele indivíduo que assumiu sua direção, ficando com a responsabilidade de torná-lo uma realidade. Necessariamente, não precisa ser a pessoa que executará o projeto. Os dados pessoais, como CPF, número da identidade, endereço, endereço eletrônico e telefones são colocados nesse item como fonte de referência, para facilitar a comunicação com os interessados no projeto.

O nome do executor do projeto deverá vir em seguida ao do responsável por este, acompanhado de seus dados pessoais, como CPF, identidade, endereço etc.

### **Apresentação do Projeto**

Esse é o momento em que se exhibe, com clareza e objetividade, a proposta integral do projeto, incluindo somente as informações básicas para a compreensão do projeto.

Quais são essas informações básicas do projeto, que deverão ser apontadas sucintamente? Na tentativa de facilitar a elaboração do projeto, apresentaremos alguns

itens que poderão ser relevantes para avançar mais um passo.

- a) Área de atuação do projeto
- b) Possibilidade como via de solicitação, comprovar sua relevância
- c) Possibilidade como via de resolução, ou seja, mostrar a sua viabilidade
- d) Identificação das pessoas que serão atendidas
- e) Identificação da área geográfica de atuação
- f) O principal objetivo
- g) Identificação dos participantes
- h) Principais ações previstas
- i) Resultados pretendidos
- j) Valor financeiro da realização
- k) Menção a apoiadores e parceiros

### **Justificativa**

A justificativa é o esforço de valorizar a relevância de suprir a problemática apresentada, ou seja, é o momento de mostrar a premência de realizar o projeto proposto. É, pois, o convencimento de que esse projeto deve ser realizado. Com isso, chega o momento de convencer as pessoas para que invistam no projeto, ou financeiramente ou/e participando de suas ações, revelando o porquê de sua realização e enfatizando o problema a ser resolvido, ou seja, como transformar uma situação insatisfatória num resultado desejável, tendo como objetivo maior o público a ser atingido.

A justificativa tem como base, portanto, os motivos que levaram à elaboração do projeto, pautados nos problemas que se revertem em desafios a serem enfrentados com vistas a solucionar a problemática em questão. Em última análise, a equipe elaboradora do projeto, movida e induzida por desafios, é intencionada a transformá-lo em solução/satisfação.

### **Objetivo Geral**

Explicitar o que a biblioteca comunitária deseja promover com o projeto e expor as transformações pretendidas é o que denominamos de objetivo geral. Nesse momento, devemos sinalizar as mudanças sociais que esse projeto será capaz de atingir em curto, médio ou em longo prazo.

À guisa de facilitar a compreensão e a elaboração de um objetivo geral, exemplificamos:

**Dinamizar a biblioteca comunitária, visando a despertar o interesse pela leitura e, ao mesmo tempo, ampliar o seu NÚMERO de usuários.**

## Objetivos Específicos

Podemos dizer que os objetivos específicos são a complementação do objetivo geral, possibilitando-lhe melhor compreensão. Eles são passos estratégicos para a realização do objetivo geral. Podem ser chamados, também, de metas, sobretudo quando quantificam a ação.

Na redação dos objetivos, o verbo utilizado deverá aparecer no infinitivo. Eis exemplos de objetivos específicos, considerando o objetivo geral exemplificado há pouco.

- a) Proporcionar um ambiente agradável na biblioteca
- b) Incentivar o gosto pela leitura
- c) Propor grupos de estudo de temas contemporâneos
- d) Divulgar a biblioteca e suas atividades

**Metas** (não são obrigatórias, mas ajudam na elaboração do projeto).

As metas são delineadas de acordo com os objetivos específicos. As metas são sempre quantificadas da forma como vêm.

- a) Serão organizados dois ambientes acolhedores para atrair o público leitor
- b) O incentivo do leitor se realizará com 40 leitores iniciais
- c) Serão oferecidos três temas diferentes para os estudos contemporâneos
- d) Divulgaremos quatro atividades importantes da biblioteca

## Metodologia Utilizada

Metodologia é um conjunto de métodos, técnicas e ações utilizados para realização dos objetivos de um projeto. É, portanto, a explicação detalhada, rigorosa e exata de como as ações irão se realizar.

Metodologia é, em última análise, como se realizará o projeto, como implementaremos essas ações. É necessário mencionar qual o público, o local de realização, tempo previsto, qual será a equipe e como será a divisão do trabalho, quais serão as ações previstas e as formas de avaliação do projeto, para conferir se atingiu os objetivos propostos.

Para compreensão do que seja a metodologia e selecionar as atividades necessárias, façamos as perguntas, tomando como referência os exemplos citados anteriormente.

- a) Como proporcionar um ambiente agradável na biblioteca?
- b) O que deveremos fazer para que o ambiente da biblioteca seja agradável?
- c) Como incentivar o gosto pela leitura?
- d) Quais as ações que desenvolveremos para incentivar o gosto pela leitura?

- e) O que deveremos fazer para criar grupos de estudos sobre temas contemporâneos?
- f) Como faremos para que os grupos funcionem?
- g) Quais as ações necessárias?

Responder a estas perguntas facilitará a seleção da metodologia necessária para realização do Projeto.

### **Parcerias e alianças**

As parcerias e alianças são sempre bem-vindas e necessárias, sobretudo porque as bibliotecas comunitárias sobrevivem graças às parcerias institucionais ou comunitárias. Parcerias com a Igreja local, com escolas, com a biblioteca pública, se houver, e com outras instituições contribuirão, e muito, para um bom desempenho da biblioteca comunitária.

### **Equipe técnica**

É sempre relevante especificar as pessoas que participarão da execução do Projeto, apresentando o currículo de cada uma e explicitando as ações previstas para cada participante.

### **Comunicação**

A comunicação é fundamental para a realização do projeto. É o momento de divulgá-lo, assim como a biblioteca e as demais atividades que são nela desenvolvidas. São muitas as mídias qna contemporaneidade, mas precisamos selecionar aquelas que estão inseridas em nosso contexto. Acreditamos que a Rádio Comunitária, quando existir, é um excelente veículo de comunicação e divulgação de nossos projetos. Folders, cartazes, banners são, também, modalidades de alcance significativo. Jornais comunitários, entrevistas com o pessoal da biblioteca comunitária etc., também, possuem um papel importante na divulgação do evento, ou mesmo, da biblioteca; entretanto, não podemos esquecer de que a comunicação “boca a boca” tem expressão comprovada.

### **Cronograma de Atividades**

No cronograma registramos cada uma das etapas de desenvolvimento do Projeto. Ele precisa ser coerente com a metodologia empregada, incluindo todas as etapas e os meses em que serão realizadas.

No cronograma deve estar especificada cada atividade com sua data de realização.

### **Avaliação**

A avaliação é um elemento de valorização e de aprendizagem. É com ela que sabemos se nossas ações surtiram efeito, ou não. Ficamos cientes do que precisamos melhorar ou modificar. Será necessário indicar os critérios que serão utilizados para avaliar o projeto.

A avaliação é um elemento fundamental, pois contribuirá para nos apontar o que foi bom, o que não foi e o que precisamos melhorar nas nossas ações cotidianas, ou mesmo na elaboração do próximo projeto. Essa é, portanto, uma modalidade de contribuição para o desenvolvimento da biblioteca comunitária.

### **Critérios avaliativos a serem considerados**

- a) Número de participantes
- b) Satisfação dos participantes
- c) Adequação do horário
- d) Interação oficineiro ou palestrante com os participantes
- e) Interesse despertado pelo tema
- f) Método utilizado

Entre as ferramentas avaliativas podemos citar:

- a) A aplicação de um pequeno questionário, no encerramento das atividades - perguntar se gostou, por quê? Se não gostou, por quê? Pedir sugestões para um próximo evento correlato, ou mesmo, para outros tipos de evento.
- b) Conversar com os participantes, pedindo-lhes para se posicionar com relação ao evento, e, também, com relação ao horário, à duração, ao tema, à metodologia etc.
- c) Se os objetivos pretendidos são a médio ou longo prazo; os responsáveis pela biblioteca devem ficar atentos para conferir se o número de usuários aumentou no decorrer do mês, ou se houve nela alguma transformação, relativa ao comportamento dos leitores.
- d) Uma caixa de sugestões em lugar visível do evento poderá ensejar bons indicadores.

### **Considerações finais**

Finalizando este texto, deixamos aqui algumas dicas para facilitar a elaboração dos projetos de leitura nas bibliotecas comunitárias.

Quanto à redação do projeto, é sempre bom redigir na impessoalidade, usando o sujeito indeterminado, não utilizar verbos abertos como conhecer, saber compreender etc. Lembrar-se de que o texto de um projeto tem uma função didática, devendo, portanto, ser uma proposta clara do que se pretende, não precisando de surpresa para o final do projeto. Daí por que a importância do tema deve ser destacada desde seu início, lembrando-se, sempre, que o projeto deve ser fundamentado e não exaltado.

Para concluir, lembramos que a capacidade e experiência da equipe para gerenciar o processo, ou mesmo desenvolvê-lo, são critérios importantes para avaliação do projeto, como um todo. É nesse sentido que se aconselha a pedir a colaboração do pessoal qualificado e com conhecimento na área, ou mesmo investir constantemente nos recursos

humanos que fazem a biblioteca comunitária.

## Referências

CARVALHO, Ana Maria Sá de, SAMPAIO, Débora. Formando jovens e dinamizando bibliotecas. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16.,2007. Campinas. **Anais...** Campinas, UNICAMP, 2007 (CD).

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles, FRANCO, Francisco Manuel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATOS, Luiza. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009.

PONTHIEUX, Sophie. **Le capital social**. Paris: La Découverte, 2006.



# Módulo 5

Perfil de usuários, fontes de informação e  
constituição de acervos

## Juliana Buse de Oliveira Rémy

é professora da Universidade Federal do Ceará. Tem mestrado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba (2010) e graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006). Possui experiência na área de Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: preservação, conservação e restauração de documentos, acervos históricos e de obras raras, memória, metodologia da pesquisa, normalização e comunicação científica. Coordena e faz parte de projetos de extensão e pesquisa direcionados à preservação, conservação e restauração de documentos, à inovação social, à normalização e à tecnologia da informação.

# Perfil de usuários, fontes de informação e constituição de acervos

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos.”  
(Marcel Proust)

Preencher o espaço da biblioteca comunitária nem sempre é uma tarefa simples, mas é enriquecedora. No capítulo sobre dinamização de acervos, que vem logo após este, aqui, vocês perceberão que dinamizar um acervo é dar vida à palavra escrita, falada, cantada. É permitir que a imaginação faça uso do acervo da biblioteca para ganhar corpo, formato, e assim preencher o espaço muitas vezes silencioso das prateleiras com livros. Para que isso seja possível, no entanto, é fundamental que conheçamos não apenas os livros e todos os outros suportes de registro da informação, mas consigamos enxergar a essência da nossa biblioteca, que em muito se parecerá com a da comunidade vizinha, mas que carregará consigo características próprias, da sua comunidade, dos seus usuários. Essas características é que determinarão como será o acervo dessa biblioteca, a biblioteca comunitária da *sua* comunidade.

Para a realização dessa tarefa, é preciso considerar dois aspectos: o perfil dos usuários da biblioteca e as fontes de informação disponíveis *na* e *para* a comunidade. Feito isso, e seguindo alguns passos que serão descritos mais adiante, poderemos constituir com tranquilidade o acervo da biblioteca comunitária.

## O que é um acervo?

**Fontes de informação: qualquer recurso informacional, independentemente de seu suporte, ou seja, tudo o que gera ou apresenta informação que nos auxilie em nossas pesquisas (livros, revistas, receitas, fotografias, pessoas etc.).**

A palavra acervo tem origem no latim *acervus*, e se refere a coleções ou conjuntos, privados ou públicos. Os acervos podem ser individuais e/ou coletivos e são compostos de registros em suportes palpáveis ou não, como é o caso daqueles transmitidos apenas pela oralidade, constituindo-se como memória individual e, por vezes, coletiva, sendo passada de geração a geração.

a) Toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social.

b) Ouvir o outro é essencial para respeitá-lo e compreendê-lo como par.

c) No protagonismo histórico, todas as pessoas têm um papel como agente de transformação da História. Democratizar e ampliar a participação dos indivíduos na construção da memória social é atuar na percepção que as pessoas e grupos têm de si mesmos e de sua situação.

d) Integrar indivíduos e distintos grupos sociais por meio da produção e conhecimento de suas experiências é atuar para romper o isolamento de alguns grupos sociais e impulsionar processos de empoderamento fundamentais para mudar relações sociais, políticas e econômicas.

Fonte: [http://www.museudapessoa.net/oquee/oque\\_nossacausa.shtml](http://www.museudapessoa.net/oquee/oque_nossacausa.shtml)

Acervo, segundo a Professora Fátima Araripe (autora do próximo capítulo), “[...] é tudo o que guardamos em nós e ao nosso redor. É aquilo que repartimos e recebemos de alguém. É a vida em constante movimento de ir e vir, como em ondas no mar”. Assim, o acervo da biblioteca comunitária será representado pelo acervo da vida das pessoas que residem na comunidade, suas histórias, músicas, artesanato, culinária, vivências, fotografias, trabalho etc.; e também pelos registros informacionais comuns às bibliotecas comunitárias, os livros.

Esses registros informacionais, também conhecidos como fontes de informação, podem ser classificados como bibliográficos, artísticos, fotográficos, científicos, históricos, documentais, culturais e tantos outros quanto for possível, e deverão fazer parte, com toda a sua diversidade de suportes, do acervo da biblioteca da sua comunidade, considerando como ponto de partida o perfil do usuário que fará uso dele.

### Qual o perfil dos usuários da comunidade?

Para responder a esta pergunta, é necessário que você conheça sua comunidade, saiba como é formada, quais são as suas lutas, as suas características principais, entre tantas outras coisas.

As perguntas seguintes podem ajudar.

- Qual a história da minha comunidade?
- Do que vive a minha comunidade?
- Quais as principais fontes de renda?
- Quais são os interesses da minha comunidade?
- E suas motivações?
- Minha comunidade é composta por muitas crianças?
- Temos muitos idosos, donas de casa?
- Qual o grau médio de escolaridade? Todos sabem ler?
- Temos muitos estudantes universitários?
- E de nível técnico?
- Quais são os principais problemas vividos hoje?

Essas respostas possibilitarão tomar consciência sobre o contexto onde a biblioteca comunitária estará inserida, permitindo uma leitura ampla e verdadeira do cotidiano dos moradores e facilitando, desta forma, a compreensão do perfil do usuário que fará uso da

biblioteca.

Quando falamos em compreender o perfil do usuário, nos referimos à composição de um “espelho” que leve a comunidade a se olhar e se reconhecer como frequentadores ativos desse espaço alternativo de cultura que é a biblioteca comunitária. Para esse reconhecimento ser possível, no entanto, é necessário que a constituição do acervo desta biblioteca seja pautada, principalmente, nas características e interesses da comunidade onde está inserida.

As respostas às questões indicadas há pouco, representarão o *perfil do usuário da biblioteca*, pois por meio delas, será possível visualizar as principais características e necessidades da comunidade e, então, buscar, por via da biblioteca, apresentar soluções, conteúdos e opções.

Essas respostas são fundamentais e são o **primeiro passo** para a constituição do acervo.

Vale destacar o fato de que a Biblioteconomia dispõe de técnicas diversas de pesquisa para o conhecimento minucioso dos usuários de uma biblioteca, mas essas técnicas (conhecidas como Estudo de Usuários) são mais adequadas a grandes acervos. No futuro, porém, quando a sua biblioteca comunitária já estiver estabelecida, pode ser interessante buscar a colaboração de um profissional bibliotecário para aprofundar essa pesquisa e, então, visualizar novas possibilidades.

A Biblioteconomia é uma das profissões mais antigas do mundo e está vinculada à necessidade humana de recuperar, organizar e disseminar informações. Para se tornar bibliotecário, é necessário cursar graduação em Biblioteconomia, que dura 4 anos. Após formado, o trabalho do bibliotecário pode ser realizado em vários ambientes, locais, situações ou de forma autônoma, onde houver necessidade de informação organizada e tratada e mediada, isto é, bibliotecas, empresas, escolas, fábricas etc.

### Como constituir o acervo de uma biblioteca comunitária?

No capítulo anterior (da Professora Ana Maria Sá), vocês estudaram a Elaboração de Projetos de Leitura e perceberam que o acervo inicial de uma biblioteca comunitária vai depender, muito, da doação por parte de instituições, empresas e projetos. Essas doações são maravilhosas, mas implicam o recebimento de materiais que nem sempre se harmonizam ao perfil dos usuários da biblioteca.

De posse do perfil dos usuários (nosso primeiro passo), seguiremos então para o **segundo passo**, que consiste na seleção desse material baseado no perfil.

A constituição do acervo de uma biblioteca envolve um trabalho constante de escolha entre o que ficará no acervo e aquilo que será doado a outra instituição ou descartado. Esse trabalho é chamado de *seleção* e favorece a atualização do acervo, bem como sua adequação ao perfil dos usuários.

**Lembre-se:**

**não adianta nada selecionar livros de Engenharia Mecânica para uma biblioteca que tem como seu maior PÚBLICO crianças de 5 a 10 anos. Ou seja, cada biblioteca, por estar inserida em uma comunidade diferente, exigirá para o seu acervo materiais que possam ser utilizados pelo seu PÚBLICO específico.**

Em resumo, para fazer a seleção dos materiais que permanecerão na biblioteca, é necessário analisar o perfil da comunidade e, então, identificar quais as necessidades informacionais desses usuários, buscando atender o máximo possível delas.

Nessa etapa é muito importante que se faça o registro dos critérios que nortearão essas escolhas. Esses critérios serão fundamentais para seleções futuras.

Os critérios deverão ser definidos pelo grupo gestor da biblioteca e devem se adequar à realidade da biblioteca. Alguns critérios, contudo, são comuns a muitas bibliotecas e poderão ajudá-los a iniciar a lista de vocês. Não é interessante que permaneçam no acervo obras:

- que estejam muito danificadas;
- faltando páginas que comprometam a compreensão do texto;
- com teor ultrapassado, como, por exemplo, gramáticas anteriores ao novo acordo ortográfico;
- com muitas folhas soltas;
- infectadas por fungos e bactérias; e
- didáticas inferiores ao ano corrente.

Façam uso desses critérios como padrão e acrescentem àqueles que julgarem pertinentes de acordo com a realidade da comunidade onde a biblioteca está inserida.

É muito importante que essa etapa seja feita de forma bastante criteriosa, pois a

**Para saber mais:**

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca PÚBLICA e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.  
FIGUEIREDO, N. M. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

preocupação com aquilo que sai e entra no acervo é o que garantirá a qualidade deste.

Por se tratar de uma biblioteca comunitária, sabemos que vocês não terão acesso a recursos com muita facilidade, com exceção daqueles advindos de projetos e editais (assunto que será tratado no capítulo nove e merece especial atenção). Por essa razão, é muito importante que opções criativas sejam pensadas, de modo a suprir as necessidades de composição desse acervo. Esse é o nosso **terceiro passo**.

Campanhas de arrecadação são muito bem-vindas, bem como manter contato direto com a comunidade de modo a motivá-la a fazer doações para a biblioteca. Outra sugestão é manter um bom relacionamento com as bibliotecas comunitárias da sua região, criando assim um espaço para discussão e viabilizando, por exemplo, a troca dos materiais existentes em duplicidade. Essa troca também pode ser feita com o material que, de acordo com o perfil da sua comunidade, não irá fazer parte do acervo, afinal, o que não é útil em uma comunidade

pode ser importante para outra e vice-versa.

Fazendo uso dessas e de outras opções pensadas pelo próprio grupo gestor, em pou

Essa obra traz algumas experiências e vivências do Projeto Ler para Crer e merece atenção por apresentar soluções criativas pensadas pela própria comunidade. Essas soluções poderão ser motivadoras de novas ideias e também reproduzidas se adequando à realidade da sua comunidade. Vale destacar também que as bibliotecas iniciadas com o Ler para Crer são verdadeiros projetos-modelo de bibliotecas comunitárias transformadoras de uma realidade social e seria bastante interessante que vocês as buscassem para discussão e compartilhamento de ideias.

tempo o acervo estará formado e poderá começar a servir à comunidade.

### **O que é essencial no acervo de uma biblioteca comunitária? Que fontes de informação se mostram fundamentais?**

Como expressei anteriormente, o acervo de uma biblioteca comunitária deverá atender ao perfil da comunidade na qual a biblioteca está inserida. Isso nos impossibilita de apresentar qualquer “proposta básica” de formação, que atenda plenamente a qualquer comunidade. A experiência do Ler para Crer, contudo, nos fez perceber que, apesar de as comunidades apresentarem características próprias, algumas características são comuns, como é o caso das crianças em idade escolar. Talvez essa, somada ao número de idosos, sejam as características comuns às comunidades.

Diante disso, consideramos fontes de informação essenciais a estes acervos:

- um mapa-múndi, um mapa do Brasil, um mapa do Estado e um mapa da cidade onde a biblioteca está localizada (dê preferência aos grandes, mas os medianos e pequenos também devem ser mantidos no acervo);
- dicionários de português e inglês (de outras línguas também são bem vindos);
- atlas histórico e geográfico;
- enciclopédias;
- jornais da cidade e do Estado;
- revistas (inclusive as de culinária);
- livros didáticos do ano corrente (dois exemplares por nível são suficientes e no ano seguinte deverão ser substituídos pelo do ano vigente); e
- livros de literatura (infantil, infantojuvenil, juvenil e adulto).

A Biblioteconomia dispõe de técnicas para organização de acervos de jornais. Para evitar um grande ACÚMULO dessas fontes, é importante que se faça uma seleção de quais matérias são relevantes para o acervo, como, por exemplo, as que falam de feriados nacionais e locais, política, economia, educação (sempre levando em consideração o seu perfil de usuário!). Quando o trabalho inicial de organização do acervo da sua biblioteca já estiver pronto, vale a pena buscar informações sobre *Hemeroteca* e *Clipping*. Essas informações o ajudarão a organizar melhor esses CONTEÚDOS.

**Lembre-se:**

as revistas sobre novelas, vida de artistas e outros CONTEÚDOS dessa linha poderão ser mantidas no acervo por um período definido pelo grupo gestor (um mês, por exemplo) e, posteriormente, serem guardadas em outro local, voltando a ser utilizadas para recortes em outras atividades da biblioteca ou nos trabalhos das crianças e adolescentes. Não esqueçam de descartar as que já estiverem muito prejudicadas e nem deixar acumular uma quantidade desnecessária. *Biblioteca não é depósito!*

Com a formação desse acervo essencial, básico, entendido como o **quarto passo**, o grupo gestor já poderá dar início ao funcionamento da biblioteca e, então, começar a trabalhar na constituição de um acervo que efetivamente represente sua comunidade.

**Como constituir um acervo que represente a minha comunidade?**

Carneiro (2002, p. 65) mostra-nos, em seu capítulo *Leitura e Linguagens*, as diversas possibilidades de leitura:

Lemos um filme, uma fotografia no álbum de família, um programa de TV. Pode-se ler um romance ou um poema tanto quanto se pode ler um prédio, um mapa, um traço de dor no rosto de alguém, um sorriso, um modo de ajeitar o cabelo, ou como se pode ler um vestido, o céu, um jardim. As cartomantes sabem muito bem disso.

**Para saber mais:**

CARNEIRO, Flávio Martins. *Leitura e linguagens*. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 64 – 71.

Como vemos, as possibilidades de leitura são expressas no cotidiano tanto quanto nos livros. Por isso insistimos em um acervo que retrate a comunidade onde a biblioteca está inserida. E esse é o nosso **quinto passo**.

Em posse do perfil de usuário da sua comunidade (aquele constituído no primeiro passo), verifique quais as características predominantes na sua comunidade e faça a relação dessas características com as fontes de informação que aprofundam esse conhecimento.

Sua comunidade tem muitas donas de casa? Solicitem que elas doem alguns de seus livros de culinária para o acervo da biblioteca. Aproveitem a oportunidade para promover um concurso de culinária e peçam a alguns membros do grupo gestor ou da comunidade para registrarem as receitas em um caderno. Esse caderno vai para o acervo e as receitas premiadas podem receber destaque na biblioteca (até que seja feito outro concurso e as novas substituam as antigas).

Sua comunidade é antiga? Foi uma das primeiras da cidade? Que tal entrevistar os moradores mais antigos e registrar essas histórias em um caderno? Ele também deverá ir para o acervo e as crianças em idade escolar poderão utilizá-lo como referência nas aulas de História. Vocês também podem convidar esses moradores para rodas de conversa na própria

biblioteca; as histórias não precisam ser escritas para terem validade, o conhecimento também atinge seu fim por via da oralidade.

Qual a principal fonte de renda da sua comunidade? Agricultura, pesca, indústria? Em posse dessas informações, vocês poderão buscar fontes de informação que tratem desses assuntos, bem como convidar os moradores para falar para os mais jovens sobre suas profissões e ainda expor os objetos utilizados para o trabalho. Trazer o pescador para ensinar para as crianças como tecer a rede de pesca também é uma excelente ideia. Isso é conhecimento sendo compartilhado e é função da biblioteca, sim.

Sua comunidade está sofrendo com o uso de drogas pelos adolescentes? Uma boa dica é disponibilizar material informativo sobre esse assunto. O Programa de Saúde da Família (PSF) da sua comunidade pode fornecer diversos folhetos explicativos. Vocês também podem convidar membros de instituições de reabilitação de dependentes para conversar com a comunidade, assim como pessoas que podem dar seus depoimentos.

Todas as características apontadas pelo perfil de usuário definido no primeiro passo desse capítulo deverão ser levadas em consideração. As possibilidades são inúmeras. Usem a criatividade, conversem com a comunidade, discutam, observem, peçam ajuda aos professores e também aos alunos. A comunidade é a única que é capaz de apontar aquilo que faz parte de seu cotidiano e de sua história; e esses apontamentos é que nortearão as decisões sobre as fontes que irão constituir o acervo.

### **Constituímos o nosso acervo, e agora?**

Agora precisamos providenciar a organização da biblioteca como um todo e isso deverá ser dividido em duas etapas, sendo este o nosso sexto passo.

- Organização do espaço físico
- Organização do acervo.

Antes de falarmos sobre a **organização do espaço físico**, é necessário que falemos sobre o **espaço físico em si**. Sabemos que para a constituição de uma biblioteca comunitária é necessário que a comunidade busque, mediante doação, empréstimo ou locação, um espaço para o funcionamento de suas atividades (essa questão já foi discutida) e esse espaço precisa, preferencialmente, ser um lugar minimamente adequado, buscando, sempre que possível, não estar vinculado a instituições ou organizações que não representem 100% da comunidade (igrejas, por exemplo), que sejam de fácil acesso para a comunidade e, se possível, distante de lugares costumeiramente barulhentos. Uma ótima opção é estar perto de praças ou escolas.

É necessário lembrar, também, que um banheiro se faz indispensável, assim como um local com água potável, porquanto queremos que nossos usuários permaneçam o maior tempo possível na biblioteca.

Outra questão a ser avaliada é a metragem do espaço, e não falamos isso apenas para o conforto visual e organizacional, mas também para dar acesso a deficientes físicos e pessoas com dificuldades de locomoção, como idosos que fazem uso de andadores e muletas.

O ideal seria que pudéssemos respeitar a altura máxima das estantes, como sendo o suficiente para uma criança leitora (cerca de 7 ou 8 anos) ou um cadeirante acessar os livros com o braço esticado. 1 metro entre a última prateleira e o teto costuma ser o suficiente. Avalie apenas se o prédio da biblioteca da sua comunidade não tem um pé-direito mais alto

do que o normal.

Entre as estantes é recomendada uma distância de 1,30m, o que permitirá um corredor acessível para cadeirantes e também possibilitará que mais de uma pessoa consulte o material daquele espaço ao mesmo tempo.

Além disso, devem ser levadas em consideração as questões referentes a conservação e preservação do acervo, de modo que o prédio não deverá ter umidade ou infiltrações em suas paredes, pois isso prejudicaria o acervo e potencializaria a formação de fungos. Também deve ser observada a incidência de cupins, pois sua presença poderá destruir todo o acervo em poucas semanas e as estantes que estiverem próximas às janelas (que deverão ter cortinas), precisarão estar, no mínimo, a 1m de distância das mesmas, pois a incidência de calor poderá provocar manchas nos documentos.

Vale lembrar que o local escolhido deverá contar também com um conforto ambiental mínimo, possibilitado por uma boa ventilação, controle de temperatura (com entradas de ar ou ventiladores) e uma excelente iluminação.

Escolhido o local e com todos os cuidados apontados há pouco levados em consideração, poderemos começar a **organização do espaço físico**. Essa atividade será dividida em duas partes: mobiliário e disposição dos espaços.

### Mobiliário

Em uma biblioteca comunitária, costumeiramente, contamos apenas com doações, e isso inclui também o mobiliário. A proposta seguinte representa o que consideramos o ideal, mas isso deverá ser adaptado de acordo com as condições de cada biblioteca. Vale lembrar que prefeituras, igrejas, empresas, comércio, associação de moradores e a própria comunidade devem ser contatadas em busca de doações de mobiliário e/ou recursos. Entendemos como ideal, para darmos início as atividades da biblioteca:

- estantes para disposição do material (madeira ou metal, mas sempre que possível evitem as de madeira por atraírem cupins e umidade);
- mesas para leitura (as escolas da região podem ajudar doando as que não são mais utilizadas e a comunidade pode reformá-las);
- cadeiras;
- mesas de trabalho, com gavetas (os comerciantes locais podem ajudar);
- guarda-volumes (poderá ser feito com uma das estantes); e
- arquivos de mesa para guardar as fichas dos usuários e a dos livros.

Com esse mobiliário à disposição da biblioteca comunitária, é hora de cuidarmos da disposição dos espaços.

### Disposição dos espaços

Como vimos anteriormente, é recomendado que a disposição das prateleiras respeitasse algumas distâncias mínimas, de modo a permitir maior conforto ambiental. É necessário, porém, verificar, ainda, a possibilidade de definição de alguns espaços, ainda que sem paredes ou divisórias, mas delimitados pelo mobiliário que os compõe.

O local onde as estantes estarão dispostas em corredores será chamado de *circulação* e *prima* pela amplitude de seus corredores. Próximo a esse local, teremos estantes (também

pode ser um corredor) que contarão com obras que não poderão sair da biblioteca (como dicionários, enciclopédias, atlas etc.). Esse espaço é chamado de *referência*. É importante que essa seção esteja bem à vista e sinalizada aos usuários.

Também é essencial que a biblioteca disponha de um espaço para a leitura dos documentos. Nesse espaço, especialmente, é necessária uma preocupação com o silêncio, de modo que um usuário não atrapalhe o outro.

Um local para o trabalho da biblioteca é importante. Uma mesa para a realização dos empréstimos, bem como para o registro e classificação do acervo, é indispensável.

Organizados os espaços, seguimos então para a organização do acervo, que permitirá maior consciência daquilo que a biblioteca dispõe, bem como um controle mais efetivo do que sai e entra na biblioteca e, também, principalmente, melhor **organização do acervo**, de modo a facilitar a utilização do mesmo pela comunidade.

### Organização do acervo

Para a organização do acervo, precisamos, inicialmente, providenciar alguns materiais de expediente.

- Livros de registro
- Carimbos
- Fichas de catalogação dos livros
- Fichas de registro para os usuários
- Fichas de empréstimo
- Sinalização do acervo.

O **livro de registro** poderá ser comprado pronto (algumas papelarias o vendem com o nome de livro de tombo) ou poderá ser feito pelo grupo gestor, com um caderno e caneta. As informações necessárias são o número sequencial (para o registro), o autor da obra (sempre entrando pelo sobrenome), o título da obra, a edição, o ano e um espaço para observações. Vale lembrar que, nos casos em que existirem mais de um livro igual, todos serão registrados de forma sequencial, acrescentando apenas no campo de observações a informação exemplar 1, exemplar 2 e assim sucessivamente. Veja abaixo um exemplo:

Registro	Autor	Título	Edição	Ano	Observações
001	QUEIRÓS, Eça de.	Os tesouros	2 <sup>a</sup>	1893	Exemplar 1

Feito o registro da obra, utilizaremos os **carimbos** para identificá-la. Os carimbos são essenciais para o registro das obras e deverão ser utilizados em todo o acervo, com exceção dos materiais periodicamente retirados do acervo, como revistas de fofocas.

Além dos carimbos de identificação da obra, teremos também um carimbo que será utilizado para marcar a data de devolução dos livros.

Existem muitos lugares que confeccionam carimbos. Procure um que fique próximo a sua comunidade e peça que ele faça um carimbo com o nome da biblioteca (esse carimbo será utilizado para identificação daquele material como pertencente à biblioteca), outro

carimbo com o nome da biblioteca e mais um espaço para o preenchimento manual do número de registro do livro (esse deverá ser usado no verso da folha de rosto do livro) e outro com a informação da data de empréstimo e da data de devolução para serem preenchidas manualmente. Veja os exemplos:



Após a carimbagem dos itens, preencheremos então as **fichas de catalogação dos livros**. Essas fichas deverão ser preenchidas com as informações do livro, seu número de registro e também com a sua classificação (esse assunto será tratado mais à frente).

Ordinariamente, essas fichas têm 7,5 cm de altura, por 12,5 cm de largura, mas poderão ser adaptadas de acordo com as metragens do fichário da biblioteca. Mostramos na sequência um modelo que poderá ser adaptado para a biblioteca da sua comunidade e reproduzido por fotocópia (de preferência em um papel mais grosso do que uma folha normal), podendo assim ser preenchido manualmente.

B931 Buarque, Chico

Chapeuzinho Amarelo/Chico Buarque; ilustrações Ziraldo. \_ 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

30 p., il.

1. Literatura infantojuvenil. I. Ziraldo. II Título.

CDD - 028.5

CDU - 087.5

H821 Hosseini, Khaled

- O caçador de pipas / Khaled Hosseini; tradução Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

365p.

Tradução de: The kite runner  
ISBN 978-85-209-1767-4

1. Amizade - Ficção. 2. Romance afegão. I. Roanet, Maria Helena.  
II Título.

CDD 891.596

CDU 821.411.21 (581)-3

## Modelo de ficha catalográfica

É importante destacar o fato de que cada item terá, no mínimo, três fichas: uma com a entrada feita pelo autor, outra pelo título e outra pelo assunto do item - lembrando que itens com mais de um autor terão uma ficha para cada autor e o mesmo ocorre com itens contendo mais de um assunto.

Essas fichas têm como função principal facilitar a localização dos itens na biblioteca, uma vez que a classificação na ficha será a mesma existente no livro e o livro estará na prateleira, que também recebe a mesma classificação.

Estando os itens acima em conformidade, partimos então para as **fichas de registro para os usuários**, que representam o cadastro de cada usuário que fará uso do acervo, de modo a garantir a segurança dos itens da biblioteca e que também será útil para as verificações periódicas de perfis de usuários.

Esse cadastro poderá ser feito por meio de fichas de registro, que deverão conter o número de registro do usuário, nome, o endereço, o telefone, uma foto, bem como o nome dos responsáveis, caso seja menor. Também é possível acrescentar nessas fichas a escolaridade, os assuntos de interesse e um registro periódico dos livros emprestados por esse usuário, para que, no futuro, essa informação possa ser usada na tomada de decisões da biblioteca. Veja o modelo:

BIBLIOTECA - CADASTRO DE LEITORES	ANEXO I
	N. de inscrição _____
NOME: _____	
RG: _____ CPF: _____	
ENDEREÇO: _____	
DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____ TELEFONE: _____	
Comprometo-me a seguir o regulamento da biblioteca, responsabilizando-me por danos ou perdas dos materiais a mim emprestados.	
Local e data: _____	
Assinatura: _____	
Observações: _____	
_____	
_____	
_____	

Feito o registro dos usuários, poderemos então começar a realizar os empréstimos. Para isso, será necessária a confecção de outra ficha, chamada ficha de empréstimo, e será utilizada para o controle do acervo. Cada livro deverá ter sua ficha de empréstimos e ela estará localizada em um bolso, na contracapa do livro, bem como outra ficha, que deverá ser utilizada para o carimbo da data de empréstimo e devolução. Essa ficha de empréstimo deverá ter um espaço para o preenchimento do número de registro do livro, o número de classificação, o nome do autor, o título do livro e, logo abaixo, um espaço para a colocação das datas de empréstimo e devolução e para a assinatura do usuário. Na outra ficha, teremos

apenas os espaços para o carimbo com datas, de modo a lembrar ao usuário da data de entrega do item. Exemplos no anexo desde capítulo.

A ficha de empréstimo deverá sair do bolso localizado na contracapa do livro e ser presa com um clipe a ficha do usuário que pegou o livro emprestado. Ela só voltará para o bolso após a devolução do livro. Fazendo isso, o grupo gestor terá total controle dos livros que estão emprestados da data prevista para devolução, de modo a permitir até mesmo a criação de uma lista de espera para um determinado livro. Fica a dica!

Estando com todas essas fichas impressas e prontas para serem preenchidas, começaremos a cuidar, pois, da sinalização do acervo. A **sinalização do acervo** nada mais é do que a **classificação dos livros**.

A **classificação dos livros** tem como objetivo proporcionar ao livro um endereço dentro da biblioteca, uma vez que, com o crescimento do acervo, sem esse endereço, muito possivelmente os livros se perderiam e não voltariam mais a ser encontrados com facilidade pelos usuários, nem pelo grupo gestor. Essa classificação também proporcionará uma identidade visual ao acervo, possibilitando maior autonomia aos usuários, que poderão se locomover dentro da biblioteca e do acervo onde se encontram os livros de seu interesse e compreendo como este funciona, sem a ajuda do grupo gestor.

Para isso, é necessário, antes de tudo, definir qual o sistema de classificação que a biblioteca irá utilizar. A Biblioteconomia faz uso de vários, mas entendemos e aconselhamos para as bibliotecas comunitárias a utilização do sistema de classificação por cores, aliado ao sistema de classificação por assuntos (CDD), simplificado, de John Dewey.

A classificação por cores é, sem dúvida, a mais gostosa das classificações. Realizar seu trabalho é muito simples. Primeiramente, recomendamos que todos os livros do acervo sejam separados por assunto, pois, com isso feito, a classificação será muito mais rápida de ser realizada.

A identificação do assunto é essencial, pois a tabela que apresentamos como proposta de classificação faz uso das cores para sinalização e dos assuntos para direcionamento, uma vez que as cores seriam insuficientes para todos os possíveis assuntos do acervo de uma biblioteca comunitária, de modo que cada cor irá abarcar diversos assuntos.

Dessa forma teremos a cor e em seguida o assunto do livro. Um exemplo prático: temos dois livros, um de Biblioteconomia e outro de Jornalismo. Ambos receberão a cor roxa, pois os dois estão dentro do que a classificação de Dewey aponta como obras gerais. Entendemos, contudo, que essa mistura de Jornalismo com Biblioteconomia pode confundir os usuários, então acrescentamos na classificação do livro a menção do assunto.

Sendo assim, teremos como identificação desses livros a cor roxa e, logo abaixo, as três primeiras letras do assunto correspondente ao livro. Exemplo:



**BIB**

Essa classificação se refere a um livro de obras gerais, do assunto Biblioteconomia. Abaixo trazemos nossa proposta de sistema de classificação a ser utilizado:

**ROXO****OBRAS GERAIS**

BIB	Bibliografia
BIBL	Biblioteconomia
ENC	Enciclopédias
INF	Informática
COL	Coleções
MUS	Museus
JOR	Jornalismo
PER	Periódicos
LIV	Livros raros

**VERDE ESCURO****RELIGIAO**

TEO	Teologia natural
BIB	Bíblia
DOG	Dogmas. Doutrinas
DEV	Devoção. Prática
PAS	Pastoral.
IGR	Igreja
HIG	História geral da Igreja
ICR	Igrejas cristãs. Seitas
INC	Igrejas não cristãs

**ROSA****FILOGOLOGIA. LINGÜÍSTICA**

LIN	Linguística
GRA	Gramáticas
DIC	Dicionários

**BRANCO****LIVROS DIDÁTICOS**

POR	Português
MAT	Matemática
CIE	Ciências
HIS	História
GEO	Geografia

**LARANJA****CIÊNCIAS APLICADAS**

MED	Medicina
ENG	Engenharia
AGR	Agricultura
ECO	Economia doméstica
COM	Contabilidade
TEC	Tecnologia química
ADM	Administração
PRO	Profissões mecânicas
CON	Construção prática

**VERMELHO ESCURO****LITERATURA ESTRANGEIRA**

LER	Romance, conto e prosa
LEP	Poesia
LET	Teatro
LEH	Humor
LEP	Policial
LET	Terror e suspense
LEC	Cartas
LEE	Ensaio

**VERMELHO****LITERATURA BRASILEIRA**

LBR	Romance, conto e prosa
LBP	Poesia
LBT	Teatro
LBH	Humor
LBC	Cartas
LBE	Ensaio

**VERDE CLARO****FILOSOFIA**

MET	Metafísica
TEO	Teoria do conhecimento
FIL	Filosofia
DOU	Doutrinas e sistemas filosóficos
PSI	Psicologia
LOG	Lógica
ETI	Ética
FAN	Filósofos antigos
FMO	Filósofos modernos

**MARROM****CIÊNCIAS SOCIAIS - SOCIOLOGIA**

EST	Estatística
CIE	Ciência política
ECO	Economia política
DIR	Direito
ETI	Etiqueta. Usos e costumes
SOC	Sociologia
EDU	Educação
COM	Comércio. Comunicações
FOL	Folclore.

**CINZA****CIÊNCIAS PURAS**

MAT	Matemática
AST	Astronomia
FIS	Física
QUI	Química
GEO	Geologia
PAL	Paleontologia
BIO	Biologia.
BOT	Botânica
ZOO	Zoologia
ANT	Antropologia

**AMARELO****ARTES**

URB	Urbanismo
ARQ	Arquitetura
ESC	Escultura
DES	Desenho. Decoração
PIN	Pintura
GRA	Gravura
FOT	Fotografia
MUS	Música
DIV	Divertimento

**PRETO****HISTÓRIA e GEOGRAFIA**

HIS	História
HIB	História do Brasil
GEO	Geografia
GEB	Geografia do Brasil.

**BEIGE****BIOGRAFIAS**

BIE	Brasileiras
BIB	Estrangeiras

**AZUL ESCURO****Literatura infante-juvenil**

LIJ	Romance, conto e prosa
LIJP	Poesia

**AZUL CLARO****Literatura infantil**

LIN	Romance, conto e prosa
LINP	Poesia

Definidos os assuntos e as cores, é hora de colocar essa sinalização nos livros. Essa atividade é chamada de dorso. O dorso poderá ser recortado de uma folha comum, de papel branco, e deve ter cerca de 3cm de altura e 5cm de largura. Nesse papel deverão ser feitas duas linhas, a de cima para a sinalização por cores (que poderá ser feita com lápis de cor ou no computador) e a de baixo para a sinalização por assunto. Feito isso, ele deverá ser colado com papel do tipo *contact* transparente. Essa fita de papel *contact* deverá ser cortada com 5 cm de altura e 9 cm de largura, de modo a abraçar o livro ao ser colado junto com o dorso. Ele deverá ser colado 1,5 cm de baixo para cima na lombada do livro e todos os livros devem ser colados igualmente.

É importante destacar o fato de que os livros deverão sempre estar com seus pares, isto é, assuntos iguais juntos e cores iguais próximas. Não se esqueçam de sinalizar também as estantes e corredores, de modo a permitir um livre trânsito por parte dos usuários. Então, lembrando,

- **Primeiro passo:** definir o perfil do usuário da biblioteca
- **Segundo passo:** estabelecer os critérios de seleção que definirão o que entrará ou não no acervo
- **Terceiro passo:** pensar alternativas criativas para a constituição do acervo
- **Quarto passo:** formar o acervo inicial (básico) da biblioteca
- **Quinto passo:** buscar fontes de informação que retratem a comunidade
- **Sexto passo:** organização da biblioteca como um todo.

E o **sétimo passo**, que é, sem dúvida, o principal: façam da biblioteca uma extensão da casa dos moradores da comunidade. Convidem essas pessoas para um café, para uma conversa, para decidir e fazer parte. A comunidade é a razão de ser e existir da biblioteca comunitária. Sem ela a biblioteca não passará de um depósito.

É muito importante que o grupo gestor não se esqueça dessa função principal, que pode ser lembrada com uma poesia da eterna Rachel de Queiroz:

Visitante mui amigo  
 Pode entrar a casa é sua  
 Ah! É tão bom nesta vida  
 Abrir a porta da rua  
 Como quem abre num  
 Abraço  
 Fazendo assim como o faço  
 Entre a gosto: A Casa é Sua.

Bom trabalho!

## Referências

ANDRADE, Diva, VERGUEIRO, Waldomiro de Castro S. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília, DF: B. de Lemos/Livros, 1999.

BRASIL. Ministério da Cultura. Diretrizes gerais: o PNLL. 2.ED. rev. Brasília, 2007.

CAMPELLO, Bernadete et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v.6, N.2, P.71-88, jul./dez. 2001.

CAMPELO, Bernadete S. , CENDÓN, Beatriz V., KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CAMPELO, Bernadete S. Fontes de informação utilitária em bibliotecas PÚBLICAS. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.22, n. 1, . 35-46, jan/jun. 1998.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Memória, informação e acervo. In: PINTO, Virgínia Bentes: SILVA NETO, Casimiro (Org.). **Ciência da informação: abordagens transdisciplinares: gêneses e aplicações**. Fortaleza: Ed. UFC, 2007.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira. ANDRADE, Ivone Bastos Bomfim. Necessidade de Informação da comunidade do distrito de Taquara: uma experiência de extensão universitária. **Inf. & Soc.: Est.** João Pessoa, v.8, n. 1, P.164-175, 1998.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Programa Nacional de Incentivo à Leitura**(PRO-LER). Formação de leitores e construção da cidadania. Rio de Janeiro, 2008.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psico – inguística da leitura e do aprender a ler. 3ed. Porto Alegre Artes Médicas, 1991.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ED.. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. VERGUEIRO, Waldomiro de C. S. Seleção de materiais informacionais. 3.ed. Brasília: B. de Lemos, 2003.

WEITZEL, Simone da R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.



# Módulo 6

Leitura e dinamização de acervos  
Um Banquete de Luzes, Cores, Fantacias, Realidades...

# Fátima Maria Alencar Araripe

Fátima Maria Alencar Araripe é professora da Universidade Federal do Ceará. Tem doutorado em Educação pela UFC e mestrado em História Social pela UFRJ. Especialização em Organização e Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares /UFC. Coordena os projetos de extensão Clube da Leitura; Onda Ler: Biblioteca e Leitura Construindo a Cidadania; Ouvindo Histórias e Revista Literação. Coordena o Programa de Extensão Biblioteca, Leitura e Cidadania.

# Leitura e dinamização de acervos

## Um Banquete de Luzes, Cores, Fantasias, Realidades...

*O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim.  
Implica na relação que eu tenho com esse mundo.*

*Paulo Freire*

... sonhos, emoções, paixões, fotografias, palavras, pessoas, imaginação. Se alguém na rua falasse que essas coisas são acervos você concordaria? O fato é que tudo isso é texto, texto escrito no cotidiano da vida e, portanto, acervos. Acervos das lembranças, das memórias, do corpo, da cidade, dos amores, acervos... Pensando nesse caminho, a minha resposta seria afirmativa. E a sua?

A princípio, pensei em atribuir como título para este artigo simplesmente “Dinamização de Acervos”, pois é disso que ele trata; no entanto, percebi – ou melhor, lembrei-me – de que de tudo que penso sobre dinamizar acervos tem relação com coisas as quais deparamos no cotidiano da vida, com os guardados do que vemos, fazemos, ouvimos e que vamos, aos poucos, armazenando e formando nossos acervos. Em assim pensando, resolvi intitular “Leitura e Dinamização de Acervos: um banquete de luzes, cores, fantasias, realidades...”. Creio que isso tem relação com ser e estar no mundo.

Muitas vezes, passamos anos vendo e ouvindo coisas comuns ao nosso redor, como um jarro, uma mesa, um porta-retrato, uma música, por exemplo, sem, na verdade, enxergar ou ouvir nenhuma delas. Limitamos-nos apenas a vê-las como objetos de decoração ou de utilidade prática. Chega, porém, um determinado momento em que essas mesmas coisas podem nos parecer novidades, isto é, começamos a notar a sua existência para além de meras peças decorativas, quer seja na cor, no formato, no tamanho, na textura, e tudo parece adquirir um novo ou um outro sentido. Quando isso acontece, significa que estabelecemos um elo entre nós e a “coisa” (objeto, pessoa) em questão. Passamos, então, do estado de simples convívio, por ocupar um mesmo espaço geográfico, para olhar e ver ou enxergar, apreciar e sentir a presença ou a ausência. Podemos, então, observar a beleza ou a feiúra, o material de que é feito, a cor ou cores que o revestem, bem como a sua textura, a história da sua invenção e utilidade na vida prática. São muitas as percepções, mas especialmente porque as escolhemos e adquirimos. O que nos agradou naquele objeto, ou pessoa, ou música? Não importa. Agora a sua existência faz sentido, então o que realmente vale é o fato de não mais o olharmos da mesma forma, pois, com certeza, esse novo olhar diz muito das nossas vidas, do nosso trabalho, dos nossos amores. Nesse momento, podemos afirmar que afinal estamos iniciando um processo de leitura.

Paulo Freire diz que a leitura do mundo e a leitura do escrito são indispensáveis para o processo e compreensão do que se lê. Concordando com o autor, concluo que precisamos da leitura do mundo para entender a leitura da palavra escrita, e necessitamos da palavra escrita para entender a leitura do mundo. É uma via de mão dupla, que enriquece o ato de ler.

Refletir sobre leitura implica sempre saber que algumas questões precisam ser pensadas, ou indagadas: o que é leitura? Para que serve a leitura? O que podemos ler? Como podemos ler? O que a leitura representa na nossa vida? Quais as nossas práticas leitoras? E mais o que você, leitor, sentir necessidade de indagar.

As respostas não estão prontas, até porque devemos procurá-las em cada um de nós, na maneira como encaramos a vida, como queremos vivê-la e o que desejamos para o futuro. A história da leitura, da escrita, dos leitores e de seus modos de produção mostra que esse aspecto da conjuntura social é condição fundamental para um desenvolvimento com bases mais sólidas, quer seja na área cultural, política, educacional ou socioeconômica de qualquer país. Portanto, falar, pensar e refletir sobre leitura é sempre uma necessidade.

Em um mundo de tantas descobertas e transformações, precisamos observar que o universo da leitura ultrapassa os limites da escrita e se materializa em suportes, formas e contextos. Podemos ler todas as coisas, ou melhor, todos os textos: imagens, gestos, sonhos, vida, casa, rua, bairro, cidade, símbolos, fotografias, poesias, músicas, lugares e livros, muitos livros. As representações que a leitura nos oferece povoam os lugares e o nosso cotidiano. Precisamos de equipamentos culturais que possam oferecer à sociedade espaços que facilitem o desenvolvimento e o envolvimento dessa sociedade com a leitura e a escrita. Precisamos de teatros, museus, parques, cinemas e **bibliotecas, muitas bibliotecas.**

Sabemos que a educação brasileira deixa muito a desejar no que se refere a biblioteca e leitura. Ainda são muito poucas as bibliotecas públicas e escolares no nosso País, principalmente nas periferias das cidades, bairros mais afastados e municípios interioranos, sem falar na qualidade dos acervos e serviços que estão sempre em descompasso em relação ao crescimento e desenvolvimento científico e tecnológico.

Nesse âmbito, se faz necessário refletir sobre a criação de bibliotecas comunitárias como possibilidade de preencher essa grande lacuna nas comunidades; comunidades essas que, vale ressaltar, não carecem somente de informação e leitura, mas de toda uma preocupação do Poder Público com as questões culturais e educacionais.

Precisamos de bibliotecas comunitárias que se mostrem como um movimento de compartilhamento e convivência entre os membros de uma comunidade de saberes culturais plurais, na perspectiva de constituição de acervos que tenham laços de pertencimento com cada um e com o conjunto da comunidade, mediante a leitura de livros, histórias, imagens, sons e da escritura de suas histórias de vida e da comunidade local. É a biblioteca comunitária como uma possibilidade de levar informação à comunidade, além de estimular a leitura e o aprendizado, ajudando na formação de cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres.

Falar de biblioteca comunitária, portanto, é falar de cultura, informação, inclusão, exclusão, igualdade, desigualdade, democracia, cidadania, e das mudanças que podem provocar na comunidade onde se encontra, na medida em que a comunidade é o local de desenvolvimento da língua, da religião, da educação, da saúde, da memória e tantas outras coisas.

As bibliotecas existem desde a Antiguidade, mas as de perfil comunitário só surgiram à época dos movimentos sociais das décadas de 1960/70 quando a sociedade solicitava ao Poder Público transporte, educação, saúde e demais necessidades ao bem-estar social. Depois

vieram as solicitações dos equipamentos sociais e culturais: creches, parques infantis, áreas verdes, quadras esportivas, museus, teatros, **bibliotecas** etc. E biblioteca remete a livros, informação, internet, conhecimento, memória, história, dentre outras coisas, que, além de se tornar instrumentos de inclusão social, assuntos dos mais discutidos e necessários na sociedade atual, possibilitam maior participação de todos na construção do mundo que queremos para o nosso povo.

Os primeiros acervos das bibliotecas constituíam-se de blocos de pedras gravados com lendas, cânticos religiosos, história de heróis e os conhecimentos dos sábios da época; depois, veio o barro, no qual as gravações eram feitas ainda com ele úmido; em seguida, a madeira com cera e gravações feitas com fogo; depois o pergaminho, feito de couro de animais; o próximo foi o papiro, oriundo de uma planta das margens do Nilo, no Egito, a primeira forma de papel que se usou, embora os chineses sejam os inventores do papel. No século XV, tivemos os tipos móveis com Gutenberg e, com isso, mais facilidade para a publicação de livros impressos e, conseqüentemente, maior divulgação das Ciências e das Artes. Todo esse acervo não tinha outro lugar senão na biblioteca para ser guardado e preservado. Dessa forma, as bibliotecas passaram a ser o lugar por excelência para a guarda dos acervos que iam se constituindo.

Hoje, os acervos se diversificaram e não se compõem mais só de livros, tampouco de materiais fisicamente visíveis. Temos acervos de todos os tipos: desde livros, esses que vemos nas livrarias e podemos pegar e virar as páginas, aos livros eletrônicos. Desse modo, temos bibliotecas em prédios e em ambientes virtuais na internet. Qualquer que seja o modelo de biblioteca nós sempre podemos acessar os seus acervos para ler.

Todas essas reflexões remetem às minhas memórias, que aqui quero me referir na perspectiva de falar de acervos. Nasci sob o farfalhar da tesoura e em meio aos livros. Isso porque minha mãe era “modista” e meu pai jornalista e escritor. Falar de leitura me faz lembrar da minha casa, aquela em que vivi com os meus pais, irmãos e irmãs. Minha mãe às voltas com uma tesoura, fita métrica, revistas de moda, seda, linho, popeline, dentre outros, e o barulhinho, que ainda hoje lembro, da tesoura cortando o tecido, entrecortada pela ida e vinda das clientes. Meu pai, no trabalho intelectual, com suas reportagens e a escritura dos seus livros. Os dois formavam um par interessante, cada um nutrindo respeito e admiração pelo trabalho do outro. Os livros, bem, esses se ofereciam a todo instante e em todo lugar: na estante, no sofá, no quarto...

No baú de memórias do meu mundo tomaram parte efetiva e determinante esses dois fatos. À época, não me vi com tendência para trabalhar com moda, embora acompanhasse de perto e participasse da feitura das roupas, pois me “metia” desde a escolha dos modelos, ajudando com as costuras de mão, com as compras de aviamentos e, algumas vezes, em ornamentos especiais; mas nada que me indicasse uma vocação futura.

Os livros? Bem, esses ficaram mais distantes. Não que desgostasse deles. Olhava-os na estante, admirava as cores das suas capas, e até me sentava sobre eles, que na maioria das vezes também se encontravam no sofá, deixando a casa com ares de desarrumação; mas era assim mesmo - tecidos e retalhos para um lado, e livros e papéis para outro. Era um banquete de formas, cores, luzes, lugares, sonhos, realidade e fantasia, como diz o título deste texto.

Hoje, sei o quanto tudo isso deu os contornos da minha vida. Primeiramente, quando me aventurei a fazer uma roupa, um vestido. Isso porque, de acordo com o ditado, “em casa

de ferreiro o espeto é de pau”, minha mãe não tinha muito tempo para fazer as nossas roupas, que ficavam sempre para um momento de mais folga. Resumindo essa parte da história, quero dizer que essa história de moda sempre permeou a minha vida, estando em alguns momentos no centro das minhas atenções e me deu a oportunidade de participar desse mundo mágico e envolvente. Foi uma grande experiência ou uma grande oportunidade para o encontro com a leitura do mundo da moda. Ao mesmo tempo em que agia nesse mundo, também continuava em meio aos livros e ao saber. Vivi por muito tempo essa dualidade e penso que ainda guardo um pouco disso em mim; no entanto, os rumos mudaram e a intelectualidade falou mais alto. Foi assim que o meu envolvimento mais íntimo com a leitura se solidificou e agora estou a falar de leitura e dinamização de acervos. Falo dos meus acervos para que se lembrem dos seus. Estou mostrando alguma coisa de mim permeada um pouco por muitas coisas e por muitas pessoas que encontrei no meu caminhar. Um *mix* das minhas vivências.

Percorri alguns caminhos, e ao longo desses caminhos fui construindo o meu mundo e guardando acervos, um tecido que vem se avolumando com e através de cada pessoa e de cada fato, e do conjunto deles todos. Viajei por muitos lugares na minha realidade, mas também viajei pela imaginação e pela fantasia, e me tornei personagem de muitos filmes e livros, cantei como Gal Costa e Elis Regina, escrevi como Drummond e Manuel Bandeira, quis ser bailarina, uma bailarina dessas que transgride os passos clássicos do balé. Aprendi tantas coisas!

Aprendi que ler não se restringe à palavra escrita, mas a todos os textos que se me oferecem e se mostram ao olhar, ao sentir, ao cheirar, ao ouvir. Aprendi com esses textos, nos riscos que eles me ofereceram e me oferecem. E, na minha relação com esses textos, na leitura dessas linguagens, fui desvendando o mundo e a mim num diálogo singular de respeito e afetos. Quando me lembro desse mundo vivido e guardado (os meus acervos), reconheço que daí nasceu a leitora em que me tornei.

Partindo dessas reflexões, proponho, então, que os acervos sejam pensados na perspectiva de uma leitura que está na escrita e além da escrita: nos livros, nos filmes, nos cheiros, nos gestos, no olhar, na cidade, na casa, na rua, na fotografia, nas lembranças, na memória. Assim, precisamos ver a leitura como um lugar onde cada pessoa se inscreve de modo singular e único, dependendo da sua história de vida, experiências, lembranças, esquecimentos, medos, projetos etc. Esse é o universo da leitura, o universo da vida; de uma vida que caminha no ritmo do tempo, que não é uniforme, mas tem existência individual e coletiva, em constante interação, por meio das vozes do cotidiano de cada um de nós e que aparecem nas cidades construídas de papel e letras, e cores, e sons – nos livros, jornais, anúncios, bulas, revistas, cartas, cartazes, receitas, internet e histórias de vida.

Partindo da premissa de que para aprender é necessário que a leitura esteja permeando esse caminho, qualquer que seja a natureza da aprendizagem, ela essencialmente estará acompanhada por um processo de leitura, que se mostra com distintas formas e por diferentes sentidos. Independentemente do sentido (visão, audição, tato etc.) envolvido nesse processo, as relações e interações do ser humano com a natureza e a cultura implicam aprendizagem e encontram na leitura a sua essência.

Portanto, criar espaços para práticas leitoras interessa como atividades que possibilitam a significação dos diversos textos e a socialização do ser humano, já que a promoção e

motivação da leitura não se restringem ao ato de ler em si, mas sim à leitura como forma de conhecimento e participação político-social. É preciso situar-se no mundo e interagir com esse mundo de vários modos e em diferentes registros, pois o ato de ler se constrói na valorização e qualificação das relações humanas, na possibilidade de construção de um sujeito cidadão; na possibilidade de, do encontro das diferenças, lermos com o outro.

Quero terminar essa parte reflexiva com a minha concepção de leitura que diz: ler é como entrar num texto feito areia movediça, povoado, por todos os lados, de palavras, vogais e consoantes, luzes e cores, fadas e duendes, realidade e imaginação; tudo arrumado qual um banquete, para que cada pessoa prove, sinta, cheire, ouça, toque, sonhe. Foi assim que entrei nesse terreno “perigoso” e me banqueteei o quanto pude. Fiquei presa nas suas armadilhas, mas não me fartei, até porque o banquete não acabou. Penso que jamais acaba e que, depois que o saboreamos, ele vai estar sempre lá, à nossa espera.

## Sugestões para dinamização de acervos

Para pensar em acervos, tome como ponto de partida três aspectos: a consciência do eu como leitor (a); a percepção do outro, também leitor; e o conjunto do eu e do tu, o nós, a comunidade leitora; isto é, pensar os acervos além do que está fisicamente ordenado em bibliotecas, centros de informação, salas de leitura, livrarias etc.; observar as histórias da vida cotidiana dos sujeitos envolvidos no processo de leitura, de releituras, o escrever e reescrever histórias.

### Atividades propostas

- 1) Comece por você e construa o seu conceito de: LER É e ACERVO
- 2) Onde podemos encontrar acervos?
- 3) Crie uma mala / baú / caixa de memórias/ recordações
- 4) Leitura como expressão do ser: faça um autorretrato: cada pessoa vai criar, pela poesia, o autorretrato, numa viagem em seu acervo pessoal
- 5) Leitura na percepção do outro
- 6) Leitura e acervos culturais: formar um pequeno acervo da história da sua cidade e fale da sua participação nessa história (danças, lendas, festas religiosas, folclore, poetas populares, comidas, causos etc.)
- 7) Leia, leia muito, e escreva
- 8) Pense, invente...



Com base na leitura deste texto, crie um conceito para acervo

### A PALAVRE É ... **ACERVO**

“ACERVO É TUDO QUE GUARDAMOS EM NÓS E AO NOSSO REDOR. É AQUILO QUE REPARTIMOS E RECEBEMOS DE ALGUÉM. É A VIDA EM CONSTANTE MOVIMENTO DE IR E VIR, COMO EM ONDAS NO MAR.”

**FÁTIMA ARARIPE**

“O ACERVO É A PRÓPRIA VIDA.”

**NANCY NÓBREGA**

“NOSSO ACERVO É CONSTITUÍDO DE RESSONÂNCIAS.”

**CELSO SISTO**

“ACERVOS: SOMOS NÓS MESMOS.”

**LÍDIA CAVALCANTE**

“ACERVO É AQUILO TUDO QUE FUI GUARDANDO DENTRO DE MIM. TODOS OS DIAS EU DOU PARA ALGUÉM UM PEDAÇO DELE, E NUNCA ACABA, PELO CONTRÁRIO, A CADA DIA ELE É MAIOR, PORQUE TEM SEMPRE ALGUÉM QUE ME DÁ OUTRO PEDAÇO TAMBÉM.”

**LÚCIA FIDALGO**

Agora é a sua vez:

“

---

---

---

---

---

”

Onde podemos encontrar acervos? Complete os espaços em branco.

**BIBLIOTECA**

**MALA**

**CASA**

**EU**

**NO OUTRO**

**SONHOS**

**SOMBRAS**

**SUADADE**

**CAIXA**

**COLEÇÕES**

Prepare uma mala, ou baú, ou caixa, com suas memórias. O que você ainda pode colocar nessa mala? Preencha os espaços em branco ou crie outra página.

**RETRATOS**

**HISTÓRIAS**

**POESIAS**

**EMOÇÃO**

**FANTASIA**

**CARTAS**

**PESSOAS**

**PALAVRAS**

**SONHOS**

**SORRISO**

**EMOÇÃO**

**PAIXÕES**

## Inspirado(a) nas poesias crie o autorretrato

### O AUTO-RETRATO

Mário Quintana

*No retrato que me faço  
– traço a traço –  
Às vezes me pinto nuvem,  
Às vezes me pinto árvore...*

*Às vezes me pinto coisas  
De que nem há mais lembrança...  
Ou coisas que não existem  
Mas que um dia existirão...*

*E, desta lida, em que busco  
– pouco a pouco –  
Minha eterna semelhança,*

*No final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Corrigido por um louco*

### AUTO RETRATO FALADO

Manoel de Barros

*Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão,  
aves, pessoas humildes, árvores e rios.  
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar  
entre pedras e lagartos.  
Já publiquei 10 livros de poesia: ao publicá-los me sinto  
meio desonrado e fujo para o Pantanal onde sou  
abençoado a garças.  
Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo que  
fui salvo.  
Não estou na sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.  
Os bois me recriam.  
Agora eu sou tão ocaso!  
Estou na categoria de sofrer do moral porque só faço  
coisas inúteis.  
No meu morrer tem uma dor de árvore.*

**Leitura na percepção do outro: baseado no texto, faça uma dinâmica, em dupla, para que as pessoas, sem se conhecerem, façam observações sobre o que pensam que a outra é ou faz só pelo visual.**

## GENTE

Luís Fernando Veríssimo

*Existe gente-casa e gente apartamento. Não tem nada a ver com o tamanho: há pessoas pequenas que você sabe, só de olhar, que dentro têm dois pisos e escadaria, e pessoas grandes com um interior apertado, sala e quitinete. Também não tem nada a ver com caráter. Gente-casa não é necessariamente melhor do que gente-apartamento. A casa que alguns têm por dentro pode estar abandonada, a pessoa pode ser apenas uma fachada para uma armadilha ou um bordel. Já uma pessoa-apartamento pode ter um interior simples mas bem ajeitado e agradável. É muito melhor conviver com um dois-quartos, sala, cozinha e dependências do que com um labirinto.*

*Algumas pessoas não são apenas casas. São mansões. Com sótão e porão e tudo que eles comportam, inclusive baús antigos, fantasmas e alguns ratos. É fascinante quando alguém que você não imaginava ser mais do que um apartamento com uma suíte, de repente se revela um sobrado com pátio interno, adega e solário. É sempre arriscado prejulgar: você pode começar um relacionamento com alguém pensando que é um quarto-e-sala conjugado e se descobrir perdido em corredores escuros, e quando abre uma porta dá no quarto de uma tia louca.*

*Pensando bem, todo mundo tem uma casa por dentro, ou, no mínimo, bem lá no fundo, um porão. Ninguém é simples. Tudo, afinal, é só a ponta de um iceberg (salvo ponta de iceberg, que pode ser outra coisa) e muitas vezes quem aparenta ser apenas uma cobertura funcional com quarto, sala, lavabo e cozinha, só está escondendo suas masmorras.*

## CASA ARRUMADA

Carlos Drummond de Andrade

*Casa arrumada é assim:*

*Um lugar organizado, limpo, com espaço livre pra circulação e uma boa entrada de luz.*

*Mas casa, pra mim, tem que ser casa e não um centro cirúrgico, um cenário de novela.*

*Tem gente que gasta muito tempo limpando, esterilizando, ajeitando os móveis, afofando as almofadas...*

*Não, eu prefiro viver numa casa onde eu bato o olho e percebo logo: Aqui tem vida...*

*Casa com vida, pra mim, é aquela em que os livros saem das prateleiras e os enfeites brincam de trocar de lugar.*

*Casa com vida tem fogão gasto pelo uso, pelo abuso das refeições fartas, que chamam todo mundo pra mesa da cozinha.*

*Sofá sem mancha?*

*Tapete sem fio puxado?*

*Mesa sem marca de copo?*

*Tá na cara que é casa sem festa.*

*E se o piso não tem arranhão, é porque ali ninguém dança.*

*Casa com vida, pra mim, tem banheiro com vapor perfumado no meio da tarde.*

*Tem gaveta de entulho, daquelas que a gente guarda barbante, passaporte e vela de aniversário, tudo junto...*

*Casa com vida é aquela em que a gente entra e se sente bem-vinda.*

*A que está sempre pronta pros amigos, filhos...*

*Netos, pros vizinhos...*

*E nos quartos, se possível, tem lençóis revirados por gente que brinca ou namora a qualquer hora do dia.*

*Casa com vida é aquela que a gente arruma pra ficar com a cara da gente.*

*Arrume a sua casa todos os dias...*

*Mas arrume de um jeito que lhe sobre tempo pra viver nela...*

*E reconhecer nela o seu lugar.*

**Leitura e acervos culturais: forme um pequeno acervo da história da sua cidade e fale da sua participação nessa história (danças, lendas, festas religiosas, folclore, poetas populares, comidas, causos etc.). Pode ser uma música, uma poesia ou uma crônica.**

### Estrada de Canindé

Luíz Gonzaga e Humberto Teixeira

*Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e uma cabocla  
Cum a gente andando a pé  
Ai, ai, que bom  
Que bom, que bom que é  
Uma estrada e a lua branca  
No sertão de Canindé  
Artomove lá nem sabe se é home ou se é muié  
Quem é rico anda em burrico  
Quem é pobre anda a pé  
Mas o pobre vê nas estrada  
O orvaio beijando as flô  
Vê de perto o galo campina  
Que quando canta muda de cor  
Vai moiando os pés no riacho  
Que água fresca, nosso Senhor  
Vai oiando coisa a grané  
Coisas qui, pra mode vê  
O cristão tem que andá a pé*

**Leia, leia muito e escreva**

- Copie letras de músicas, e cante, muito
- Escreva bilhetes ou cartas
- Anote pensamentos
- Faça diários
- Copie e faça poemas
- Escreva as histórias que sua avó ou seu avô conta
- Faça um caderno de piadas
- Prepare álbuns com fotos e anotações sobre a família e/ou amigos (um caderno serve para isso)
- A lista de possibilidades tem o tamanho da sua imaginação

**Pense, invente:**

?

?

?

?

## Referências

ARARIPE, Fátima Maria Alencar Araripe. A Biblioteca comunitária nas ondas da leitura. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E LEITURA: Novas linguagens, novas leituras, 6. 2010. Natal.

\_\_\_\_\_, Fátima Maria Alencar; Teixeira, Jamille. A Leitura como possibilidade de inclusão social. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA, 3. 2010. Brasília.

CERTEAU, Michael de. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED. 2006.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes MÉDICAS, 1994.

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **SAÚDE e sociedade**. São Paulo, v.13, N.2, P.31-42, maio/ago. 2004.

MACHADO, Elisa Campos. Biblioteca comunitária como prática social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL de PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, UFPB, 2009.

NÓBREGA, Nancy Gonçalves da. De livros e bibliotecas com memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC, 2001.



# Módulo 7

Comunicação e cultura: as faces e os sotaques da biblioteca comunitária

## Luís Tadeu Feitosa

Luiz Tadeu Feitosa é doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor da Universidade Federal do Ceará e atualmente chefe do Departamento de Ciências da Informação da UFC. Tem experiência na área de Ciência da Informação e Comunicação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: mediação da informação e da comunicação; cultura das mídias; comunicação e semiótica; comunicação e tecnologias. Coordena o projeto de extensão Biblioteca Comunitária do Benfica e Gentilândia na UFC.

# Comunicação e cultura: as faces e os sotaques da biblioteca comunitária

## A cultura

Você pensa que cultura é uma coisa difícil de compreender? Nada disso. Falar de cultura é falar de nós mesmos, das pessoas que dividem conosco a mesma comunidade e falam como nós a mesma fala, têm o mesmo sotaque, comportam-se de modo quase igual ao nosso e dividem conosco os mesmos valores, as mesmas tradições, as mesmas histórias. Olha só, se você acha que CULTURA só tem a ver com pessoas cultas, está enganado. Cultura é algo muito mais amplo. É tudo o que recebemos desde que nascemos. Muitas vezes até mesmo antes de nascer. Minha fala é minha cultura. A fala do outro é a cultura dele. E, as duas, mesmo sendo diferentes, são cultura e são importantes para todos. Ter cultura é ter valores, é seguir um modelo de vida, é acreditar naquilo que nossa tradição e nossa história nos ensinaram. Cultura é o meu comportamento, a comida que como, o tipo de roupa que visto; o meu jeito de falar e de andar. O mais certo não é falar em cultura, mas em CULTURAS. Cada povo e cada grupo têm a sua cultura. Se meu povo se alimenta de carne de porco e outro povo só se alimenta de cobras é porque esses são os nossos tipos diferenciados de cultura. Portanto, a CULTURA é o que inventamos para a nossa vida e essa “invenção” toda que cada povo ou cada grupo faz para si é o que eu chamo de IMAGINÁRIO CULTURAL.

## A Construção dos Imaginários

Todas as culturas inventam seus modos de se relacionar com as coisas do mundo. Quando uma cultura inventa um jeito de ser, um tipo de roupa, de comida; um tipo de fé, de crença e de tantas outras coisas, tudo isso diferente das demais culturas, é porque ele está inventando um SENTIDO, um SIGNIFICADO, uma SIGNIFICAÇÃO para a sua vida, para o seu modo de se comunicar e para dizer O QUE É A SUA CULTURA. Pois bem, é a isso que eu chamo de IMAGINÁRIO. Cada cultura constrói o seu; mas não é um imaginário simples. Cada imaginário de cada cultura, de cada povo é sempre bem complexo e rico. Todos sabem que existe um DEUS, que existem modos de eu me comunicar com DEUS e que eu devo respeito e obediência a DEUS. Cada povo e cada grupo, no entanto, têm um IMAGINÁRIO diferente de DEUS e formas diversificadas de obedecer e de se comunicar com Ele. É por isso que existem muitas religiões e crenças diversas. TODAS ELAS SÃO NECESSÁRIAS e importantes e todas elas têm IMAGINÁRIOS diferentes sobre tudo o que se relaciona a DEUS. ATENÇÃO! Não pense que imaginário é uma fantasia, uma mentira ou uma alucinação. Não é nada disso. IMAGINÁRIO É A REALIDADE CULTURAL DE CADA POVO ou cada GRUPO. Ou seja, IMAGINÁRIO é tudo o que está relacionado a dar sentido às coisas. Assim, se cada povo, se cada comunidade tem o seu modo particular de ver o mundo e de dar sentido a esse mundo, então significa dizer que cada um tem o seu IMAGINÁRIO das coisas. Esses imaginários

são reais porque representam a nossa cultura. Dizer que cada cultura tem o seu modo de imaginar o seu mundo é a mesma coisa de dizer que cada cultura tem a sua IDENTIDADE.

## As Identidades

Já foi dito que não existe a cultura, mas as culturas. O mesmo se aplica à IDENTIDADE. Um grupo tem sua identidade diferente da de outro grupo, mas, na verdade, o modo de ser de cada grupo, de cada povo, de cada comunidade é tão diverso e tão rico que é melhor dizer que cada povo tem muitas identidades. Por exemplo: se o Ceará tem sua IDENTIDADE e ela é diferente da identidade do Rio Grande do Sul, não significa dizer que todo gaúcho é igual ao outro ou que todo cearense tem a mesma identidade de outro grupos de cearenses. Vejam que o sotaque, o modo de se vestir e o que se come em Fortaleza, são diferentes em Canindé, em Juazeiro do Norte e em lugares distantes do sertão. Pois bem, todos somos de IDENTIDADE CEARENSE, mas todos temos muitas diferenças. Um fortalezense come, sem problemas, um caranguejo, que o sertanejo se recusa a comer. Do mesmo jeito um sertanejo pode gostar de comer peba e tatu e um fortalezense não conseguir. Isso é cultural e essa diferença cultural é dada pelos hábitos, que são diferentes. Esses hábitos são marcados por identidades diversificadas. Cada cultura tem suas identidades. Assim, entender a cultura é entender as nossas identidades e os modos como tudo isso é passado para nós de geração para geração. Essas transferências de gostos e de coisas da minha cultura chegam a mim pela TRADIÇÃO.

## As Tradições

Já deu para perceber que falar de CULTURA é falar de MOVIMENTO. Toda cultura é dinâmica. Isso quer dizer que tudo o que recebemos da nossa história, dos nossos antepassados, dos nossos pais, dos nossos valores, tudo isso chega a nós como uma herança, como um patrimônio cultural. Uma riqueza que recebemos e que diz para nós de que cultura somos, quais são nossas identidades e como devemos nos comportar no mundo. O conjunto dessas coisas recebidas é que eu chamo de TRADIÇÃO. Assim, tradição também não pode ser entendida como coisa única, mas como muitas coisas. São muitas heranças, muitas coisas recebidas da minha cultura. Logo, as TRADIÇÕES são como textos que mostram para nós o que somos culturalmente. As nossas formas de brincar, de jogar, de rezar; as nossas cantigas de roda; nossas músicas, festas e rituais; nossas danças, nossas falas, nossas comidas típicas, nossos fazeres e saberes; tudo isso nos é dado pela TRADIÇÃO. A tradição é como um veículo imaginário que transporta para nós todas as marcas do nosso passado. É quase como dizer que as TRADIÇÕES transportam nossas IDENTIDADES. E essas marcas do passado recebem de tudo o que fazemos no presente coisas novas que aprendemos todos os dias. Falar assim é o mesmo que dizer que as TRADIÇÕES SÃO ETERNAMENTE RENOVADAS. Nossas marcas do passado são atualizadas no presente e dirão para nós como podem ser no futuro. Assim, as tradições são dinâmicas porque nunca morrem, mas mudam, se atualizam. E elas se atualizam pelas nossas memórias: as de ontem e as de hoje para a construção do amanhã.

## As Memórias

Todo povo tem memórias. São as lembranças individuais e coletivas. A história do lugar e da comunidade é um tipo de memória coletiva, pois foi e é vivida por todos da comunidade. Cada pessoa, no entanto, tem a memória individual do lugar e das pessoas da comunidade. São memórias também as histórias de vida, os relatos das pessoas, as marcas históricas do lugar, as casas antigas, as cantigas de roda e de ninar, os causos contados. Um ferro a brasa, um fogão a lenha, um santuário, um baú antigo, um álbum de fotos e todos os materiais que possam lembrar algo, tudo isso é MEMÓRIA. Conservar essas coisas é preservar a memória. Estimular que essas coisas tragam à nossa história as marcas do passado serve para entendermos o presente. A memória das pessoas é o maior PATRIMÔNIO CULTURAL de um POVO, principalmente a dos idosos. Estimular essas memórias é dar vida nova aos idosos e à nossa cultura, contada por eles. Assim, se MEMÓRIA É CULTURA, recuperar o relato de vida das pessoas idosas é preservar a memória cultural de um povo ou de uma comunidade.

Assim como as culturas, os imaginários, as identidades e as tradições, as MEMÓRIAS também são plurais e servem como cenário do meu viver cultural. O relato da minha vida, as marcas do meu lugar, as narrativas que falam sobre a minha comunidade são dadas pela MEMÓRIA. Cada etapa do meu viver e cada fase da história da minha comunidade será entendida como os QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA. São quadros de um viver coletivo, de um viver em comunidade, de ações coletivas vividas e partilhadas pelos grupos sociais. A MEMÓRIA DE UMA COMUNIDADE é tecida como uma rede de fiar; como um artesanato de cordas entrelaçadas; os labirintos de um bordado; as redes de pescar ou os fios de uma renda entrelaçada por bilros. Os bilros somos nós, pessoas da comunidade. Os fios são nossos relatos, nossos diálogos, nossa vida em comunidade. A rede de dormir tecida, o labirinto bordado, a rede que pesca e a renda que enfeita são nossas memórias. Assim, As MEMÓRIAS são o decurso de construção de um viver que nasce individualmente e se expande coletivamente. Entender sobre a MEMÓRIA e suas formas de agir culturalmente é compreender quem somos; é conhecer de que materiais das memórias são feitas nossas comunidades. O importante para saber é que não existimos sem memória. Da mesma forma são nossas comunidades. A fim de entender como se entrelaçam as culturas, seus imaginários, identidades, tradições e memórias, faz-se necessário entender o papel da nossa história nisso tudo.

## A História

Falar de história é falar dos fios narrativos que falam de nós, que contam o que somos que demonstram a nossa cultura e os tempos vividos por ela. A história é como um rio perene, por onde navegam nossas vidas, memórias, identidades. É pelo curso da história que as tradições transitam até chegar a nós. O conjunto de vidas vividas só ou coletivamente é o que faz a nossa história e a de nossa comunidade. A história demarca o nosso tempo, e também o nosso espaço. Assim como a cultura, ela é dinâmica e se atualiza sem nunca parar. A história vence até a morte e para isso ela precisa da memória e da tradição, que a eternizam. Uma vez vivida, a história precisa ser contada por todo o sempre. Rever e estimular (estimulá-la) é garantir nossa eternidade. Uma história não pode ser vivida

individualmente, mas com o nosso grupo social, com as pessoas que dividem conosco as mesmas culturas, as memórias, as tradições. Falar de história é falar da nossa construção cultural, dos tempos e espaços em que vivemos e agimos. Falar de história é falar de construção de nossos cotidianos.

## Os Cotidianos

É muito comum ouvirmos falar das coisas que fazemos e que deixamos de fazer no nosso dia a dia. A história do ser humano é também o relato dos seus afazeres e dos modos como construímos nossa vida coletivamente. Como foi dito, é a cultura que define o que somos, o que comemos, o que fazemos e todos os nossos valores, gostos e comportamentos. O conjunto de todas essas coisas eu chamo de COTIDIANO. Ele é o espaço da nossa vida, das nossas lutas e pelejas diárias e históricas. O cotidiano é o espaço onde planejamos, elaboramos, produzimos e administramos o nosso viver. Cotidiano é o nosso dia a dia cheio de complexidades, lutas, medos, conquistas. O cotidiano é o espaço e também o tempo vivido segundo uma forma de viver pensada coletivamente, refletida culturalmente. Cada cultura, todo grupo cultural, povo, cada comunidade inventam o seu cotidiano. Assim, uma comunidade que vive da pesca e das culturas praiadeiras é uma comunidade de cotidianos próprios desse viver: o preparo das jangadas, o hábito de se alimentar de peixe, as casas apropriadas à geografia da praia, as histórias de pescadores, o conjunto de cantigas com temáticas do mar são aspectos desse COTIDIANO. O mesmo acontece com todas as outras comunidades de COTIDIANOS DIFERENTES. Se cada cultura tem o seu jeito, cada cotidiano tem o seu sotaque, sua dicção.

## Os Sotaques e Dicções

Sotaques e dicções não são próprios apenas da fala, mas de muitas das nossas marcas culturais. Aliás, sotaque é uma marca. Dicção é uma marca do sotaque. Quando se diz que isso ou aquilo “é a cara” de um povo, é a mesma coisa que se referir aos sotaques e dicções daquele povo. Como dissemos sobre os cotidianos, cada um deles tem um sotaque do falar, mas também de um jeito de fazer, jeito de se comportar. Cada comunidade se diferencia pelos seus sotaques culturais. A fala de um povo é o seu sotaque, mas a sua roupa e as suas danças também o são. O jeito de dançar a nossa dança ou de cantar a nossa música eu chamo de dicção cultural. Assim, dicção é o modo de fazer específico de uma cultura. Toda comunidade tem seus sotaques e dicções próprios. E por que é importante saber dessas coisas? Ora, porque nos ajuda a compreender os outros e as comunidades alheias conforme elas são e não conforme queremos que elas sejam. Conhecer os sotaques e dicções de uma comunidade ou de um povo evita que construamos uma visão errada sobre eles. Quando achamos ruim alguém nos imitar de modo equivocado é porque sabemos que ali está sendo construída uma imagem ou uma visão diferente do que realmente somos. Portanto, não há sotaques e dicções errados ou certos, e sim diferenciados. E o são porque somos diferentes como cultura e como povo. Conhecer e entender essas diversidades e diferenças é garantir um convívio pacífico e pleno.

## Valores culturais

Ter cultura na extensão de tudo o que foi dito até este momento é ter um patrimônio, uma riqueza que jamais se acaba, porque sempre se renova e se atualiza com o tempo. E de onde vem a riqueza da cultura? Ela vem dos nossos valores culturais. Não se trata de riqueza econômica, mas de riqueza cultural. Nossos valores culturais são conquistados desde a maneira mais simples até a mais sofisticada: vêm da nossa língua falada até a complexidade dos nossos imaginários. São valores culturais: o nosso idioma, o sotaque, o vestuário, todos os comportamentos, nossas artes, linguagens, culinária, expressões, gestos e mais uma infinidade de coisas que estão presentes na nossa cultura. Dizer que temos valores culturais significa que culturas diferentes da nossa também têm seus valores. Não importa se a minha cultura não é igual à cultura do outro. O que interessa é que todas as culturas têm seus valores e eles são importantes para que as comunidades se desenvolvam culturalmente.

## A Comunicação

A comunicação é o que nos une ao outro. Não há um viver sem comunicação. A comunicação nos une, agrega nossos viveres, compartilha nossos sonhos e desejos; ela também pode separar, segregar, afastar. Vamos tratá-la aqui, no entanto, como esse “cimento social” que nos liga ao outro, social e comunitariamente. Não fosse a nossa capacidade de nos comunicar, não teríamos a cultura. Claro, porque é a comunicação que transmite a cultura. As tradições, as memórias e a nossa história cultural não teriam chegado até nós se não tivessem sido comunicadas pelos nossos antepassados ou por nós mesmos. O ato de anunciar, dizer, dialogar; como também os atos de gesticular, de se expressar e de sinalizar são atos comunicativos. A comunicação é o meio de transporte da cultura e também a sua principal manifestação. O que difere são as formas de se comunicar.

Cada povo tem o seu jeito de se comunicar, ainda que os meios de comunicação – rádio, televisão, cinema, livro, internet etc. – sejam disponibilizados para quase todos e transmitam da mesma forma para todas as culturas. Portanto, não importa se esses meios de comunicação falam de modo igual para nós. Importa é que compreendemos as mensagens desses meios de modo diferente dos outros. Cada cultura interpreta diferentemente o que recebemos desses meios. O que interessa a nós neste fascículo é a comunicação como veículo da nossa cultura. Interessa também – e já vimos isso nos itens anteriores deste fascículo – as várias maneiras como cada comunidade comunica a si própria e ao mundo seus modos culturais de ser. Entender isso é importante para compreender o valor da comunidade e os modos como esta pode comunicar para o mundo seu jeito cultural de ser.

## A Comunidade

Entendidos a dinâmica da cultura e o modo como esta é comunicada ao mundo, é hora de vermos como a cultura e a comunicação acontecem na comunidade onde vivemos. Comunidade é o lugar onde convivemos coletivamente, onde partilhamos dos mesmos ideais, trocamos experiências, construímos os mesmos cotidianos. Entender a comunidade é

conhecer sua cultura, seus modos de vida, as pessoas que nela vivem, seus valores e identidades. Viver em comunidade é ter uma vida cultural e social em comum. Sermos comunitários é também nos estimularmos uns aos outros dentro da comunidade; é dar ao outro vez e voz; é realçar o que a comunidade tem de bom e de melhor e também trabalhar coletivamente para que a comunidade realize seus sonhos e desejos. Portanto, a comunidade deve ser constantemente construída, reinventada, ressignificada. Como podemos, no entanto, fazer para recriar, reinventar e dar mais dinamismo à nossa comunidade? Antes de tudo, é preciso conhecê-la em suas particularidades.

## Os patrimônios

O maior patrimônio cultural de uma COMUNIDADE é o seu povo, são todas as pessoas que ali nasceram, que ali vivem, ali atuam. A história, a memória e a cultura de uma comunidade só podem ser comunicadas pelas suas pessoas. Uma comunidade tem os patrimônios individuais e coletivos, patrimônios materiais e imateriais e todos eles precisam ser estimulados.

### Individuais

Assim como a memória – que tem porção individual e coletiva – também o patrimônio cultural tem faceta individual e coletiva. Numa comunidade, cada pessoa pode ser considerada um patrimônio individual dela. Vejamos alguns desses patrimônios.

#### Para entender melhor

**Patrimônio pessoal é a minha memória, minhas lembranças e meus bens materiais, que podem ser significativos para a minha cultura. Patrimônio coletivo é tanto o conjunto de nossas memórias vividas juntas como nossas identidades culturais. Patrimônio material é uma fachada de uma casa, um ferro a brasa, um fogão a lenha e todos os materiais e objetos que lembrem minha cultura. Patrimônio imaterial é uma reza, um ritual, um aboio, uma cantiga, nossos sabores, nossas danças, nossos mitos.**

### Moradores

Toda comunidade tem a cara de seus moradores e estes são as testemunhas vivas da cultura de seu lugar. Nesse lugar partilhando uma vida comum não há uma pessoa mais ou menos importante. Todos têm sua importância. A importância de quem mora, vive, convive, partilha, conhece, interage com os seus, faz dele um sujeito que compreende um aspecto do conjunto de aspectos que tem uma comunidade. Portanto, é mediante cada morador que nesse espaço vive que se pode afirmar algo sobre ele. Se fugir disso, se corre o risco de criar erros e estereótipos. Não é o estrangeiro nem o visitante que irá conhecê-la. Quem conhece o lugar é quem nele habita e nele interage. Cada morador ajuda a construir o dia a dia do seu espaço gregário. Portanto, se você quiser conhecer aspectos dessa vida partilhada de cotidianos, pergunte aos seus moradores. Cada um terá um detalhe a dizer.

## **Anônimos**

Anônimos são aqueles moradores que você nem conhece, mas que, sendo da comunidade, sabe algo sobre ela. É a pessoa que passa pela rua, um vendedor ambulante, um carteiro, um pedinte, um morador de rua, um boêmio, um sujeito comum ou qualquer outra pessoa importante, mas que vive anonimamente na naquele espaço. E qual a importância delas numa comunidade? Ora, cada uma delas é uma testemunha desse viver gregário. Cada uma delas ajuda a dar um sentido e uma cara para o lugar e para suas identidades. Esses anônimos não podem continuar anônimos. É preciso que eles sejam convidados a contar a sua versão da história que ali vivem juntos; a dar a sua contribuição para a construção e manutenção dessa em comum. Sem eles, peças importantes da cultura, identidade, história e memória do lugar podem se perder.

## **Celebridades**

Toda comunidade tem suas celebridades. O comerciante antigo, o bodegueiro popular, a melhor benzedeira, o cabeleireiro, a parteira, os profissionais de todo tipo e também os artistas: cantadores, cordelistas, cantores, artesãos, artistas de um modo geral. Quase sempre essas celebridades são pessoas que sabem muito sobre a cultura local. É preciso dar espaço a elas, incentivar seus ofícios e artes, estimular a difusão de seus saberes e experiências. A marca cultural de toda comunidade passa também por essas celebridades. É preciso aproximá-las de todos os moradores que com elas dividem o mesmo espaço para que, juntos, recuperem e difundam a vida vivida coletivamente.

## **Idosos**

Já falei aqui do papel da memória para a cultura. Uma das memórias importantes é a dos idosos. Eles têm muito a contar, pois testemunharam tempos em que não vivemos e que precisam ser conhecidos para que entendamos melhor o nosso presente e o que se pode esperar do nosso futuro. Em nossas casas, nossos avós e bisavós são os responsáveis pela história de nossas famílias. No que concerne à vida comunitária, eles são os sujeitos-memória do lugar. Seus relatos funcionam metaforicamente como uma espécie de álbum de fotografias do nosso lugar. De seus relatos surgem pérolas da nossa história em comunidade. De suas lembranças brotam informações valiosas sobre nós mesmos, acerca do nosso lugar, sua memória e sua cultura. Deixar um idoso morrer sem dar a ele a oportunidade de nos alimentar com nossa cultura é desejar que esta caia no esquecimento. É preciso estimular os idosos de nossa comunidade a continuarem ativos como a cultura.

## **Coletivos**

São patrimônios culturais da comunidade o jeito de falar, os sotaques, a culinária, as crenças e religiosidades; as festas e rituais; os artesanatos e as artes populares; as identidades e os imaginários. Pode-se dizer que todos esses elementos formam a cultura local da comunidade. Esta se diferencia da de outras comunidades. É essa marca cultural local que determina as MARCAS DA COMUNIDADE. Falo de marcas culturais e elas precisam ser exercitadas, conhecidas pelos membros da comunidade e a elas deve ser

dado destaque. São marcas da comunidade os seus mitos contados pelos mais velhos; as festas populares que comemoram as datas comemorativas do lugar; as religiosidades e seus rituais sagrados: novenas, procissões, cultos, as penitências, os ritos do catolicismo, da umbanda, do protestantismo etc.; os marcos do lugar: estátuas, santuários, grutas etc.; as casas da comunidade e suas fachadas, as engenharias e arquiteturas; os telhados históricos, os móveis etc.; os espaços externos da comunidade, os chamados espaços de convivência, de encontro, de interação: ruas, vilas, praças, terreiros, os açudes e barragens; os bares, mercearias e bodegas; e tudo o mais que guarde a MEMÓRIA DOLUGAR.

### **Da Comunidade**

Já foi dito que o maior patrimônio da comunidade é o seu povo. Só que este povo precisa de um cenário para atuar. Assim, ela se configura como o palco de todas as representações desse cotidiano vivido e partilhado. Nele, os coetâneos interagem simbólica e comunitariamente, criando e recriando formas de sociabilidade.

### **O lugar**

Ele é o território da comunidade. Tem limites e fronteiras, as “extremas”. Dentro desse território, a cultura é igual, mas um lugar que extrema com outro tanto empresta ao outro um pouco da sua cultura, como recebe do outro um pouco da cultura daquele. O que nos interessa saber aqui é que a COMUNIDADE é o lugar onde a CULTURA LOCAL interage, convive, partilha coisas iguais. O lugar onde a comunidade está tem a sua cara. E isso tem a ver com a cultura do lugar.

### **O tempo**

É errado dizer que o tempo é igual para todo o mundo. Não é. Cada comunidade tem o seu tempo. O tempo de acordar e de dormir, o tempo do trabalho e da diversão, o tempo do plantio e da colheita, a hora de almoçar e de jantar etc. Enquanto numa cidade grande as pessoas almoçam bem depois do meio dia, no sertão, o almoço é servido antes das onze horas da manhã. Na cidade grande se dorme muito tarde. Nos lugares rurais se dorme bem mais cedo. Pois bem, esses patrimônios da comunidade - o lugar e o tempo - são culturais porque têm a cara da comunidade.

### **A Geografia**

A geografia do lugar também é seu patrimônio e carrega consigo a sua cultura. Quando falamos de montanhas e mares, imediatamente nos lembramos da cidade do Rio de Janeiro. Quando nos vêm à mente terra seca e mandacarus, nos lembramos do sertão nordestino. Ainda que nem o Rio de Janeiro e nem o sertão nordestino tenham apenas isso. O que importa aqui é saber que também a ecologia do lugar pode interferir nos nossos hábitos e esses hábitos são culturais. Claro que isso não define a minha cultura, mas a cultura de cada lugar dá sentido cultural à sua geografia. Isso é importante, porque cada marca e cada aspecto geográfico inventam o seu cotidiano e todo este é constituído pela cultura.

## **A Biblioteca Comunitária**

Costuma-se dizer que a biblioteca é o lugar do conhecimento, da informação, da memória e da cultura de um povo. E ela é mesmo. Lembram-se quando foi falado aqui de cultura, de imaginários, de identidade do povo? De quando se falou das marcas e dos patrimônios culturais de um povo ou de uma comunidade? Pois bem, toda a criação humana não pode ser preservada apenas na sua cabeça, na sua memória pessoal. É preciso um lugar para resguardar essa riqueza que é a CULTURA HUMANA. Um lugar onde essa cultura possa ser lida, possa ser consultada, recriada, atualizada, e onde a cultura possa ser AMPLIADA. A biblioteca é esse lugar. Um locus de leitura e também de criação, de inventividade; um lugar de encontro, de convivência e de produção do saber, da memória, da tradição e da cultura. Se a biblioteca é tudo isso e possibilita tanta coisa, imagine o que não pode ser feito por uma biblioteca comunitária! Esta é a porta-voz do povo que ali vive. Ela é a cara e a voz dos indivíduos que ali vivem. E ela não deve ter apenas o que uma biblioteca tem, mas tudo o que possa ser construído e armazenado pela comunidade e por parte de cada um de seus membros.

De agora em diante este fascículo dirá como isso pode ser feito. Ou seja, vamos mostrar como uma comunidade pode construir e gerir uma biblioteca comunitária no âmbito da CULTURA e como este pode trabalhar a sua COMUNICAÇÃO com o seu povo. Dizer como fazer para construir, por onde começar e que instrumentos utilizar para FAZER e ADMINSTRAR esses fazeres da biblioteca comunitária é chamado de METODOLOGIAS. Com vocês, as METODOLOGIAS DE CONSTRUÇÃO E GESTÃO CULTURAL DE UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA.

### **Fazer Cultura**

Para fazer cultura, a biblioteca comunitária precisa realizar um estudo sobre sua história e sua memória e também a respeito das pessoas que vivem no espaço onde ela atuará. Assim, ela deve analisar quais são seus tipos culturais, do que eles gostam e o que é próprio do lugar. Para fazer isso, é preciso ouvir as pessoas, chamá-las para que elas mostrem o que são, o que gostam e o que podem fazer para construir a biblioteca comunitária. Assim, esta precisa ter os depoimentos das rezadeiras, dos moradores antigos, dos idosos e possibilitar que essas pessoas venham fazer cultura dentro do espaço da biblioteca. E o que é fazer cultura? É contar histórias, é escrever coisas ou poesias, é cantar e aboiar, é rezar e benzer, é dançar e fazer drama. Bordar, fazer renda, cozinhar e criar receitas, pescar, tudo isso é FAZER CULTURA.

Uma biblioteca de ação comunitária precisa registrar todas as formas de fazer cultura. Para isso, basta chamar seus moradores para escreverem ou gravarem ou pintarem ou fazerem seus artesanatos sobre suas FORMAS DE FAZER CULTURA. Uma rezadeira não pode morrer sem registrar suas rezas e seus modos de “curar”. Do mesmo jeito, uma cozinheira precisa escrever suas histórias e memórias culinárias. O vaqueiro e o jangadeiro precisam contar sobre suas artes e funções, explicar como funcionam os imaginários da pesca, da caça, da pega de boi na mata. Cada história contada pode ser gravada, escrita, fotografada, filmada, desenhada e virar MATERIAL DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA. A este conjunto de materiais de uma biblioteca nós chamamos de ACERVO.

### Para entender melhor

Acervo bibliográfico é todo aquele impresso, como livros, revistas, cordel, folhetos, enciclopédias etc. Um CD, uma gravação de depoimentos, de cânticos religiosos ou de qualquer outra coisa é um acervo sonoro. Um conjunto de fotografias, de DVDs, de filmagens compõe o meu acervo visual. Objetos da cultura como álbuns de retratos, pilão, ferro a brasa, um chocalho, uma mesa RÚSTICA formam meu acervo memorial. Meus arquivos de computador, meus e-mails, minhas fotos digitais e tudo o mais que eu guardo eletronicamente formam meu acervo digital.

### Manter a Cultura da Comunidade em Diálogo

Sendo a biblioteca comunitária o local onde a cultura da comunidade será preservada e estimulada, além do ambiente onde as leituras sobre ela serão feitas, não podemos pensar esse espaço senão como espaço democrático de convivência. Para isso, ela precisa ter a cara do espaço onde está inserida e ser um lugar prazeroso, onde os seus membros se sintam à vontade, num lugar aconchegante e convidativo. Sendo um espaço de convivência, para onde as pessoas vão para um encontro, uma boa conversa e para ler e se informar sobre a sua história e a sua cultura, a biblioteca comunitária precisa ter em sua agenda ações que proporcionem esse encontro entre os moradores, sua história e memória.

Proporcionar que a cultura da comunidade esteja sempre em diálogo, requer que a biblioteca comunitária planeje e promova:

**ENCONTROS** - com segmentos comunitários, incluindo moradores antigos, artesãos, artistas anônimos e conhecidos; crianças e jovens; encontros que proporcionem bate-papos e trocas de informações sobre suas vidas em comum.

**Como fazer:** preparar anualmente a AGENDA CULTURAL DA BIBLIOTECA. Para isso, tome as datas comemorativas como exemplo e promova as ações com base nela. Veja que datas são importantes para o lugar, para seus moradores, sobre algo que interesse de perto a eles. Escolha as datas, os temas que serão abordados, contate as pessoas de dentro e de fora da comunidade e promova eventos. Prepare as áreas – dentro e fora da biblioteca comunitária – onde as atividades irão acontecer. Providencie os materiais – papéis, cartolinas, canetas, lápis e pincel etc. – e os equipamentos, como aparelhos de som, microfones, TV, computador, câmera fotográfica e filmadora, projetor multimídia etc. Busque também patrocinadores para ajudar nas despesas de todos os eventos e providencie meios para divulgação destes para todos: cartas, e-mails, redes sociais da Internet, jornalzinho da biblioteca comunitária, cartazes e o competente boca a boca.

- **EXPOSIÇÕES** - de fotografias da comunidade ou de algo que interesse a ela; de artesanatos feitos por ela; de álbuns de família de seus membros; de objetos antigos da

memória do lugar; de documentos antigos sobre ela ou de assuntos desejados por seus moradores.

**Como fazer:** faça uma pesquisa sobre os assuntos e temas que rendam uma exposição. Escolha membros da comunidade para a produção do evento e prepare essas pessoas para isso. Escreva um roteiro das partes do tema e da exposição e providencie um espaço adequado, com boa iluminação e ventilação na biblioteca para a exposição acontecer. Providencie os suportes onde as peças da exposição serão expostas. Divulgue o evento e o registre com filmagens, fotos, gravações etc. Após cada evento, chame a comunidade para avaliar e registre as avaliações (em atas e relatórios; em fotografias, filmagens).

- **SEMINÁRIOS** - sobre assuntos relacionados à história, à cultura, memória e tradição do lugar; a respeito dos imaginários religiosos, da fé e das crenças locais; acerca de folclore, cultura popular e manifestações do povo; concernente a comunicação, cultura e leitura; etc.

**Como fazer:** discuta com a comunidade sobre os assuntos e temas que desejam ver num seminário. Peça às pessoas sugestões sobre quem dirigirá cada seminário. A sugestão é de que pessoas especialistas nos assuntos sejam escolhidas, mas também as da própria comunidade. Busque pessoas e entidades importantes da cidade ou do Estado para ajudarem na promoção de um grande seminário. Prepare adequadamente o lugar e os equipamentos para o seminário. Divulgue. Avalie e registre a avaliação do evento.

- **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:** sessões de leituras sobre temas escolhidos pela comunidade; leitura e dramatização; declamações de poesias clássicas e de cordel etc.

**Como fazer:** prepare as pessoas ou grupos locais em oficinas de leitura e de contação de história e as convide para as sessões dessa atividade. Convide também pessoas idosas que gostam de narrar fatos sobre suas vidas e a vida do lugar. Contate com pessoas anônimas do povo para que contem suas versões do espaço onde vivem. Dê vez aos feirantes, carteiros, agricultores antigos. Agende cada sessão e promova, divulgue e avalie os resultados finais.

## Bibliografia

BLANK, Cinthia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Revista Biblionline**, João Pessoa, v.6, N.1, p. 142-148, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2006.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga**: a favela e a biblioteca. São Paulo: Annablume, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 2.ED. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 22.ED. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. **Revista CRB- 8 Digital**. São Paulo, v.3, N.1, p. 3-11, AGO.2010. Disponível em: < <http://revista.crb8.org.br> >. Acesso em: 23 maio 2011.
- MARTIN-BARBERO, JESÚS. Dos Meios às Mediações – comunicação cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1994
- SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- STRINATI, Dominique. **Cultura popular**: uma introdução. São Paulo: Hedra, 1999.

# Módulo 8

Biblioteca Comunitária e educação ambiental:  
construindo comunidades sustentáveis

# Maria Eugenia Bentemuller Tigre

é graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e especialista em Gestão Ambiental Urbana. Servidora pública da Prefeitura Municipal de Fortaleza, atuando principalmente na área da Educação, com ênfase em Educação Ambiental

# Biblioteca Comunitária e educação ambiental: construindo comunidades sustentáveis

## Oficina de Educação Ambiental

Ao ser convidada para participar deste importante projeto de criação de bibliotecas comunitárias, desenvolvendo ações sensibilizadoras de educação ambiental, uma tempestade de pensamentos me veio à mente, haja vista tratar-se de um tema abrangente, multidisciplinar e polêmico, ao mesmo tempo em que desperta no indivíduo necessidades de adotar hábitos muitas vezes adormecidos em seu inconsciente. E, notadamente, é perceptível a mudança nos hábitos de uma pessoa educada ambientalmente, pois cada ser possui uma leitura de mundo. Como ensina Boff (1995, p. 36), “A compreensão popular é menos lógica que psicológica. Embora sem ideias claras, o povo sabe o que significam as ideias de liberdade, dignidade e justiça e assim por diante”. Percebemos, contudo, que falta um olhar crítico para observar o mundo à volta. Com essa preocupação, o que fazemos nas oficinas é despertar nos participantes ideias que permitam que todos desfrutem de um mundo melhor, e que as gerações futuras também desfrutem da melhor forma possível esse mundo. O educador deve proporcionar atividades sobre essas possibilidades com o aprendiz de forma simples, alegre e sedutora. Ainda segundo o teólogo Clodóvis Boff, “A regra de ouro na linguagem com a massa é falar de modo simples.” (1995, p.36 ).

A Lei Federal Nº 9.795, de 27/04/1999, institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e no art. 1º define educação ambiental como “[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem como do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente de educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

É perceptível, então, o fato de que a educação ambiental transcende as salas de aulas e deve ser vivenciada no ambiente escolar, perpassando todas as disciplinas, os meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e jornais por meio dos grupos formadores de opiniões, igrejas (qualquer religião), indústrias, comércios, associações comunitárias, bibliotecas etc., visando a ser um fator permanente de transformação do cidadão, reformulando permanentemente formas de relação entre as pessoas a fim de construir um ambiente sustentável.

As ações transformadoras advindas da educação ambiental trazem ao cidadão grandes benefícios na esfera individual e coletiva, com mudanças de atitude perante todas as formas de vida. Dessa maneira, a sociedade pode experimentar melhor os

resultados de suas ações. É o caso do cuidado com a água, um bem tão necessário e ao mesmo tempo tão escasso. Se toda a comunidade se organizasse na observância do cuidado com os recursos hídricos de suas localidades, assim como no armazenamento correto das águas pluviais, mesmo com toda a estiagem característica do sertão nordestino, seria possível com pequenas técnicas aproveitar esse líquido tão precioso para o consumo humano e animal.

O cuidado com o ambiente, no entanto, vai além das águas, as queimadas, ações comuns no nosso sertão, o uso de agrotóxicos, o desmatamento, a ineficácia das políticas públicas de saúde, como educação e saneamento básico, colaboram para que a comunidade permaneça em situação de vulnerabilidade. É notório o fato de que mudar hábitos e comportamentos é uma tarefa das mais difíceis. Pode-se exemplificar com uma frase típica do cearense a respeito do descarte inadequado dos resíduos: **“Rebola no mato”**. Qualquer cearense sabe do que se trata, ou seja, descartar o lixo que se tem à mão em qualquer lugar. Como atualmente nas cidades já não existe tanto mato assim e como a maioria dos resíduos é proveniente de material de difícil decomposição, feito principalmente com plástico, estes permanecem no ambiente demoradamente, daí as enchentes, mortes de animais que se alimentam com esses resíduos e proliferação de doenças, além de transformar o espaço em ambiente feio, do ponto de vista estético.

Para nortear a oficina utilizamos o texto *A Carta da Terra*, apresentado em vídeo. É um documento elaborado por mais de cem mil pessoas e por aproximadamente 46 países, mediante ampla discussão e muitas propostas. Contém uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica, baseando-se em quatro princípios: 1. Respeitar e cuidar da comunidade de vida; 2. Integridade ecológica; 3. Justiça social e econômica e 4. Democracia, paz e não violência.

Esse tratado, que levou mais de uma década para ser escrito, nos faz perceber a importância de se respeitar e aprender com as diversas culturas globais, como veremos a seguir.

## A Carta da Terra

### Preâmbulo

Vivemos um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida e com as futuras gerações.

## **Terra, Nosso Lar**

A humanidade é parte de um vasto universo em evolução. A Terra, nosso lar, está viva com uma comunidade de vida única. As forças da natureza fazem da existência uma aventura exigente e incerta, mas a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade da vida e o bem-estar da humanidade dependem da preservação de uma biosfera saudável com todos os seus sistemas ecológicos, uma rica variedade de plantas e animais, solos férteis, águas puras e ar limpo. O meio ambiente global com seus recursos finitos é uma preocupação comum, isto é, de todas as pessoas. A proteção da vitalidade, diversidade e beleza da Terra é um dever sagrado.

## **Desafios Para o Futuro**

A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida. São necessárias mudanças fundamentais dos nossos valores, instituições e modos de vida. Devemos entender que, quando as necessidades básicas forem atingidas, o desenvolvimento humano será primariamente voltado a ser mais, não a ter mais. Temos o conhecimento e a tecnologia necessários para abastecer a todos e reduzir nossos impactos ao meio ambiente. O surgimento de uma sociedade civil global está criando oportunidades para construir um mundo democrático e humano.

Nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados, e juntos podemos forjar soluções.

## **A Carta da Terra**

### *Valores e Princípios para um Futuro Sustentável*

#### **Preâmbulo - Versão Integral**

Os princípios apresentados na Carta da Terra estão intimamente ligados com as propostas das bibliotecas comunitárias, pois os valores assinalados, como o aprofundamento e o estudo da sustentabilidade ecológica, a troca aberta do conhecimento adquirido, respeitar a terra e a vida em toda a sua diversidade, tratar todos os seres vivos com respeito e consideração entre os demais, devem nortear as discussões nos espaços legitimados com este fim, considerando que as bibliotecas serão implantadas em localidades bem distintas, e ricas culturalmente.

As comunidades possuem muito que apresentar sobre o cotidiano de seus lugares, motivo pelo qual em cada município adequamos o planejamento em função de análise prévia realizada com uma dinâmica que incentiva os participantes a comentarem as belezas e as dificuldades do seu lugar. As atividades desenvolvidas durante a realização das oficinas foram cuidadosamente planejadas, mas adaptamos cada oficina à riqueza cultural trazida pelos grupos, normalmente diferentes em escolaridade, sexo e idade.

## O que são as Oficinas de Educação Ambiental?

Entendem-se por **Educação Ambiental** os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Lei 9.795 de 27/04/1999 Art. 1º [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)).

As Oficinas de Educação Ambiental têm o objetivo de disseminar os conceitos da **sustentabilidade**, provocando nos participantes uma reflexão sobre a importância da mudança de hábitos, relacionando pequenos gestos do dia a dia à **preservação ambiental**. (Apost. Curso de capacitação para multiplicadores em EA – Ceará -2005 3ª edição p. 29)

A Educação Ambiental surgiu como nova forma de perceber o papel do ser humano no mundo. (Apost. Curso de capacitação para multiplicadores em EA – Ceará -2005 3ª edição p. 29).

Em Educação Ambiental, procura-se apresentar o ambiente como um todo, mostrando que há um ambiente modificado pelo homem e outro natural que ganhamos de presente ao nascer, mas que precisa ser preservado, sem que a humanidade precise se sacrificar-se tampouco sacrificar o ambiente. Para isso, basta haver um ponto de equilíbrio, caso contrário, a própria humanidade será vítima dela mesma, além de prejudicar as outras formas de vida na Terra.

É importante o indivíduo acolher a si mesmo, o outro e aqueles que não conhece, preparando o caminho para as futuras gerações. Além disso, o homem deve ter sensibilidade para não pretender ser o membro mais importante do ambiente, e sim um componente como os demais na teia da vida, pois tudo está interligado.

Durante as oficinas, procuramos despertar nos participantes a ideia de que falar de meio ambiente não se refere somente a plantas, hortas e animais, e sim a tudo o que cerca o ambiente. Então, passamos a trabalhar em situações pontuais, com o que há de positivo no município, mas precisamente na localidade de cada indivíduo, o que se observa de negativo e as necessidades urgentes de cada grupo, mas, sobretudo, o que cada um pode fazer juntamente com a comunidade para promover mudanças individuais que beneficiem a coletividade dali em diante.

O grupo deve perceber, entre outras coisas, que até o comércio do município pode crescer se a população suprir suas necessidades no entorno, pois os impostos ali depositados serão revertidos internamente, ao passo que, ao se deslocar para outras sedes, inclusive a Capital, não haverá retorno financeiro aos cofres municipais e os benefícios serão voltados à aplicabilidade em políticas públicas de outros municípios.

Durante as oficinas, várias questões devem ser apresentadas e discutidas nos grupos, mas, para cada uma a pergunta maior: **o que devemos fazer para ter uma qualidade de vida satisfatória para todos?**

No início da oficina, realizamos uma dinâmica na qual, ao som de um bom forró, os participantes iniciavam dançando individualmente ao som da música. Ao sinal do facilitador, eles escolhiam um par e continuavam dançando. Em seguida, os pares se juntavam a outro par e continuavam dançando... e por aí seguiam se juntando a outro par e outro par até formar um grande círculo. Durante a dança com mais de uma pessoa,

percebeu-se a dificuldade que se encontra em buscar uma sintonia com a massa, pois há diferenças culturais, de gênero, de ideais e muitas outras, mas observou-se que é possível construir um ponto de equilíbrio, com base na tolerância, no respeito e na disponibilidade em buscar um ponto de equilíbrio que permita acolher as diferenças, é quando todos ensaiam dançar em um só ritmo.

A adoção de práticas educativas voltadas à Educação Ambiental, depende de ações individuais, por via de mudanças de atitudes, todas voltadas para o bem da coletividade. Não sendo o Poder Público o único responsável pela implantação dessas ações, este deve ser cobrado pela implementação de políticas públicas eficientes que atendam às necessidades básicas da população. Portanto, uma sociedade organizada é um importante instrumento de cobrança e acompanhamento dessas ações.

Em outra dinâmica, os participantes ouviram e cantaram com Luis Gonzaga a música “Boiadeiro”, e logo em seguida abriu-se um momento de reflexão acerca das belezas de cada lugar, muitas vezes despercebido por aquelas pessoas que residem no distrito desde que nasceram. Com suporte na reflexão, iniciou-se a confecção de um grande painel onde cada um apresentava o seu lugar sob outro olhar e, quando o painel foi apresentado na grande reunião plenária do último dia de atividades quando estavam reunidos os participantes de todas as outras oficinas, a discussão adquiriu um tom coletivo e houve participação em massa - todos queriam enriquecer os trabalhos.



*Imagens: Roberto Rodrigues*

A figura acima demonstra as etapas que uma comunidade deve percorrer de forma articulada em prol da preservação ambiental, cujos benefícios serão para todos, inclusive para aqueles que não se mobilizaram.

A comunidade deve se reunir para discutir, capacitar-se e decidir por adotar mu-

danças de hábitos. Em seguida, em parceria com o Poder Público, adota posturas transformadas e transformadoras, pois se tornam atores do processo.



Foto: Eduardo Tigre (2011)

Na foto feita de uma placa instalada no Maciço do Baturité, afixada pelo órgão ambiental estadual há o alerta aos visitantes sobre o longo período de decomposição de alguns objetos, dessa forma sugere que os resíduos sejam descartados adequadamente, de forma a manter o espaço limpo e longe de oferecer perigo às diversas formas de vida ali existentes. É uma sugestão para que nas bibliotecas comunitárias existam cartazes e informativos confeccionados com materiais próprios e criativos que possam ser utilizados em outros espaços das localidades.

## Dinâmicas para oficinas de Educação ambiental - reflexões mediante o uso de textos selecionados

### Boiadeiro

Autoria - Armando Cavalcanti, Klecius Caldas

Intérprete - Luiz Gonzaga

Vai boiadeiro que a noite já vem  
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem  
 De manhazinha quando eu sigo pela estrada  
 Minha boiada pra internada eu vou levar  
 São dez cabeça é muito pouco é quase nada mas não tem outras mais bonitas no lugar  
 Vai boiadeiro que o dia já vem  
 Levo o teu gado e vai pensando no teu bem  
 De tardezinha quando eu venho pela estrada

A fiarada ta todinha a me esperar  
 São dez fiinho é muito pouco é quase nada mas não tem outros mais bonitos no lugar  
 Vai boiadeiro que a tarde já vem  
 Leva o teu gado e vai pensando no teu bem  
 E quando eu chego na cancela da morada  
 Minha Rosinha vem correndo me abraçar  
 É pequenina é miudinha é quase nada mas não tem outra mais bonita no lugar  
 Vai boiadeiro que a noite já vem  
 Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem.

Ao utilizarmos a música Boiadeiro, refletimos sobre a importância da valorização do mundo de uma forma globalizada, mas, reconhecendo e acolhendo o nosso lugar, poderemos contribuir para o fortalecimento de um mundo melhor. Machado (1982) e Tatiana Seniciato e Osmar Cavassan (2003) afirmam que só cuidamos, respeitamos e preservamos aquilo que conhecemos, e que a ignorância traz uma visão distorcida da realidade.

Com esse poema, os participantes têm oportunidade de refletir sobre o seu lugar, compreendem o objetivo da dinâmica e se envolvem com tanto entusiasmo que geralmente há muita emoção no final dos trabalhos. Inicialmente, se dança livremente ao som da música, em seguida, quando todos estão relaxados e com a letra internalizada, abre-se uma roda de conversas sobre os diversos lugares onde habitam os participantes da oficina, com olhares nunca antes vistos por eles. Em seguida, elaboram suas descobertas por meio de colagens, desenhos, músicas, poesias e/ou outras formas de expressão podem ser utilizadas.

## *Textos preferidos*

### **O Vestido Azul**

*(Autor desconhecido)*

Num bairro pobre de uma cidade distante, morava uma garotinha muito bonita. Ela frequentava a escola local. Sua mãe não tinha muito cuidado, e a criança quase sempre se apresentava suja. Suas roupas eram muito velhas e maltratadas.

O professor ficou penalizado com a situação da menina. “Como é que uma menina tão Bonita, pode vir para a escola tão mal arrumada?” Separou algum dinheiro do seu salário e, embora com dificuldade. Resolveu comprar-lhe um vestido novo. Ela ficou linda no vestido azul.

Quando a mãe viu a filha naquele lindo traje, sentiu que era lamentável que sua filha, vestindo aquela roupa nova, fosse tão suja para a escola. Por isso, passou a lhe dar banho todos os dias, pentear seus cabelos e cortar suas unhas.

Quando acabou a semana, o pai falou:

- Mulher, você não acha uma vergonha que nossa filha, sendo tão bonita e bem arrumada, more em um lugar como este, caindo aos pedaços? Que tal você ajeitar a

casa? Nas horas vagas, eu vou dar uma pintura nas paredes, consertar a cerca e plantar um jardim.

Logo, a casa destacava-se na pequena vila pela beleza das flores que enchiam o jardim, e o cuidado em todos os detalhes.

Os vizinhos ficaram envergonhados por morarem em barracos feios e resolveram também arrumar as suas casas, plantar flores, usar pintura e criatividade. Em pouco tempo o bairro todo estava transformado.

Um homem, que acompanhava os esforços e as lutas daquela gente, pensou que eles bem mereciam um auxílio das autoridades.

Foi ao prefeito expor suas ideias e saiu de lá com autorização para formar uma comissão para estudar os melhoramentos que seriam necessários ao bairro.

A rua de barro e lama foi substituída por asfalto e calçadas de pedra. Os esgotos a céu aberto foram canalizados e o bairro ganhou ares de cidadania. E tudo começou com um lindo vestido azul.

Não era intenção daquele professor consertar toda a rua, nem criar um organismo que socorresse o bairro. Ele fez o que podia, fez a sua parte. Fez o primeiro movimento que acabou fazendo com que outras pessoas motivassem-se por melhorias.

Será que cada um de nós está fazendo a sua parte no lugar que vive? Ou por acaso somos daqueles que somente apontam os buracos da rua, as crianças à solta sem escola e a violência do trânsito?

Lembremos que é difícil mudar o estado total das coisas. Que é difícil limpar toda a rua, mas é fácil varrer a nossa calçada. É complicado mudar o mundo, mas é possível é plantar uma rosa azul.

***O objetivo dessa dinâmica:*** Através da leitura, despertar no grupo que pequenas ações individuais podem gerar grandes transformações. O vestido, que pode ter a cor que o leitor desejar, permite que, após reflexões e discussões, o indivíduo se organize com ações positivas se envolvendo em atividades prazerosas com foco nas mudanças pessoais e comunitárias.

### **Parábola da Carpintaria**

*(Autor desconhecido)*

Contam que, na carpintaria, houve, uma vez, uma estranha assembleia.

Foi uma reunião de ferramentas para acertar suas diferenças. Um martelo exerceu a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? fazia demasiado barulho; além do mais, passava todo o tempo golpeando. O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo. Diante do ataque, o parafuso concordou, mas por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos. A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fosse o único perfeito. Nesse momento entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica

madeira se converteu num fino móvel. Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembleia reativou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse: “Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos em nossos pontos fracos, e concentremo-nos em nossos pontos fortes.” A assembleia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limar e afinar asperezas, e o metro era preciso e exato. Sentiram-se, então, como uma equipe, capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram, por conseguinte, a alegria pela oportunidade de trabalharem juntos. Ocorre o mesmo com os seres humanos; basta observar e comprovar. Quando uma pessoa busca defeitos em outra, a situação torna-se tensa e negativa; ao contrário, quando se busca com sinceridade os pontos fortes dos outros, florescem as melhores conquistas humanas. É fácil encontrar defeitos, qualquer um pode fazê-lo. Mas encontrar qualidades... Isto é para os sábios!

**O texto da Carpintaria é muito sugestivo em oficinas de Educação Ambiental e, associado à Carta da Terra, constrói-se um excelente debate, visto que, no 1º princípio lemos: “Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano”.**

### Lixo

*(Luis Fernando Veríssimo)*

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...

- Bom dia.

- A senhora é do 610.

- E o senhor do 612

- É.

- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...

- Pois é...

- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

- O meu quê?

- O seu lixo.

- Ah...

- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...

- Na verdade sou só eu.

- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.

- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...

- Entendo.

- A senhora também...

- Me chame de você.

- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...

- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você começou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.

- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha?
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

**Objetivo da dinâmica:** apresentar uma peça de teatro com enfoque na representatividade do lixo urbano, colaborando para que os participantes possam refletir e avaliar sua conduta ao descartar os resíduos que é um dos maiores problemas ambientais.

## Considerações Finais

Para que a Educação Ambiental atinja seus objetivos, deve constituir-se de um processo contínuo e permanente, abrangendo todos os segmentos da sociedade, tanto o escolar como o comunitário. (CAMPOS e CAVASSAN, 2003). Daí a relevância das bibliotecas comunitárias materializadas pelo desejo das comunidades com apoio nas oficinas do Projeto Ler para Crer, pois, num mundo globalizado, onde as informações chegam em tempo real e com o aumento do poder econômico, há uma certa euforia, o consumismo exagerado influenciando no comportamento das pessoas. Como consequência, vive-se a era do descartável, descartam-se facilmente produtos eletrônicos, como aparelhos celulares, computadores, TVs etc.

Durante as oficinas do Ler para Crer, muito se incentivou a valorização da história local e a descoberta dos valores nascidos no município. A Educação Ambiental reforça a importância de favorecer o aprendizado a partir de experiências vividas, despertando nas pessoas uma visão crítica da realidade vivenciada e repensando hábitos, valores e atitudes.

Após a realização das atividades, percebeu-se um desejo enorme de se articularem

para iniciarem imediatamente mobilizações, visando a melhorar a qualidade de vida da comunidade, mas sabemos que as ações de Educação Ambiental precisam acontecer de forma continuada e permanente.

Durante as Oficinas em Educação Ambiental, discutiu-se muito a problemática causada pelo lixo e sugerimos a implantação da coleta seletiva com inclusão de catadores nos distritos, pois esta é a política do Governo Federal.

Propomos aos membros das bibliotecas comunitárias incentivarem os cidadãos a exercerem o papel de agentes ambientais multiplicadores, realizando atividades alternativas que observassem principalmente o uso de materiais recicláveis, cartazes e outras atividades lúdicas, inclusive com solicitação de cursos oferecidos pelo Poder Público local ou no órgão ambiental estadual, com foco nos resíduos produzidos na comunidade, descartados inadequadamente em terrenos baldios, recursos hídricos e ao longo do acostamento das estradas.

A biblioteca comunitária pode enriquecer seu o acervo ambiental mediante a doação de livros, cartazes, jogos e reuniões em grupos. As crianças conseguem assimilar muito rapidamente o tema, e são ótimos transformadores, pois levam o conhecimento para a família e cobram dos pais mudanças de atitudes. Para o grupo de terceira idade, há oportunidade de lazer, de encontros, pois eles podem realizar muitas atividades e, ao mesmo tempo, por meio da oralidade, contar aos jovens como era o local onde moram há muito tempo, quais as transformações ocorridas, o que foi negativo ou positivo.

Todas as atividades devem ser avaliadas periodicamente e registradas em produção textual, fotos ou vídeos para serem repassados às gerações futuras.

## Referências

BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com a massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: [www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br).

CEARÁ. Superintendência Estadual do Meio Ambiente. Curso de Capacitação para Multiplicadores em Educação Ambiental. Fortaleza, 2005. (apostila)

CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DE PETRÓPOLIS. **A Carta da Terra**: Valores e Princípios para um Futuro Sustentável. Petrópolis: Gráfica e Editora Stamppea LTDA, 2004.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, Crua. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Guia da Escola Cidadã. São Paulo Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. vol. 3.

RUSCHEINSKY, Aloísio et. al.. **Educação ambiental**: Abordagens Múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TALAMONI, Jandira L. B.; SAMPAIO, Aloísio Costa. **Educação ambiental**: da prática pedagógica à cidadania. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

# Módulo 9

Ideias de como elaborar projetos sociais  
para bibliotecas comunitárias

# Virginia Bentes Pinto

tem pós-doutorado em Filosofia pela Université du Québec à Montreal. É doutora em Sciences de l'Information et de la Communication, Université Stendhal-Grenoble-3-França e mestra em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora da Universidade Federal do Ceará atuando nas seguintes áreas: Tratamento Cognitivo da Informação, Representação do Conhecimento, Tecnologia da Informação, Informação para a Saúde, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, Ontologias, Bibliometria, Linguagem Natural e Controlada, Epistemologia da Ciência, Metodologia da Pesquisa, Leitura e Biblioterapia, Gestão da Informação e do Conhecimento. Juntamente com a Profa. Ana Maria Sá foi idealizadora e colocou em prática o PROLER-CE, tendo sido sua primeira coordenadora. Também criou e coordenou o projeto Biblioterapia no Estado do Ceará. Tem livros e artigos publicados no campo da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

# Ideias de como elaborar projetos sociais para bibliotecas comunitárias

## Introdução

A ideia central deste capítulo é trazer dicas de como elaborar projetos sociais para obter financiamentos que venham contribuir para a resolução de algum problema que afeta uma comunidade, trazendo como exemplo um projeto social relativo à construção de bibliotecas comunitárias.

Assim, o leitor encontrará neste texto algumas palavras referentes ao entendimento sobre o que significa projeto, bem como o passo a passo de como redigir um projeto social, desde a sua concepção até a colocação em prática e as avaliações.

Nossa intenção é tornar a prática de elaboração de **projetos sociais** simples e acessível àqueles que buscam informações sobre esse fazer. Também trazemos algumas informações sobre como captar recursos para a concretização de projetos sociais que possam fortalecer a ideia de comunidades solidárias, e a biblioteca comunitária pode contribuir para isso.

As dicas aqui apresentadas são dirigidas às organizações não governamentais, associações, cooperativas e outros agentes, que pretendem elaborar projetos e não sabem como colocá-los em prática. Portanto, é um guia que serve de referência para o leitor que gostaria de fazer um projeto social voltado a uma comunidade e, no caso, para uma biblioteca comunitária.

Este documento foi pensado em forma de questões e respostas, a fim de que o consultante possa ter melhor compreensão de como elaborar um projeto social. O texto está estruturado em vários pequenos tópicos, sendo este que está lendo as considerações preliminares. Em seguida, encontra algumas palavras sobre o que é um projeto, para que serve, quais são os objetivos, como se faz um projeto social e um exemplo de projeto social de construção de bibliotecas comunitárias.

Lembramos: um projeto que não foi bem elaborado pode deixar de ser posto em prática porque não há compreensão do que foi projetado e, conseqüentemente, não terá um financiamento aprovado quando da busca de captação de recursos para esse fim.

## O que é o projeto?

Encontramos no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa a palavra **projeto** como originária do Latim *projicere*, que significa lançar para a frente. Portanto, a semântica dessa palavra faz com que se **antecipe** alguma coisa que tencionamos realizar. Por isso é que, quando falamos em projeto, relacionamos com aquilo que gostaríamos de fazer e ainda não fizemos.

### Para entender melhor

Então, projetar é traçar um plano daquilo que alguém se propõe fazer. Logo, projetar implica que se vai agir! Agir, porém, de modo pensado e não improvisado. Um projeto pode ser pessoal, para outra pessoa, para uma comunidade e para um país. Assim, fazer um projeto é decidir sobre o que queremos fazer, por que vamos fazer, os benefícios que ele poderá trazer, como vamos fazer e quanto custará (em termos de recursos financeiros, materiais e pessoais). Justamente por isso é que, para elaborar um projeto, é preciso planejar o que se quer fazer e expressar esse desejo para nós mesmos, para um grupo, uma comunidade, um país etc. É preciso estar consciente de que, quando se planeja e se faz um projeto, somente a vontade de fazê-lo e o registro dele é que estão garantidos. Das outras coisas se vai “correr atrás”.

Para saber mais, ver: FREIRE, F.M.P.; PRADO, M.E.B.B. Projeto Pedagógico: Pano de fundo para escolha de um software educacional. In: VALENTE, J.A. (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED, 1999.

**O projeto é um documento que tem um conjunto de informações sistemáticas e ordenadas em uma sequência de passos a serem seguidos, permitindo-nos estimar custos e benefícios a um investimento financeiro ou social.**

**Para saber mais, leia o texto do Prof. Nilson Holanda, referenciado no final deste capítulo.**

Como se pode ver, o projeto é uma construção holística ou sistemática, mesmo que ele seja individual, pois, não podemos pensar em projetos sem nos dar conta das ligações entre as partes que o compõem e com outras coisas. Por exemplo, cada elemento de um projeto de criação de bibliotecas comunitárias tem relação entre si e com os desejos da comunidade onde ele vai ser posto em prática; daí se deixar clara qual é a contribuição do projeto para aqueles a quem ele está direcionado.

### Para que serve um projeto?

O projeto serve de referência comum para o que se projetou realizar. Seu objetivo é servir de guia para aquilo que foi planejado. Assim, tanto faz se ele for individual ou de uma equipe, precisa estar de acordo com o que foi pensado e escrito. Assim, o projeto não deve deixar dúvidas sobre o que foi planejado, como será executado e os resultados esperados. Todo projeto é útil para que se possa avaliar as ações feitas durante o tempo de sua execução e quando ele termina. Ele permite, também, que se avalie se a metodologia, os recursos e a equipe estão de acordo com os objetivos propostos e o alcance.

Não se esqueça de que o projeto é uma intenção para fazer alguma coisa ou uma tarefa, sendo sistematicamente organizado. Quem faz um projeto precisa estar atento para o fato de que ele tem as condições técnicas de exequibilidade, viabilidade econômica, se traz alguma contribuição ou impacto social e, no caso de projetos sociais, se ele é

aceito pela comunidade ou pela sociedade.

**Veja o que Marcio Schiavo, do Comunicarte, diz sobre como deve ser um bom projeto: deve ser capaz de “comunicar todas as informações necessárias num documento escrito, e é por isso que existem elementos básicos que compõem sua apresentação. Se seu projeto se transformar numa proposta de financiamento e se ela for aprovada por algum financiador, isso significa que ele compreendeu o programa de trabalho que seu grupo pretende realizar, percebeu sua importância e as possibilidades de êxito.” (Referência no final do capítulo).**

Sendo assim, para que um projeto tenha boa qualidade, é preciso que ele possa ser eficiente, seja pertinente, coerente, viável, traga contribuições para a sociedade e seja feito em um tempo determinado. No quadro 1, estão expressas essas qualidades exigidas e o modo como verificá-las.

Qualidades	Como verificar essa qualidade
Pertinência	O tema do projeto está adaptado à realidade do local onde ele será implantado e atende as prioridades da comunidade ou da sociedade?
Coerência interna e externa	Coerência interna: as ações a serem implementadas estão de acordo com as melhorias desejadas? Coerência externa: as soluções propostas estão adaptadas às características sociais, econômicas, ambientais da comunidade onde o projeto vai ser implantado?
Eficiência	Os custos do projeto estão de acordo com os objetivos de modo de modo a não causar prejuízos ao desenrolar do projeto?
Viabilidade	Os recursos financeiros, materiais e humanos são necessários para a realização das atividades no tempo previsto?
Impacto	Quais são os efeitos concretos do projeto sobre as condições de vida dos beneficiários?
Duração do projeto	Os resultados estão previstos para durar quanto tempo? O projeto pode ser refinanciado?

Quadro 1- As qualidades de um projeto e como verificar.

Fonte: adaptado do “Guia Prático de Montagem de Projetos”, do Fundo Social de Desenvolvimento e de Cooperação Francesa.

## O que são projetos sociais?

São aqueles que têm como finalidade resolver problemas sociais das comunidades, ou ainda relacionados às mudanças que afetam a sociedade, inclusive aquelas do cotidiano, por exemplo, relacionados a educação, cultura, leitura, lazer, trabalho, capacitação, cultura etc. É claro que não podemos negar os benefícios que os projetos sociais trazem para as comunidades, porém, essas ações também trazem vantagens, e muitas, para as organizações que financiam tais iniciativas, disseminando uma imagem positiva da organização. Afinal, ela está imbuída de boa vontade para contribuir para a resolução de problemas de um grupo ou de uma comunidade. Além do mais, essas organizações podem estar contribuindo para a responsabilidade social.

Esses projetos apareceram em 1795 no sul da Inglaterra, como uma lei de proteção ao trabalhador agrícola daquele País. Era um programa social cuja finalidade visava a possibilitar uma vida digna a esses trabalhadores que haviam tido pouca colheita de trigo e que não era suficiente para a população que estava crescendo. Além do mais, as guerras não permitiam que o trigo fosse importado, provocando escassez de alimentos para a população.

Outros fatores que também contribuíram para o surgimento dos projetos sociais foram as lutas de classes, que começaram a ganhar destaque na década de 1940, principalmente por conta dos inúmeros prejuízos e abusos que a sociedade vinha enfrentando, inclusive em consequência das guerras. Então, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou uma Assembleia Geral no dia 10 de dezembro de 1948, e proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A própria ONU criou, nessa Assembleia, algumas organizações não governamentais para frear o abuso dos governos: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Depois disso, o povo, cada vez mais tomou consciência dos abusos tão presentes na sociedade e também passou a ter participação mais ativa, organizando entidades, a fim de poder frear tais abusos.

No Brasil, não foi diferente, as organizações não governamentais (ONG) surgiram como resultado da conscientização da população, que passou a ver nos movimentos sociais organizados uma força a fim de parar os abusos cometidos contra a população. Esse movimento ocorreu entre os anos 1970 e 1980, do século passado e exigiu que suas reivindicações fossem consideradas na Assembléia Nacional Constituinte de 1988, o que foi aceito, inclusive o Artigo 5 do Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais e no Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais, da Constituição Federal do Brasil, de 1988, traz no “XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar; XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento”. Assim, a responsabilidade pela ética e pelo bem-estar da sociedade é de todos.

## Como elaborar um projeto social

Como já vimos, o projeto é um documento que contém todas as etapas para que uma ideia seja posta em prática, porém, antes de qualquer coisa, é preciso observar se ele tem as seguintes características: *pertinência, coerência interna e externa, eficiência, viabilidade, impacto e duração*. Uma boa maneira para compreender isso é fazer questionamentos.

Exemplo: esse projeto é sobre o quê? Por que é importante? Qual é seu objetivo? Quem são as pessoas que estarão envolvidas? A quem esse projeto se destina? Onde, quando e com que recursos ele será feito? Faz-se necessário não esquecer, também, que essas questões devem estar relacionadas com a sociedade ou a comunidade onde o projeto será efetivado. Por isso é sempre bom fazer um diagnóstico antes de elaborá-lo e esse diagnóstico pode servir também para a justificativa da ação que se quer desenvolver.

Agora, vamos ver todas as etapas que um projeto social deve conter, lembrando sempre que as organizações financiadoras de ações têm suas políticas e que elas devem ser observadas no momento do preenchimento dos formulários.

### **De modo geral são essas as etapas de um projeto social**

**a)** Este projeto é sobre o **quê**? Fazer uma Apresentação geral, descrevendo claramente o que se quer fazer (pode ser, entre outras coisas, um serviço, uma ação, atividade ou produto cultural). Se for uma ação coletiva, devemos apresentar a ideia a um grupo para que ela amadureça, e também para que sejam coletadas informações necessárias para que o projeto seja realizado. Destaque os aspectos principais, um pequeno histórico da instituição onde vai ser executado, os benefícios que o projeto trará, inclusive, se for possível, apresentar dados quantitativos. Por exemplo, quantas crianças, jovens ou adultos serão beneficiados e outras informações que possam contribuir para a sua aprovação. Caso a ação já tenha sido contemplada com algum recurso, é sempre bom mencionar, pois mostrará que já existe experiência. É importante também saber onde buscar recursos para o financiamento do projeto, pois cada organização financiadora tem a própria política que deve ser seguida na hora de solicitar recursos.

**b)** **Qual** é a instituição que abrigará o projeto? Essa etapa deverá conter os dados cadastrais referentes à identificação da instituição, o responsável legal, CNPJ, endereço completo, responsável pelo projeto, telefones, fax, e-mail, dados bancários e outras informações que sejam solicitadas pelos financiadores.

**c)** **Quem** será o responsável pelo projeto? Fornecer os dados cadastrais do representante legal, tanto pela parte operacional como pela parte social ou educativa, inclusive com todos os dados de identificação desses responsáveis - nome, endereço completo, telefones, e-mails, fax e outros.

**d)** Essa iniciativa é importante, **por quê**? Justifique a importância do projeto, fazendo um cenário do tema objeto da ação, em termos históricos e implicações da sua efetivação. Para isso, é preciso proceder a um diagnóstico da situação, a fim de identificar os problemas a serem solucionados e a necessidade do projeto para resolvê-los. Por isso é que precisamos justificar a sua viabilidade em termos econômicos, sociais, educacionais, culturais ou outros. Ou seja, nesse quesito, precisamos oferecer informações suficientes, a fim de que o projeto possa ser financiado. Também é importante informar o número de pessoas ou famílias que serão beneficiadas (direta ou indiretamente) e os benefícios que trará para a comunidade. Procure saber se já existe alguma iniciativa da mesma natureza na região ou na comunidade que privilegie as ações propostas, para que sua ideia possa ser somada às outras. Enfim, a justificativa deve dizer claramente por que o projeto deve ser aprovado e executado.

**e) O que quero** com este projeto? Para responder a essa questão e melhor entendimento das ações propostas, é sempre bom traçar objetivos geral e específicos que se espera alcançar. Por isso, eles devem estar ligados ao tema do projeto e à justificativa. O **objetivo geral** cobre a ideia mais ampla do que se pretende alcançar e vai além do período de realização. Já os objetivos específicos são oriundos do objetivo geral e demonstram especificamente as ações que serão feitas para se chegar aos resultados esperados. Geralmente os objetivos são expressos com verbos no infinitivo e que expressem, efetivamente para que esse projeto está sendo elaborado. Por exemplo, capacitar, treinar, proporcionar, implantar, criar, formar etc. Junto com os objetivos, também podemos exprimir as metas, a fim de quantificar o que será feito, os resultados esperados, as atividades a serem realizadas e o período de realização. Também podemos situar as metas como mais uma fase do projeto.

**f) Como** vai ser executado o projeto? Nessa etapa, devemos descrever a metodologia a ser utilizada; quer dizer, que caminhos vamos seguir pra cumprir os objetivos previstos. Por exemplo, como serão organizadas essas etapas e quem participará para que elas sejam feitas. É bom também mostrar as experiências da equipe, por exemplo, se já participou de outros projetos e como foi essa participação.

**g) Quando** será realizado o projeto? Essa etapa deve expressar o cronograma de todas as atividades previstas para serem realizadas em termos de tempo e quem as executará. Observar como realizar as atividades uma em relação às outras. Por exemplo, se elas podem ser simultâneas, ou se uma deve começar depois da outra. É preciso estar atento para ver se não há atividades que dependem de outra para poder iniciar ou ainda que dependa de condições específicas para iniciar. Por exemplo, se for uma ação que complementa as atividades escolares, não deverá ser realizada nas férias.

Atividade	Período e tempo de Execução											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Sensibilizar a comunidade	x											
Capacitar a equipe		x										
Adquirir acervos				x	x	x	x	x	x	x	x	x
Tratar o acervo para colocar a biblioteca em funcionamento				x	x	x	x	x	x	x	x	x
Realizar oficinas			x	x				x	x			
Confeccionar os brinquedos						x	x					
Confeccionar embalagens								x	x			
Fazer exposições										x		
Avaliar os resultados											x	
Fazer relatórios/prestação de contas												x

Quadro 1- Exemplo de cronograma

**i) Quanto** custará o projeto? Definir o orçamento financeiro necessário para a sua execução. Do mesmo modo que o cronograma, o orçamento deve ser apresentado em uma tabela ou quadro, indicando-se os itens em que os recursos serão utilizados, e os custos individuais e totais de cada item, resultado nos valores totais para que as ações propostas sejam executadas. É bom não esquecer que muitos projetos preve- em recursos para pessoal, serviços; infraestrutura e produtos originários do projeto, como publicação de material gráfico, DVDs, CDs, guias, material de consumo; custos administrativos; comunicação e divulgação; impostos e taxas.

**j) A realização do projeto** apresenta algum problema? A avaliação deverá ser feita ao longo de sua realização e no final de sua implementação, no decurso do desenvolvimento, esse acompanhamento visa a avaliar, de modo geral, como as ações estão sendo realizadas e, caso haja falhas, percebê-las e solucioná-las. Na avaliação final, deve-se relacionar se os objetivos e metas propostas foram atingidos, se o cronograma seguiu o que foi proposto, se os recursos alocados foram utilizados naquilo que foi previsto, se a equipe “deu conta do recado”. Enfim, o propósito da avaliação é oferecer subsídios às organizações que financiaram o projeto e à comunidade para quem o projeto foi proposto.

**k) Quais foram os resultados do projeto:** o relatório é a última coisa a ser feita. Quer dizer, nele você deve prestar conta, aos financiadores e à comunidade, do que foi pensado e executado no decorrer da iniciativa.

Agora que você já sabe como elaborar um projeto social, é necessário ter consciência de que cada organismo que financia iniciativas dessa natureza tem a própria política, e que ela deve ser seguida quando da elaboração de uma proposta. Por isso, é preciso estar atento para não fazer um projeto que não atenda aos objetivos das organizações financiadoras.

Visando a contribuir com algumas ideias para a elaboração de um projeto de bibliotecas comunitárias, trazemos uma minuta, que poderá ser aproveitada por aqueles que sonham em implantar esse tipo de bibliotecas em alguma comunidade.

## **Projeto de criação de uma biblioteca comunitária**

A UNESCO ensina que, para os cidadãos serem livres e haver desenvolvimento na sociedade, é preciso que todos estejam bem informados. E, para isso, as bibliotecas são as instituições que desempenham papel fundamental nesse processo.

Diferentemente das bibliotecas públicas estaduais ou municipais, criadas pelos governos estaduais e municipais, as bibliotecas comunitárias são instituídas pelas comunidades e têm como objetivos principais atuar com propósitos de contribuir para diminuir as diferenças socioculturais e educativas de uma comunidade. Elas surgiram como resposta aos problemas informacionais que as comunidades enfren- tam e também como mais uma iniciativa de inclusão.

Pelo fato de serem elas criadas pelas comunidades, as dificuldades para a sua implementação e manutenção se mostram enormes. Por isso, muitas delas são criadas por meio de projetos sociais financiados por empresas ou organismos nacionais e

internacionais. Para que seja possível obter recursos, visando à criação de bibliotecas comunitárias ou outros projetos sociais, os projetos devem ser bem estruturados e seguir as políticas das organizações financiadoras.

Agora que você já sabe o que é uma biblioteca comunitária mostramos a seguir a minuta de um projeto de captação de recursos para a elaboração desse tipo de biblioteca. Esclarecemos que essa minuta se refere à implantação de uma biblioteca fictícia, portanto, se trata apenas de exemplo de modelo de projeto.

**Para saber mais, veja o texto Bibliotecas comunitárias em pauta, de autoria da Maria Christina Barbosa de Almeida e Elisa Machado na lista de referências.**

## 1 Apresentação do projeto

Este documento apresenta o Projeto de criação da Biblioteca Comunitária “Visconde de Sabugosa” na comunidade de “Pasárgada”, município de Manuel Bandeira, que se localiza a 150 quilômetros da Capital do Sol.

A comunidade de “Pasárgada” foi formada com a chegada de famílias de agricultores, oriundas de vários municípios atingidos pelas constantes secas que castigaram a região nos últimos dez anos, prejudicando as lavouras e deixando essas famílias vulneráveis em todos os sentidos, sendo as crianças e os adolescentes aqueles que mais sofrem com essa situação.

A finalidade deste projeto é contribuir para a redução do analfabetismo, a capacitação tecnológica e o fortalecimento da cidadania de crianças e adolescentes que estejam enfrentando situação de risco social nessa comunidade. Para tanto, serão efetivadas intervenções socioculturais, tecnológicas e educativas com base nas seguintes estratégias: socialização de leituras, capacitação em competências tecnológicas, contação de histórias, montagem de peças teatrais, preservação da memória e do patrimônio local, artes plásticas, dança, orientação às tarefas da escola, música etc.

As ações serão efetivadas em parceria com as instituições ligadas às Secretarias de Educação de Cultura e de Ação Social do Município, sendo realizadas em horários alternados ao da escola. A metodologia adotada estará em consonância com a legislação vigente do Estatuto da Criança e do Adolescente e primará pelo respeito a esse público que enfrenta condição de desenvolvimento não compatível com a Declaração dos Direitos do Homem, com os parâmetros da UNESCO e com a Constituição Federal, no que concerne a terem seus direitos atendidos.

Esse projeto é de suma importância para a comunidade, pois atenderá em média 250 crianças e adolescentes carentes, de ambos os sexos, na faixa etária de 03 a 16 anos e também terá sua ação extensiva às famílias dessas crianças e as comunidades do entorno de “Pasárgada”.

Para que esse projeto seja efetivado, pleiteamos que ele venha a ser financiado e salientamos que os recursos financeiros deverão cobrir os custos alocados em R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais), pelo período de 12 meses de ação, de janeiro a dezembro de 2012.

Aproveitando o edital lançado pela “Alice no País das Maravilhas” é que elaboramos esse projeto para concorrer nessa modalidade.

## 2. Identificação da instituição

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS CIDADÃOS DE “PASÁRGADA”

Presidente: Visconde de Sabugosa Lobato

CNPJ: 0000000/0001-00

Endereço completo: Comunidade de “Pasárgada”-Km-64- Br-212C

CEP: 00010-101

Telefones: (85) 12112112

Fax: (85) 12112113

E-mail: cpasargada@gmail.com.lua

Dados bancários: Banco da Branca de Neve Agência- 01200-00 Conta- 1010-10

### 2.1 Dados de qualificação da instituição

A Associação Comunitária dos Cidadãos de “Pasárgada” é uma instituição civil sem fins lucrativos, criada em 20 de julho de 1990, como consequência da chegada de famílias de agricultores, que vieram de vários municípios atingidos pelas constantes secas que castigaram a região nos últimos dez anos, prejudicando as lavouras e deixando essas famílias vulneráveis, sendo as crianças e os adolescentes aqueles que mais sofrem com essa situação. A associação fica localizada no município de Manuel Bandeira, que se localiza a 150 quilômetros da Capital do Sol.

De acordo com os dados estatísticos do último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ano 2000, a população total da comunidade de “Pasárgada” era de 5000 habitantes, sendo que, desse total, 300 se encontram na faixa etária de zero à 18 anos, o que corresponde a 60% da população considerada não economicamente ativa. É uma comunidade rural e cujas condições geográficas, climáticas, educativas e econômicas não oferecem grandes possibilidades de trabalho. A escola rural oferta educação formal apenas até o ensino fundamental, sendo que escola de ensino médio se encontra a 150 quilômetros da cidade. Assim, os jovens permanecem no campo, porém, sem uma qualificação adequada nem para o cultivo da terra nem para outro tipo de trabalho.

A missão dessa entidade é reunir os moradores da comunidade, visando ao seu fortalecimento para que, unidos, possam lutar por ações concretas junto do Governo e ao Estado para garantir seus direitos a educação, saúde e moradia, de modo a assegurar a satisfação de suas necessidades básicas e, conseqüentemente, uma vida digna. Portanto, há mais de 20 anos desenvolvendo ações para solucionar problemas emergentes da comunidade de “Pasárgada”, como, por exemplo, falta de uma escola voltada ao ensino médio, ausência de equipamentos culturais – bibliotecas, centros comunitários, entre outros. Para a concretização dessas ações, já foram executados projetos oriundos de parcerias com algumas instituições, destacando-se: “Fazendo pão de macaxeira”, “Cuscuz no ar”, “Plantar, colher e comer” e “Seja informado”. Todos esses projetos procuram dar atenção às crianças e aos jovens da comunidade, tendo sido beneficiados cerca de 100 pessoas.

### 3 Identificação dos responsáveis pelo projeto

#### 3.1 Responsável pela parte operacional

**Gato Risonho de Botas:** bibliotecário, especialista em Psicopedagogia. Tem experiência em projetos sociais que envolvem a leitura e a contação de histórias, tendo trabalhado também como educador em competência informacional, principalmente voltadas para o uso das tecnologias a serviço da cidadania.

Endereço completo: Comunidade de "Pasárgada"-Km-64- Br-212C

RG: 010101- SISCE      Data de emissão: 30/02/1935

CPF:00110101010

Telefones: (85) 12112112      Fax: (85) 12112113

E-mail: gatocpasargada@gmail.com.lua

#### 3.2 Responsável pela parte tecnológica e socioeducacional

**Lagarta Pintada de Azul:** bibliotecária da Fundação "Dona Baratinha", especialista em educação de crianças e adolescentes. Tem experiência em projetos sociais que envolvem a socialização e o aprendizado crianças e jovens, tendo trabalhado também como educadora em competência informacional no aprendizado e uso das tecnologias digitais a serviço da cidadania.

Endereço completo: Comunidade de "Pasárgada"-Km-64- Br-212C

RG: 101010-01- SISCE      Data de emissão: 32/02/1945

Telefones: (85) 12112112      Fax: (85) 12112113

E-mail: lagartacpasargada@gmail.com.lua

### 4 Justificativa

É evidente que as desigualdades sociais afetam grande parte da população do mundo e são consequência da má distribuição de renda. No contexto brasileiro, esse fato é bem notório e contribui decisivamente para a falta de acesso a educação, saúde, alimentação, habitação, cultura e, conseqüentemente, para o desenvolvimento como um todo. As estatísticas mostram que 34% da população brasileira vive em estado de pobreza e 15% em extrema pobreza. Isso significa que as crianças nascidas abaixo da linha de pobreza provavelmente vão continuar muito pobres, pois não terão como sair dessa condição, consequência direta das desigualdades sociais.

Na Comunidade de "Pasárgada", também não é diferente. Sua população é muitíssimo afetada pela desigualdade social do País, sendo, portanto, excluída do acesso contínuo e suficiente aos bens educacionais, culturais, profissionais e do uso de tecnologias digitais de informação e de comunicação. A ausência desses bens afeta diretamente essa população, que continua cada vez mais excluída uma vez que se trata de uma comunidade rural e cujas condições geográficas, climáticas, educativas e econômicas não oferecem grandes possibilidades, muito menos de trabalho. A escola rural oferece educação formal apenas até o ensino fundamental, sendo que a escola de ensino médio se encontra a 150 quilômetros da cidade. Assim, os jovens ou saem para viver uma vida marginal na Capital

ou permanecem no campo, porém, sem uma qualificação adequada nem para o cultivo da terra nem para outro tipo de trabalho. Então, o que resta a esses cidadãos?

Embora que Associação Comunitária dos Cidadãos de “Pasárgada” venha há mais de 20 anos desenvolvendo ações junto aos habitantes da região, com relação aos aspectos socioculturais e educativos, muito ainda resta a ser feito, principalmente no que diz respeito a alfabetização, leitura e domínio das tecnologias digitais, em consequência da falta de pessoal qualificado, equipamentos sociais e tecnológicos. Este é o motivo pelo qual estamos interessados em construir a Biblioteca Comunitária “Visconde de Sabugosa” nessa comunidade: acreditamos que suas ações contribuirão para reduzir o analfabetismo local, para melhorar a educação e a qualificação profissional e, conseqüentemente, para o acesso a melhores condições de vida, trabalho e manutenção da população nas áreas rurais. O projeto atingirá cerca de 150 pessoas, de ambos os sexos e na faixa etária de três e 18 anos, embora seu raio de ação possa chegar também aos adultos, bem como às comunidades adjacentes.

Temos ciência de que somente pela sensibilização, conscientização e união é possível continuar lutando para o desenvolvimento sociocultural, educativo e tecnológico da comunidade. Afinal, somos cidadãos pasagardenses e, portanto, caso esse projeto seja aprovado, os resultados se converterão em benefícios reais para essa comunidade, pois as crianças e os adolescentes viverão momentos de capacitação, socialização e educação. Por meio de investimentos em programas dessa natureza, as crianças e jovens de “Pasárgada” poderão desenvolver suas habilidades e competências, pois vivenciarão atividades educativas, socioculturais e tecnológicas e, por conseguinte, essas ações fortalecerão a cidadania. Almejamos alcançar, desse modo, os seguintes resultados: integração de 100% das crianças e adolescentes da comunidade nas ações desenvolvidas pela biblioteca comunitária; colaboração de pelo menos 40 % das famílias nas ações, tanto participando nas ações efetivas - como merenda, limpeza etc. - como atuando na mediação para que seus filhos se envolvam; colaboração com a escola a fim de que 100% das crianças atinjam o desempenho esperado; garantia de que 100% das crianças e adolescentes participem ao menos de quatro atividades propostas: leitura, contação de história, roda de leitura, auxílio nas atividades escolares, atividades artísticas, capacitação tecnológica.

## 5 Objetivos

### 5.1 Objetivo Geral

Contribuir para o desenvolvimento educativo, social e tecnológico de crianças e adolescentes da comunidade de “Pasárgada”, oferecendo-lhes oportunidades de capacitação por meio de ações de democratização da leitura e do uso da tecnologia digital como ferramentas de garantia da conquista da cidadania.

### 5.2 Objetivos específicos

- a) Despertar na criança e no jovem pasagardense o gosto pela leitura, por meio da contação de histórias.
- b) Contribuir para a democratização da leitura, possibilitando o acesso ao livro.
- c) Estimular a leitura prazerosa por meio de ações de rodas de leitura.
- d) Orientar as crianças e os jovens nas tarefas e outras atividades da escola.
- e) Contribuir para o desenvolvimento sociocultural, educativo e tecnológico da

comunidade.

f) Adquirir uma coleção de acervos compatíveis com as necessidades da comunidade.

g) Proceder ao tratamento, à organização e à disseminação do acervo, a fim de facilitar o acesso à comunidade.

h) Adquirir computadores e outras ferramentas digitais, a fim de ensinar a capacitação tecnológica à comunidade.

i) Oferecer capacitação das tecnologias digitais, para crianças e adolescentes na perspectiva de inclusão digital e de que eles possam ser multiplicadores dessa capacitação junto à comunidade.

j) Construir a página web da biblioteca, para divulgar os serviços oferecidos por essa instituição.

## 6 Metodologia

Como se trata de um projeto voltado para ações educativas, socioculturais e de capacitação em tecnologias digitais, a metodologia adotada estará em consonância com os objetivos propostos, privilegiando ações que venham a contribuir, efetivamente, para a cidadania das crianças e adolescentes da comunidade de “Pasárgada”. Assim, apresentamos as atividades socioculturais e educativas nos quadros a seguir.

	TRABALHO DIÁRIO					
	ATIVIDADES	DIAS DA SEMANA	HORÁRIO	FAIXA ETÁRIA	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA MENSAL
AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO DO GOSTO PELA LEITURA	Contação de história <b>(Manhã 1º horário)</b>	3ª, 5ª e sábado	9h30min às 11h30min	3 – 9	6h/a	30h/a
	Contação de história <b>(Tarde 2º horário)</b>	3ª, 5ª e sábado	14H às 16H	10 – 14	6h/a	30h/a
	Contação de história <b>(Noite 1º horário)</b>	3ª, 5ª e sábado	18h30min às 20h30min	15 – 18	6h/a	30h/a
	Contação de história <b>(Horário especial)</b>	Domingo	A combinar com a equipe do projeto	dos 3 anos de idade em diante	A combinar com a equipe do projeto	A combinar com a equipe do projeto

AÇÕES DE APOIO ÀS ATIVIDADES ESCOLARES	TRABALHO DIÁRIO					
	ATIVIDADES	DIAS DA SEMANA	HORÁRIO	FAIXA ETÁRIA	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA MENSAL
	Socio-pedagógico <b>(Manhã 1º horário)</b>	2ª a 6ª	7h30min às 9h30min	6 – 9	10H/A	40h/a
	Socio-pedagógico <b>(Tarde 2º horário)</b>	2ª a 6ª	14H às 16H	10 – 14	10H/A	40h/a
Socio-pedagógico <b>(Noite 1º horário)</b>	2ª a 6ª	18H30MIN às 20h30min	15 – 18	10H/A	40h/a	

AÇÕES DE ESTÍMULO À LEITURA	TRABALHO DIÁRIO					
	ATIVIDADES	DIA DA SEMANA	HORÁRIO	FAIXA ETÁRIA	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA MENSAL
	Rodas de leituras <b>(Manhã 1º horário)</b>	Sábado	9h30min às 11H30MIN	6 – 10	2H/A	10H/A
	Rodas de leituras <b>(Tarde 2º horário)</b>	Sábado	14H às 16H	11 – 14	2H/A	10H/A
Rodas de leituras <b>(Noite 1º horário)</b>	Sábado	18H30MIN às 20h30min	15 – 18 e demais interessados	2H/A	10H/A	

PREPARAÇÃO DO ACERVO	TRABALHO DIÁRIO				
	ATIVIDADES	DIAS DA SEMANA	HORÁRIO	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA MENSAL
	Tratamento, organização e disseminação do acervo	2ª a 6ª	7h30min às 12H30MIN e de 14H às 18H	40h/a	180H/A

CAPACITAÇÃO EM TECNOLOGIA DIGITAL	TRABALHO DIÁRIO					
	ATIVIDADES	DIAS DA SEMANA	HORÁRIO	FAIXA ETÁRIA	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA MENSAL
	Introdução à informática Manhã 1º horário	2ª a 6ª	7h30min às 9h30min	9 – 12	10H/A	40h/a
	Introdução à informática Tarde 2º horário	2ª a 6ª	14H às 16H	13 – 17	10H/A	40h/a
	Introdução à informática Noite 1º horário	3ª a sábado	18H30MIN às 20h30min	Acima de 17 anos	10H/A	40h/a
	ACESSO À INTERNET					
	Acesso à rede (internet)	2ª a 6ª	7h30min às 9h30min	9 – 12	10H/A	40h/a
	Acesso à rede (internet)	2ª a 6ª	14H às 16H	13 – 17	10H/A	40h/a
	Acesso à rede (internet)	3ª a sábado	18H30MIN às 20h30min	Acima de 17 anos	10H/A	40h/a
	CRIAÇÃO DE PÁGINAS NA WEB					
Criação de páginas na web	2ª a 6ª	7h30min às 9h30min	9 – 12	10H/A	40h/a	
Criação de páginas na web	2ª a 6ª	14H às 16H	13 – 17	10H/A	40h/a	
Criação de páginas na web	3ª a sábado	18H30MIN às 20h30min	Acima de 17 anos	10H/A	40h/a	

## 7 Cronograma

ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	PERÍODO DE EXECUÇÃO												
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Coordenação do projeto	Bibliotecário													
Contação de história	Bibliotecário	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Auxílio nas tarefas escolares	Professor	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Capacitação tecnológica	Instrutor de tecnologia da informação	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Oficinas de contação de história e outras atividades sócio culturais	Instrutor(a) / oficineiro(a) de arte / esporte (h/a)	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Avaliação	Equipe				x				x					x
Relatório final												x	x	

## 8 Recursos

EQUIPAMENTO E MATERIAL PERMANENTE	QUANT.	CUSTO UNITÁRIO	CUSTO TOTAL
Livros (cobrindo vários assuntos relacionados ao ensino fundamental e médio e outros de interesse da comunidade, obras de referência, livros em formato eletrônico, periódicos).	1000	45,00	55.000,00
Jogos educativos (xadrez, damas, dominós e outros)	50	20,00	1.000,00
Placa-mãe LGA775 INTEL DG41WV (DDR3)	20	193,00	38.600,00
Processador INTEL 775 core 2DUO E7500	20	334,76	6.695,20
Disco rígido interno 500GB SpinPOINT166 (hd502Al)	20	131,59	2.681,80
Memória DDR3 2GB	20	56,85	1.137,00
Gravador DVD interno preto com cabo de força (GH20NS10)	20	56,85	1.137,00

Placa-mãe LGA775 INTEL DG41WV (DDR3)	20	193,00	3.860,00
Caixa de som 180W	20	15,00	300,00
Gabinete com fonte real 200w	20	103,00	2.060,00
Teclado PS2	20	16,00	320,00
Mouse PS2 óptico	20	8,00	160,00
Monitor LED 18,5	20	400,00	8.000,00
Quadro branco	2	150,00	300,00
Mesa de computador	20	130,00	2.600,00
Estabilizador	20	130,00	2.600,00
TV 20 polegadas	1	990,00	990,00
Mesa para televisão	1	130,00	130,00
Cadeira de palhinha	10	110,00	1.100,00
Carteiras	150	50,00	7.500,00
Armário de madeira e fórmica com 02 portas	10	298,00	2.980,00
Mesa grande de madeira e fórmica	2	304,00	608,00
Estante de ferro	4	110,00	440,00
Birô de madeira	4	179,00	716,00
Ventilador de teto	4	169,00	676,00
Mesa para som	1	139,00	139,00
Impressora	2	199,00	398,00
Scanner	1	229,00	229,00
Data show	1	1.699,00	1.699,00
Microfone	2	135,00	270,00
Microfone sem fio	2	400,00	800,00
Aparelho de som	2	499,00	998,00
Caixa de som	2	500,00	1.000,00
Microsystem	1	200,00	200,00
Aparelho telefônico	4	70,00	280,00
<b>TOTAL</b>			<b>112.814,00</b>
<b>MATERIAL DE CONSUMO</b>			
<b>ITENS</b>	<b>CUSTO INDIVIDUAL/ MENSAL</b>		<b>CUSTO TOTAL</b>
Limpeza e higiene pessoal	150,00		1.800,00
Material de expediente	190,00		2.280,00
Material didático/ LÚDICO	375,00		4.500,00
<b>TOTAL</b>			<b>8.580,00</b>

OUTRAS DESPESAS				
ITENS	CUSTO INDIVIDUAL/ MENSAL		CUSTO TOTAL	
Alimentação	4.500,00		54.000,00	
Conta de energia elétrica	150,00		1.800,00	
Conta de telefone	190,00		2.280,00	
Acesso à Internet	50,00		600,00	
Consertos e manutenção	280,00		3.000,00	
Gás	45,00 (24 botijões)		1.080,00	
TOTAL			62.760,00	
RECURSOS HUMANOS				
PESSOAL	QUANT.	CUSTO INDIV.	CUSTO TOTAL	TOTAL/ ANO
Bibliotecário coordenador(a) geral	01	2.500,00	2.500,00	30.000,00
Bibliotecário contador de história	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Professor	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Instrutor de tecnologia da informação	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Instrutor(a) / oficinairo(a) de arte / esporte (h/a)	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Agente administrativo	02	545,00	1.090,00	13.080,00
Responsável pela merenda	02	545,00	1.090,00	13.080,00
Serviços gerais	02	545,00	1.090,00	13.080,00
TOTAL				213.240,00

## 9 Custos do projeto

ORÇAMENTO FÍSICO-FINANCEIRO DOS RECURSOS SOLICITADOS					
Parcelas de janeiro a dezembro de 2013					
1. DESPESAS DE PESSOAL					
PESSOAL	TURNO	QUANT.	CUSTO INDIV.	CUSTO TOTAL	TOTAL/ ANO
Bibliotecário coordenador(a) geral	Diurno/ Noturno	01	2.500,00	2.500,00	30.000,00
Bibliotecário contador de história	Diurno/ Noturno	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Professor	Diurno/ Noturno	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00

Instrutor de tecnologia da informação	Diurno/Noturno	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Instrutor(a) / oficineiro(a) de arte / esporte (h/a)	Diurno/Noturno	02	1.500,00	3.000,00	36.000,00
Agente administrativo	Diurno/Noturno	02	545,00	1.090,00	13.080,00
Responsável pela merenda	Diurno/Noturno	02	545,00	1.090,00	13.080,00
Serviços gerais	Diurno/Noturno	02	545,00	1.090,00	13.080,00
<b>1.1 SUBTOTAL</b>		<b>15</b>	<b>10.135,00</b>	<b>17.770,00</b>	<b>213.240,00</b>
1.1.1 Adicional noturno					
1.1.2 Total					
<b>2. ENCARGOS SOCIAIS</b>				<b>MENSAL</b>	<b>ANUAL</b>
A – INSS (20% + 1% + 5,8% = 26,80%) S/ Vr Folha				4.762,36	57.148,32
B – FGTS (8,5% s/ Vr Folha)				1.510,45	18.125,40
C – PIS (1% s/ Vr Folha)				177,70	2.132,40
D – PIS (1% s/ 1ª Parcela 13º Salário)				00	88,85
E – PIS (1% S/ 2ª Parcela 13º Salário)				00	72,19
F – PIS (1% S/ 1/3 Férias)				00	59,23
G – 13º Salário – 1ª Parcela s/ folha Geral				00	8.885,00
H – 13º Salário – 2ª Parcela s/ folha s/ base 2.500,00				00	925,62
I – 13º Salário – 2ª Parcela s/ folha s/ base 1.500,00				00	4.920,00
J – 13º Salário – 2ª Parcela s/ folha s/ base 545,00				00	1.373,40
L – IRF s/ folha				794,82	9.537,84
M – INSS – S/ 1ª Parcela 13º Salário (26,5%)				00	2.354,53
N – INSS – S/ 2ª Parcela 13º Salário (26,5%)				00	1.913,04
O – Férias S/ Folha Geral				00	17.770,00
P – Férias 1/3 S/ Folha Geral				00	5.923,33
Q – INSS – S/Férias 12/12 + 1/3 (26,5%)				00	6.278,73
R – FGTS S/ 1/3 de Férias (8,5% N)				00	503,48
S – FGTS S/ 1ª 13º Salário (8,5% D)				00	755,23
T – FGTS S/ 2ª Parcela 13º Salário (8,5%E, F e G)				00	613,62
U – VT (Vale H, cada trecho 3,40)				2.448,00	29.376,00
<b>2.1 SUBTOTAL</b>				<b>9.693,33</b>	<b>168.756,21</b>
<b>TOTAL (1.1 + 1.2)</b>				<b>27.463,33</b>	<b>381.996,21</b>
<b>3. VERBAS RESCISÓRIAS (Rescisão por dispensa sem justa causa)</b>					

FGTS rescisória (50%)		8.530,00
Aviso prévio trabalhado (30 dias)		17.770,00
3.1 SUBTOTAL		26.300,00
TOTAL (1 + 2 + 3)		408.296,21

4. EQUIPAMENTO E MATERIAL PERMANENTE			
ITENS	QUANT	CUSTO UNITÁRIO	CUSTO TOTAL
Livros (cobrindo vários assuntos relacionados ao ensino fundamental e médio e outros de interesse da comunidade, obras de referência, livros em formato eletrônico, periódicos).	1000	45,00	55.000,00
Jogos educativos (xadrez, damas, dominós e outros)	50	20,00	1.000,00
Placa-mãe LGA775 INTEL DG41WV (DDR3)	20	193,00	38.600,00
Processador INTEL 775 core 2DUO E7500	20	334,76	6.695,20
Disco rígido interno 500GB SpinPOINT166 (hd502AI)	20	131,59	2.681,80
Memória DDR3 2GB	20	56,85	1.137,00
Gravador DVD interno preto com cabo de força (GH20NS10)	20	56,85	1.137,00
Placa Mãe LGA775 INTEL DG41WV (DDR3)	20	193,00	3.860,00
Caixa de som 180W	20	15,00	300,00
Gabinete com fonte real 200w	20	103,00	2.060,00
Teclado PS2	20	16,00	320,00
Mouse PS2 óptico	20	8,00	160,00
Monitor LED 18,5	20	400,00	8.000,00
Quadro branco	2	150,00	300,00
Mesa de computador	20	130,00	2.600,00
Estabilizador	20	130,00	2.600,00
TV 20 polegadas	1	990,00	990,00
Mesa para televisão	1	130,00	130,00
Cadeira de palhinha	10	110,00	1.100,00
Carteiras	150	50,00	7.500,00
Armário de madeira e fórmica com 02 portas	10	298,00	2.980,00
Mesa grande de madeira e fórmica	2	304,00	608,00
Estante de ferro	4	110,00	440,00
Birô de madeira	4	179,00	716,00

Ventilador de teto	4	169,00	676,00
Mesa para som	1	139,00	139,00
Impressora	2	199,00	398,00
Scanner	1	229,00	229,00
Data-show	1	1.699,00	1.699,00
Microfone	2	135,00	270,00
Microfone sem fio	2	400,00	800,00
Aparelho de som	2	499,00	998,00
Caixa de som	2	500,00	1.000,00
Microsystem	1	200,00	200,00
Aparelho telefônico	4	70,00	280,00
4.1 SUBTOTAL			112.814,00
TOTAL (1 + 2 + 3 + 4)			521.110,21
<b>5. DESPESAS COM MANUTENÇÃO</b>			
ITENS	CUSTO INDIVIDUAL/ MENSAL		CUSTO TOTAL
Alimentação	4.500,00		54.000,00
Limpeza e higiene pessoal	150,00		1.800,00
Material de expediente	190,00		2.280,00
Material didático/ LÚDICO	375,00		4.500,00
Energia elétrica	150,00		1.800,00
Telefone	190,00		2.280,00
Reparos e consertos	280,00		3.000,00
Gás	150,00		1.800,00
5.1 SUBTOTAL	7.335,00		69.678,00
TOTAL (1 + 2 + 3 + 4 + 5)			590.788,21

## 10 Avaliação

A avaliação será feita ao longo do desenvolvimento das ações propostas e no final do projeto. A avaliação periódica será feita conjuntamente pela equipe responsável pela realização das atividades planejadas, em reuniões com a comunidade. Essa avaliação é necessária para que sejam feitos os ajustes necessários ao bom desenvolvimento do projeto. Todas as reuniões de avaliação constarão em ata. A avaliação final constará da análise referente ao desenrolar do projeto e os resultados sobre o alcance dos objetivos.

Com relação ao desembolso dos recursos financeiros, serão utilizadas fichas contábeis, de modo a contribuir para a prestação de contas relativas aos gastos referentes dos recursos. Também serão utilizadas fichas de inscrições dos participantes, de acompanhamento das atividades previstas e executadas.

## 11 Relatório

No relatório final, devem ser apresentadas as atividades que foram previstas e realizadas ao longo do projeto, bem como os imprevistos que aconteceram e os resultados alcançados. Devem ser ressaltadas todas as alterações previstas no cronograma, justificando os atrasos no desenvolvimento do projeto, inclusive as mudanças no cronograma de execução e as solicitações de prorrogação da vigência do projeto para data posterior ao que foi definido no projeto inicial, mencionando o documento que concordou com as alterações no cronograma. Se houver sido feito algum remanejamento de recursos financeiros, devem ser apresentados os comprovantes de solicitação e as concordâncias por parte dos financiadores.

É mais esclarecedor se você fizer um quadro, como, por exemplo, o que apresentamos a seguir.

RESULTADOS PREVISTOS	RESULTADOS ALCANÇADOS
Integração de 100% das crianças e adolescentes nas ações desenvolvidas pelo projeto.	O projeto conseguiu esse feito, todas as crianças e adolescentes "pasagardenses" foram integrados às ações do projeto.
Colaboração com a escola, a fim de que 100% das crianças atinjam o desempenho esperado.	As ações referentes aos resultados previstos tiveram êxito somente em 80%.
Garantia de que 100% das crianças e adolescentes participem ao menos de quatro atividades do projeto: leitura, contação de história, roda de leitura, auxílio nas atividades escolares, atividades artísticas, capacitação tecnológica.	100% das crianças participaram das atividades de contação de história, roda de leitura e atividades artísticas e foram auxiliadas nas atividades escolares. Somente 60% delas participaram das capacitações tecnológicas. Isso se deu porque a preocupação maior do projeto foi com os adolescentes em virtude da possibilidade de alocar os adolescentes no mercado de trabalho. Nas atividades socioculturais e educativas (leitura, contação de história, roda de leitura etc.), somente 50% dos adolescentes se integraram a essas atividades.
Colaboração de pelo menos 40 % das famílias ao projeto, tanto participando nas ações efetivas (merenda, limpeza etc.) como atuando na mediação para que seus filhos se envolvam no projeto.	Houve a colaboração de 80% das famílias e isso foi muito bom para o desenvolvimento do projeto. Ressaltamos que 20% delas participaram com ações voluntárias, o que demonstra o interesse em melhoria de vida para a comunidade.

Retorne aos objetivos gerais e específicos, apontando o que foi alcançado e justifique aqueles não concretizados.

Avalie e descreva o sucesso do projeto com relação ao seu desenvolvimento,

execução e término. Diga também se houve a participação de outros parceiros que contribuíram para o sucesso do projeto. Teça outros comentários finais, que julgar necessários.

## Para Consultar

- Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. (<http://www.fbb.org.br/upload/biblioteca/documentos/1301345876953.pdf>)
- Banco de Práticas de RSE (<http://www.varejosustentavel.com.br/noticia.php?id=149>)
- Ministério da Cultura (<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/apoio-a-projetos/>)
- Assoc. Bras. de Captadores de Recursos – ABCR (<http://abcr-nucleobrasilia.blogspot.com/>)
- Instituto Ethos de Responsabilidade Social (<http://www.google.com.br/search?q=%E2%80%A2%09Instituto+Ethos+de+Responsabilidade+Social&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a>)
- Rede de Tecnologia Social (<http://www.rts.org.br/>)

## Referências

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas PÚBLICAS e bibliotecas alternativas**. Londrina : Editora UEL, 1997.

BARBOSA, M.C.de A; Machado, E. **Bibliotecas comunitárias em pauta**. ITAÚ Cultural. Disponível em <[www.itaucultural.org.br/biblioteca](http://www.itaucultural.org.br/biblioteca)> acesso em: 18 de maio de 2012.

CUNHA, Antonio G. da. Dicionário etimológico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREIRE, F.M.P. & PRADO, M.E.B.B. Projeto Pedagógico: Pano de fundo para escolha de um software educacional. In: VALENTE, J.A. (org.) **O computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP-NIED, 1999.

PRADO, M.E.B.B. **Articulando saberes e transformando a prática**. Boletim do Salto para o Futuro. Série Tecnologia e Currículo, TV ESCOLA. Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED. Ministério da Educação, 2001. <<http://www.tvebrasil.com.br>>

HARASAWA, Ely (coord). **Biblioteca Viva: fazendo a história com livros e leituras**. Disponível em: < [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_OBRA=17757](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_OBRA=17757) > Acesso em: 15 de agosto 2011.

HOLANDA, Nilson. **Planejamento e projetos: uma introdução às técnicas de planejamento e elaboração de projetos**. Rio de Janeiro: APEC/MEC, 1975.

SCHIAVO, Marcio Ruiz. Dez Anos de Merchandising Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. Brasília, 2006. **Anais...** Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/NACIONAIS/2006/RESUMOS/R1820-1.PDF>>. Acesso em: 20 de ago. 2010

SOUZA, Herbert de. As ONGs na década de 90. In: Encontro Internacional de ONGs e o Sistema de Agências das Nações Unidas, 1., 1991. **Anais...** Rio de Janeiro, IBASE-PNUD, 1991.





A biblioteca comunitária é um espaço de mediação. Nela, as experiências pessoais e sociais se entrelaçam com fios multicores das vivências e das memórias cotidianas, em tons distintos. Ritos se processam, leituras se cruzam e travessias acontecem. Portanto, é lugar de transformação, onde leitores se fazem presentes de diversas maneiras pela disseminação do conhecimento que produzem ou são coautores. Falamos, dessa forma, das intertextualidades do viver, das vozes que se projetam e se somam à cultura, ao afeto, ao ritmo e ao imaginário de cada um.

Portanto, um bom começo para uma biblioteca comunitária é o entrelaçar de saberes e vozes, unidos em uma questão crucial: *qual a biblioteca que queremos?* Assim, nos tornaremos construtores desse espaço rico de representações, do qual podemos concluir: *eu tenho uma biblioteca que me interessa.*

*Lidia Eugenia Cavalcante*

ISBN 978-65-00-08286-9

